

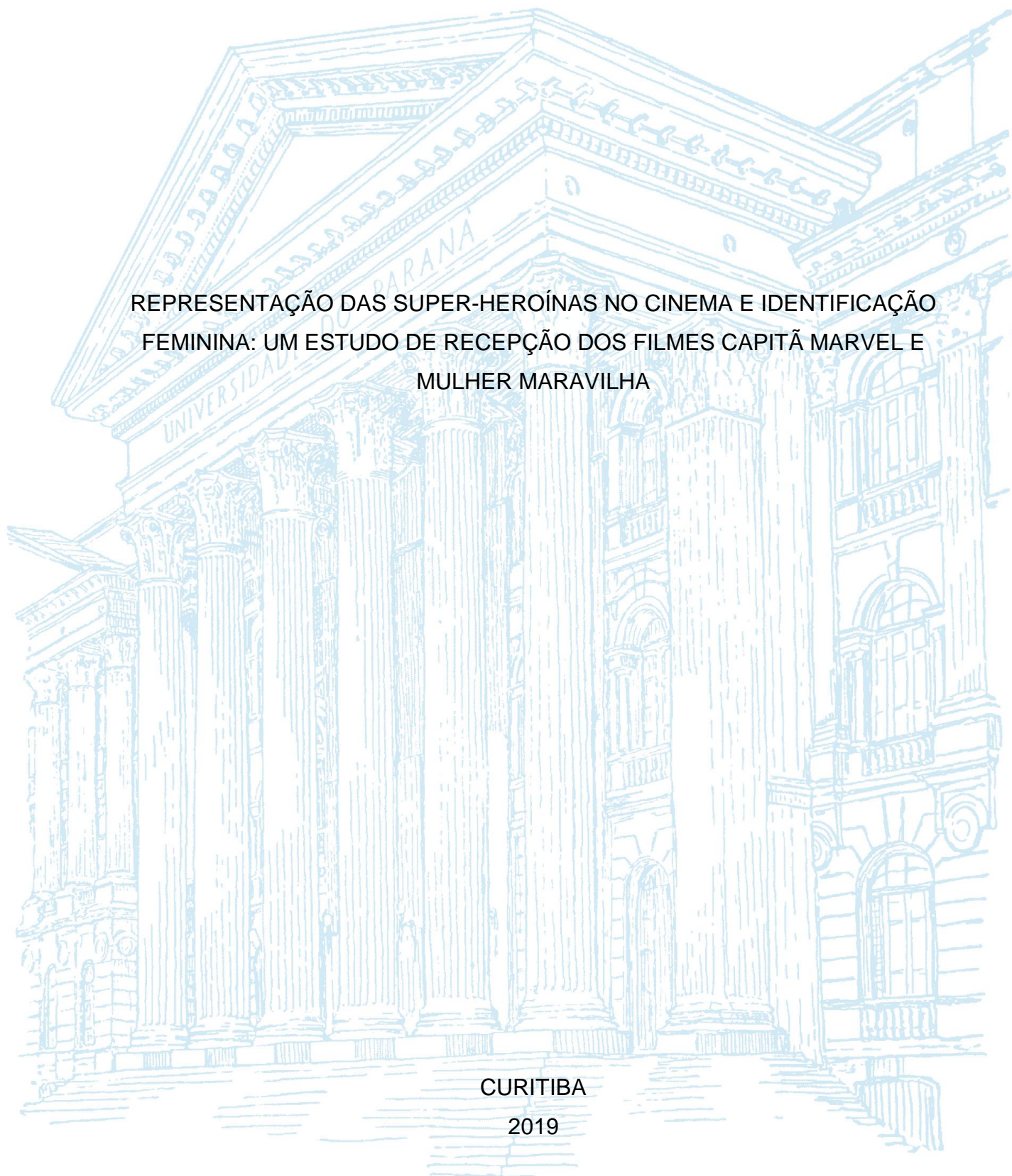
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE KUVIATKOSKI DE BARROS

REPRESENTAÇÃO DAS SUPER-HEROÍNAS NO CINEMA E IDENTIFICAÇÃO  
FEMININA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DOS FILMES CAPITÃ MARVEL E  
MULHER MARAVILHA

CURITIBA

2019



CAROLINE KUVIATKOSKI DE BARROS

REPRESENTAÇÃO DAS SUPER-HEROÍNAS NO CINEMA E IDENTIFICAÇÃO  
FEMININA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DOS FILMES CAPITÃ MARVEL E  
MULHER MARAVILHA

TCC apresentado ao curso de Graduação em Comunicação Social – Relações Públicas, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Valquiria Michela John

CURITIBA

2019

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

VALQUÍRIA MICHELA JOHN  
REGIANE REGINA RIBEIRO  
CAMILA RECCHIA

### **REPRESENTAÇÃO DAS SUPER-HEROÍNAS NO CINEMA E IDENTIFICAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DOS FILMES CAPITÃ MARVEL E MULHER MARAVILHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, pela seguinte banca examinadora:

---

Profa. Doutora Valquíria Michela John  
Orientadora - Setor de Artes, Comunicação e Design da  
Universidade Federal, UFPR.

---

Profa. Doutora Regiane Regina Ribeiro  
Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal,  
UFPR.

---

Mestranda Camila Recchia  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da  
Universidade Federal, UFPR.

Curitiba, 04 de dezembro de 2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço os meus pais, Patrícia e Haroldo, por darem o melhor de si para que eu me tornasse o melhor de mim. Por cada esforço, afeto, bronca e abraço. Por me guiarem pelo caminho e serem um porto seguro, qualquer que fosse a situação.

À minha irmã, Bruna, por ser minha melhor amiga. Por me ajudar concreta e abstratamente em tudo que faço. Por dividir comigo a infância, a adolescência e a vida adulta. Crescer com você é um privilégio.

À minha melhor amiga, Vitória Rocha, por ser como uma irmã. Por sua presença, sempre importante, sensível e afetuosa, mesmo que distante fisicamente.

Aos amigos e familiares, por dividirem momentos comigo, sejam risos, lágrimas, conversas fiadas ou reflexões profundas. Obrigada por aguentarem diariamente meus medos e angústias, e também as alegrias e comemorações.

À minha orientadora, Valquíria Michela John, por aceitar conduzir o trabalho e me apoiar tanto em toda a trajetória na graduação. Você é inspiração para a Academia e para a vida.

Aos professores e professoras da UFPR, pela qualidade e dedicação imensuráveis, não só pela atuação profissional, mas pela sensibilidade e disposição em apoiar cada estudante. E, a todos os professores que já passaram pelo meu caminho, seja no Ensino Fundamental ou Médio. Cada um de vocês contribuiu de uma forma para o meu crescimento, pelo qual sou imensamente grata.

À Universidade pública, gratuita e de qualidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL DO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**NOME DO ALUNO(A):** CAROLINE KUVIATKOSKI DE BARROS  
**TÍTULO:** Representação das super-heroínas no cinema e  
identificação feminina: um estudo de recepção dos filmes "Capitã  
Marvel" e "Mulher Maravilha".

**LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:**

Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR,  
realizada na sala 6, no dia 04/12/19, às 10h30.

BANCA EXAMINADORA – PROFESSORES	NOTA
VALQUIRIA MICHELA JOHN (orientadora)	100
REGIANE REGINA RIBEIRO	100
CAMILA RECCHIA FERREIRA (convidada)	100
<b>MÉDIA FINAL:</b>	100

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA
VALQUIRIA MICHELA JOHN	
REGIANE REGINA RIBEIRO	
CAMILA RECCHIA FERREIRA	

Curitiba, 04 de dezembro de 2019.

## RESUMO

As histórias em quadrinhos sobre super-heróis se popularizaram nos Estados Unidos durante a década de 1930, por meio das editoras Marvel Comics e DC Comics. Atualmente, além de produzirem tal formato, ambas as empresas possuem alcance mundial por meio da produção audiovisual. Nestes produtos midiáticos, frequentemente as mulheres são invisibilizadas ou estereotipadas. No entanto, há filmes que empreendem tentativas de rompimento deste cenário, com personagens femininas em posições de protagonismo e destaque, como Mulher Maravilha (2017) e Capitã Marvel (2019). Esta pesquisa visa compreender como se estabelecem as relações de identificação entre o público feminino e as representações cinematográficas de super-heroínas, tendo como objetos justamente as personagens Mulher Maravilha e Capitã Marvel. O trabalho consiste em uma pesquisa exploratória de caráter quantitativo e qualitativo, com coleta de dados via questionário online (divulgado em grupos de fãs de super-heroínas no Facebook), e dois grupos focais (um com participantes consideradas fãs e outro com participantes com menor familiaridade com as personagens). Os resultados apontam que a identificação e a representatividade são importantes para o público feminino, inclusive para gostar de determinada personagem. A identificação é estabelecida com base em elementos como personalidade semelhante à da heroína, e grau de aprofundamento sobre sua narrativa, além de preferência prévia pelas marcas Marvel ou DC. Ainda, as mulheres percebem a estereotipação das personagens femininas do universo de super-heróis, e reconhecem a importância do protagonismo de Mulher Maravilha e Capitã Marvel, como contribuição para mudar paradigmas e inspirar atitudes de empoderamento das mulheres. Percebe-se que a discussão permite problematizar as noções de representatividade e identificação, assim como sua circulação e seus modos de atravessamento na vida social, sobretudo em referência ao público feminino e sua visão sobre si mesmo. Desse modo, explicita-se a relevância das construções ficcionais para a realidade, principalmente em relação com a visibilização de grupos sociais minoritários.

Palavras-chave: Super-heroínas. Identificação. Representação social. Capitã Marvel. Mulher Maravilha.

## **ABSTRACT**

The 1930's was the beginning of the Golden Age of superhero comics through publishers Marvel Comics and DC Comics. Nowadays, in addition to producing this format, the two companies have global reach through audiovisual production. In these media products, women are often invisible or stereotyped. However, there are films that undertake attempts to break this scenario, with female characters in leading and prominent positions, such as Wonder Woman (2017) and Captain Marvel (2019). This research aims to understand how the relations of identification between the female audience and the cinematic representations of superheroines are established, having as objects precisely the characters Wonder Woman and Captain Marvel. The study consists of a quantitative and qualitative exploratory research, with data collection through an online survey and two focus groups. The online survey was posted to superhero fan groups on Facebook. One focus group was conducted with fans and the other with participants less familiar with the characters. The results indicate that identification and representation are important for the female audience, even to like or dislike a certain character. Identification is based on elements such as heroin-like personality, level of narrative knowledge, and prior preference for Marvel or DC Comics. Still, women perceive the stereotyping of female characters in the superhero universe. Moreover, they recognize the importance of the role of Wonder Woman and Captain Marvel as a contribution to changing paradigms and inspiring women's empowerment attitudes. The discussion allows problematizing the notions of representativeness and identification, as well as their circulation and their ways of crossing in social life, especially in reference to the female public and their view of themselves. This explains the relevance of fictional constructions to reality, especially in relation to the visibility of minority social groups.

Keywords: Super heroines. Identification. Social representation. Captain Marvel. Wonder Woman.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1– MULHER MARAVILHA ACORRENTADA.....	23
FIGURA 2 – MULHER MARAVILHA SE LIBERTANDO DE CORRENTES .....	23
FIGURA 3 – DIANA E INTERESSES ROMÂNTICOS.....	28
FIGURA 4 – MULHER MARAVILHA PARA PRESIDENTE.....	29
FIGURA 5 – PÔSTERES DO FILME MULHER MARAVILHA.....	31
FIGURA 6 – CENA DO FILME MULHER MARAVILHA .....	33
FIGURA 7 – PRIMEIRA APARIÇÃO DE CAPITÃ MARVEL NOS QUADRINHOS....	35
FIGURA 8 – CAPA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS DO CAPITÃO MARVEL .....	37
FIGURA 9 – CAPITÃ MARVEL NA HISTÓRIA EM QUADRINHO DO CAPITÃO MARVEL .....	37
FIGURA 10 – CAPA DA PRIMEIRA REVISTA DA MISS MARVEL .....	39
FIGURA 11 – CAPITÃ MARVEL NA REVISTA VINGADORES NÚMERO 200 .....	40
FIGURA 12 – CAROL DANVERS COMO BINÁRIA.....	42
FIGURA 13 – REVISTA MS. MARVEL NÚMERO 1.....	43
FIGURA 14 – EVOLUÇÃO DA APARÊNCIA DA CAPITÃ MARVEL NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS .....	44
FIGURA 15 – PÔSTERES DO FILME CAPITÃ MARVEL.....	45
FIGURA 16 – CENA DO FILME CAPITÃ MARVEL .....	46
FIGURA 17 – CIRCUITO DA CULTURA.....	54
FIGURA 18 – NUVEM DE PALAVRAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO FEMININO .....	99
GRÁFICO 1 – GRÁFICO DE IDADE DOS RESPONDENTES.....	63
GRÁFICO 2 – GRÁFICO DE COR DOS RESPONDENTES.....	63
GRÁFICO 3 – GRÁFICO DE NÍVEL EDUCACIONAL DOS RESPONDENTES .....	64
GRÁFICO 4 – ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS RESPONDENTES .....	65
GRÁFICO 5– MEIOS DE ASSISTIR AO FILME MULHER MARAVILHA .....	66
GRÁFICO 6 – MEIOS DE ASSISTIR AO FILME CAPITÃ MARVEL .....	66
GRÁFICO 7 – RAZÕES PARA ASSISTIR AO FILME MULHER MARAVILHA.....	68
GRÁFICO 8 – RAZÕES PARA ASSISTIR AO FILME CAPITÃ MARVEL .....	69
GRÁFICO 9 – FÃS DA MULHER MARAVILHA .....	70
GRÁFICO 10 – FÃS DA CAPITÃ MARVEL.....	70



GRÁFICO 11 – GRAU DE PARTICIPAÇÃO NOS GRUPOS DE MULHER	
MARAVILHA .....	71
GRÁFICO 12 – GRAU DE PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE CAPITÃ MARVEL...	72
GRÁFICO 13 – ATIVIDADES RELACIONADAS À MULHER MARAVILHA.....	73
GRÁFICO 14 – ATIVIDADES RELACIONADAS À CAPITÃ MARVEL .....	74
GRÁFICO 15 – PRODUTOS RELACIONADOS À MULHER MARAVILHA .....	75
GRÁFICO 16 – PRODUTOS RELACIONADOS À CAPITÃ MARVEL .....	76
GRÁFICO 17 – INSPIRAÇÃO PELA MULHER MARAVILHA .....	77
GRÁFICO 18 – REPRESENTAÇÃO PELA MULHER MARAVILHA .....	78
GRÁFICO 19 – INSPIRAÇÃO PELA CAPITÃ MARVEL .....	78
GRÁFICO 20 – REPRESENTAÇÃO PELA CAPITÃ MARVEL .....	79
GRÁFICO 21 – IDENTIFICAÇÃO COM APARÊNCIA FÍSICA DA MULHER	
MARAVILHA .....	81
GRÁFICO 22 – IDENTIFICAÇÃO COM APARÊNCIA FÍSICA DA CAPITÃ MARVEL	
.....	81
GRÁFICO 23 – IDENTIFICAÇÃO COM VALORES DA MULHER MARAVILHA.....	82
GRÁFICO 24 – IDENTIFICAÇÃO COM PERSONALIDADE DA MULHER	
MARAVILHA .....	82
GRÁFICO 25 – IDENTIFICAÇÃO COM VALORES DA CAPITÃ MARVEL.....	83
GRÁFICO 26 – IDENTIFICAÇÃO COM PERSONALIDADE DA CAPITÃ MARVEL .	83
GRÁFICO 27 – CARACTERÍSTICAS DA MULHER MARAVILHA.....	84
GRÁFICO 28 – IDENTIFICAÇÃO COM ATITUDES DA MULHER MARAVILHA.....	85
GRÁFICO 29 – CARACTERÍSTICAS DA CAPITÃ MARVEL .....	87
GRÁFICO 30 - IDENTIFICAÇÃO COM ATITUDES DA CAPITÃ MARVEL.....	88
GRÁFICO 31 – IDENTIFICAÇÃO COM FRASES DA MULHER MARAVILHA .....	88
GRÁFICO 32 – IDENTIFICAÇÃO COM FRASES DA CAPITÃ MARVEL .....	89
GRÁFICO 33 – DESEMPENHO DA ATRIZ DE MULHER MARAVILHA.....	89
GRÁFICO 34 – IDENTIFICAÇÃO COM A ATRIZ DE MULHER MARAVILHA.....	90
GRÁFICO 36 – DESEMPENHO DA ATRIZ DE CAPITÃ MARVEL .....	91
GRÁFICO 37 - IDENTIFICAÇÃO COM A ATRIZ DE CAPITÃ MARVEL.....	91
GRÁFICO 38 – PERSONAGEM PREFERIDA .....	92

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	14
1.2 METODOLOGIA.....	16
<b>2 DOS QUADRINHOS ÀS TELONAS: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS SUPER-HEROÍNAS .....</b>	<b>19</b>
2.1 CINEMA NORTE-AMERICANO E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS .....	19
2.1.1 Mulher Maravilha .....	20
2.1.1.1 A Mulher Maravilha nos cinemas.....	30
2.1.2 Capitã Marvel .....	34
2.1.2.1 A Capitã Marvel nos cinemas .....	44
<b>3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA MÍDIA E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS..</b>	<b>49</b>
3.1 A CRISE DA IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE .....	49
3.2 IDENTIDADE, DIFERENÇA E PODER .....	50
3.3 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NO CIRCUITO DA CULTURA.....	53
3.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MÍDIA .....	58
<b>4 RECEPÇÃO DE MULHER MARAVILHA E CAPITÃ MARVEL.....</b>	<b>61</b>
4.1 PERFIL E CARACTERÍSTICAS DO PÚBLICO .....	62
4.2 IMPRESSÕES SOBRE OS FILMES .....	65
4.2.1 Motivações e relação com as narrativas .....	67
4.2.2 Relação de fã com as personagens .....	69
4.2.3 Pertencimento e sociabilidade com grupos de fãs .....	71
4.2.4 Atividades e consumo relacionados às personagens.....	72
4.3 IDENTIFICAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS .....	76
4.3.1 Relação entre inspiração e representação .....	76
4.3.2 Aparência física e personalidade .....	80
4.3.3 Desempenho das atrizes e identificação com o público .....	89
4.4 PERCEPÇÃO COMPARATIVA ENTRE AS PERSONAGENS .....	91
<b>5 MODOS DE PREFERÊNCIA E IDENTIFICAÇÃO .....</b>	<b>93</b>
5.1 MODOS DE IDENTIFICAÇÃO COM AS PERSONAGENS.....	93
5.2 INSPIRAÇÃO E REPRESENTAÇÃO PELA PERSONALIDADE DAS PERSONAGENS.....	95
5.3 PERCEPÇÃO DA IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO FEMININO.....	99

5.3.1 Palavra-chave: mulheres.....	100
5.3.2 Palavra-chave: representatividade .....	102
5.3.3 Palavra-chave: ser .....	104
5.3.4 Palavra-chave: mostrar .....	105
5.3.5 Palavra-chave: homens.....	107
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO ONLINE.....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE 2 – SISTEMA DE PONTUAÇÃO PARA SELEÇÃO DE PARTICIPANTES AOS GRUPOS FOCALIS.....</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICE 3 – ROTEIRO PARA GRUPOS FOCALIS .....</b>	<b>121</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo a mulher foi invisibilizada ou subrepresentada nas veiculações midiáticas de forma geral e, no contexto dos produtos culturais sobre super-heróis, essa abordagem não foi diferente. Frequentemente vista como uma figura hipersexualizada ou como uma pessoa ingênua e indefesa que necessita dos cuidados de um personagem masculino, nos últimos anos é possível observar tentativas de subversão desse cenário. Uma das primeiras formas de rompimento dessa hegemonia masculina no universo das histórias em quadrinhos de super-heróis foi o papel de protagonismo da Mulher-Maravilha, em 1940, após o ganho de força do movimento feminista nos EUA. Do mesmo modo, o X-Men foi o primeiro grupo da editora Marvel Comics a apresentar heroínas com destaque (BARRETOS; WINTER, 2019).

Atualmente, HQs (histórias em quadrinhos), séries e filmes do gênero de super-heróis vêm contando com mais super-heroínas que, em maior ou menor grau, rompem com os tradicionais padrões de gênero. Em 2019, é possível citar diversas personagens femininas em posições de destaque, sobretudo no audiovisual, que é o foco deste trabalho. No cinema há, por exemplo, Viúva Negra e Feiticeira Escarlata, integrantes do grupo Os Vingadores; Gamora, de Os Guardiões da Galáxia; e Mística de X-Men. Já no âmbito da ficção seriada televisiva ou para streaming, Supergirl, Sky, Agente Carter e Jessica Jones são protagonistas. Ainda, os filmes solo da Mulher Maravilha, em 2017, e da Capitã Marvel, em 2019, que constituem o objeto desta pesquisa, são casos de enorme sucesso de bilheteria<sup>1</sup> e representatividade.

Diversas séries televisivas e para streaming e produções de cinema têm sido desenvolvidas em tal perspectiva, com o intuito de alcançar uma parcela do público que não se vê representada nesse tipo de produto midiático. Uma pesquisa de mercado baseada em dados do Facebook revelou que metade dos leitores de HQs são mulheres (BELLINI, 2016). Assim, dar visibilidade a grupos minoritários, amplia a fatia de mercado de empresas como Marvel e DC. Em tais narrativas residem caminhos para a complexificação das personagens femininas, mediante a presença

---

<sup>1</sup> Disponível em <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-147073/>>. Acesso em 01 nov, 2019.

de um olhar que as representa como sujeitos idiossincráticos, ativos e emancipados da figura masculina.

Para a compreensão do fenômeno que são hoje os super-heróis na cultura *pop* e como se dá a inserção do feminino em tais espaços discursivos, é necessário realizar um breve relato do contexto histórico de surgimento dos quadrinhos. As HQs de super-heróis se popularizaram nos EUA na década de 1930, por meio das editoras Marvel Comics e DC Comics. Hoje, além de produzirem esse formato, as duas empresas possuem uma atuação forte na indústria audiovisual, seja a partir de filmes ou séries produzidos em seus próprios estúdios, ou com obras licenciadas para outros estúdios. Nas palavras da jornalista Natalia Engler (2019), especializada em gênero, feminismo e cultura: os estúdios Marvel transformaram os filmes de super-heróis no maior e mais rentável nicho do cinema.

A partir dos anos 1960, houve o advento dos movimentos sociais nos Estados Unidos, que acarretou em conquistas como o fim do regime de segregação racial, o recrudescimento da inclusão das mulheres no mercado de trabalho, a desconsideração da homossexualidade como doença psicológica (ABGLT, p. 11; 35) e a legalização do casamento entre pessoas do mesmo gênero. Nesse mesmo período o país disputava o posto de maior potência político-econômica do mundo. Estes acontecimentos foram fundamentais para o fomento do patriotismo estadunidense, pelo qual a nação se colocava como a grande defensora da liberdade.

Nesse contexto, a fim de ratificar o ideal, os produtos culturais massivos incorporaram artifícios para a difusão desses princípios. Dessa forma, a propaganda política disseminava o ideal norte-americano como o bem, representado na figura do herói, e colocava nos vilões a imagem dos seus opositores políticos. Alguns exemplos são os personagens Capitão América e Super Homem, que utilizavam trajes nas cores da bandeira dos EUA e possuíam como inimigos os nazistas e os russos. Diante disso, o universo dos super-heróis realizou ainda o papel de reforçar discursos excludentes que eram corroborados pelo próprio governo. Portanto, os produtos midiáticos relacionado ao âmbito dos super-heróis possuem, já em seu contexto de origem, um histórico de falta de representação consistente acerca de grupos minoritários, como as mulheres.

A falta de investimento em histórias sobre personagens mulheres nesse meio também se reflete nas adaptações cinematográficas das histórias em quadrinhos. O

fracasso de bilheteria de *Mulher-Gato* (2004) e *Elektra* (2005)<sup>2</sup> são um indicativo disso. Ambos os filmes não receberam orçamentos multimilionários como aqueles que normalmente são destinados a produções do gênero protagonizadas por homens. Dessa maneira, mesmo para personagens já consagradas entre os fãs de quadrinhos, ter um filme próprio em que a super-heroína não é coadjuvante parece ser um desafio. É o caso de Mulher Maravilha, cujo filme solo estreou apenas em 2017. Enquanto isso, personagens como Batman e Homem Aranha são inseridos em megaproduções, reboots e *remakes*<sup>3</sup> (BELLINI, 2016).

Dado o exposto, é na discussão acerca da importância da representação feminina nas narrativas cinematográficas de super-heróis que se insere o presente trabalho. Além disso, é abordada a relação estabelecida entre as personagens dessas produções, e os modos de identificação e produção de sentidos por mulheres que consomem tais produtos midiáticos. Desse modo, a partir da perspectiva teórica das representações (pelo viés dos Estudos Culturais) e dos Estudos de Gênero, pretende-se problematizar as noções de representatividade e identificação, bem como sua circulação, seus modos de atravessamento na vida social, especialmente no que tange à visão de mulheres consideradas comuns sobre si mesmas, à autoestima e à personalidade. Diante disso, é possível explicitar a relevância das construções ficcionais para a realidade, sobretudo quando se diz respeito à visibilização de grupos sociais minoritários.

Para tanto, as personagens abordadas são Capitã Marvel e Mulher Maravilha, as quais são protagonistas femininas de filmes solo recentes, produzidos pelas marcas Marvel e DC, respectivamente. Assim, nesta pesquisa, intenta-se compreender como se estabelecem os processos ou formas de identificação entre o público feminino e as representações cinematográficas das personagens Capitã Marvel e Mulher Maravilha.

Para responder a essa problemática, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como se estabelecem as relações de identificação entre o público feminino e as representações cinematográficas de super-heroínas a partir das personagens Capitã Marvel e Mulher Maravilha. Os objetivos específicos são discutir

---

<sup>2</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/09/lista-reune-filmes-de-super-herois-que-decepcionaram-os-fas.html>>. Acesso em 01 nov, 2019.

<sup>3</sup> O remake é refazer quase completamente a obra original (seja filme, história em quadrinhos, etc.), repetindo enredo e personagens, podendo haver uma modernização ou releitura (FLORES, 2017).

as percepções das mulheres quanto à reprodução e a possível quebra de estereótipos no modo como o feminino é representado nesses produtos midiáticos de entretenimento; compreender as relações estabelecidas entre as personagens e o cotidiano das mulheres que consomem essas narrativas; verificar como as mulheres que assistiram aos filmes estabelecem relações entre esses produtos cinematográficos e construção identitária feminina.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A relação estabelecida entre as produções cinematográficas sobre super-heroínas e a construção identitária de mulheres “comuns” que consomem tal tipo de narrativa ficcional permite explicitar e analisar o papel das representações sociais na contemporaneidade. Há pesquisas variadas acerca do contexto de produção desses filmes, as quais abarcam, por exemplo, as características das personagens e os arcos narrativos das tramas. Há, ademais, estudos que focalizam a recepção e as interações de membros dos *fandoms*, bem como a repercussão dos filmes de super-heróis na mídia. No entanto, a relação entre as representações sociais, os estudos de gênero, o universo *geek* e os conceitos de identidade e identificação são uma articulação que possibilita discutir e perceber de forma empírica a importância das veiculações midiáticas no cotidiano das mulheres.

As representações na mídia assumem diversas formas e aparecem em meios de comunicação variados. Nesse sentido, é possível citar as telenovelas, as séries, os blogs, as veiculações jornalísticas e o cinema. Esta ampla gama de meios de comunicação de massa ocupa um papel central na organização e construção da realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2004). Isto é, tal processo engloba não apenas representação, mas também a reconstrução da realidade por meio dos discursos produzidos. Desse modo, a ficção não constitui uma esfera isolada da realidade, pelo contrário, trata-se de um âmbito que está em constante relação com a vida social, ressignificando-a e modificando-a. Portanto, estudar a representação das super-heroínas no cinema é compreender as dinâmicas e problemáticas sociais que permeiam a sociedade, especialmente no que tange aos estereótipos de gênero e à subrepresentação, as quais impactam diretamente o cotidiano, a autoestima e a



identidade de inúmeras mulheres (principalmente as adolescentes e jovens) ao redor do mundo<sup>4</sup>. Compreender os modos como essas representações são percebidas, significadas e até mesmo contestadas por mulheres que consomem essas narrativas evidencia-se como aspecto de grande relevância para discutir como essas narrativas circulam, são apropriadas e os processos de produção de sentido que desencadeiam. É justamente essa a intenção principal desta pesquisa.

Do ponto de vista da ampliação do conhecimento em Comunicação Social, a importância deste trabalho reside na análise do papel dos discursos midiáticos na sociedade e na reprodução e/ou ruptura de estereótipos nos contextos sociais em que essas narrativas circulam. Ademais, a pesquisa focaliza um conjunto de produções cinematográficas atuais e de alcance global, cujas representações estão cada vez mais fortemente enraizadas na cultura *pop*. Trata-se, portanto, da investigação das representações, seus usos e as produções de sentido (MARTIN-BARBERO, 2003) que desencadeiam, no contexto de uma verdadeira indústria de entretenimento cinematográfico, ou seja, um recorte crucial para a reflexão da responsabilidade social do comunicador e da importância dos meios de comunicação de massa. Os estúdios da Marvel Comics, por exemplo, estão há 10 anos produzindo filmes de grande sucesso do gênero, e arrecadaram U\$ 13 bilhões de bilheteria nesse período, além de possibilitarem o sucesso mundial de vários atores (MOTTA; TARDIN, 2017).

No que tange à perspectiva mais específica da área das Relações Públicas (RP), este trabalho enfatiza a investigação acerca do conceito de identidade, em uma interface com os Estudos de Gênero. Ainda, a abordagem permite a correlação entre a noção de representação social e a produção de sentido dos sujeitos nos contextos sociais em que as narrativas circulam. Tal relação sujeito e narrativa é um aspecto importante para área de RP, na lógica do relacionamento das marcas Marvel e DC com seus públicos e do alargamento de suas narrativas.

---

<sup>4</sup> Nesse sentido, há inclusive estudos que discutem a influência das produções midiáticas na satisfação corporal e autoestima de jovens, com ênfase nas mulheres. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/05/midia-influencia-satisfacao-corporal-de-jovens-diz-pesquisa-da-usp.html>> e <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1123-1.pdf>>. Acesso em 31 out, 2019.

## 1.2 METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma pesquisa exploratória de caráter quantitativo e qualitativo, cuja análise se deu baseada nos Estudos de Recepção. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram: questionário online e grupo focal.

A pesquisa exploratória traz contribuições importantes para a construção investigativa. As pistas relativas ao(s) fenômeno(s) geradas através dela facilitam a construção e a concretização dos problemas/objetos investigados; permitem trabalhar na construção de configurações teóricas sensíveis aos objetos concretos da realidade comunicacional; suscitam o aprofundamento de dimensões teóricas que se revelam importantes na configuração do concreto (BONIN, 2008, p.125).

Primeiramente, para nortear o trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico da temática de representações sociais, identidade, identificação e do universo dos super-heróis.

Em seguida, houve a elaboração do questionário<sup>5</sup> online a fim de coletar respostas acerca da identificação das mulheres com as personagens Mulher Maravilha e Capitã Marvel em seus respectivos filmes solo.

O questionário foi composto de 56 perguntas, sendo 53 de múltipla escolha e três abertas<sup>6</sup>, e foi dividido em quatro seções: dados gerais da respondente; questões sobre a personagem Mulher Maravilha; questões sobre a personagem Capitã Marvel; e um comparativo sobre as duas personagens. A plataforma Google Forms foi usada para hospedar o formulário, que foi divulgado em cerca de 40 grupos de fãs das personagens e dos universos Marvel e DC Comics no Facebook, tais como “Mulher Maravilha Brasil Fãs” e “Capitã Marvel”. A divulgação também circulou no feed comum da pesquisadora na rede social, para a consecução de respostas de um público mais amplo e que não possuía tanta familiaridade com as narrativas, isto é, que não fossem fãs das heroínas. Foram obtidas 726 respostas no período de 25 de abril a 05 de junho de 2019, totalizando 15 dias.

Posteriormente, foram realizados dois grupos focais<sup>7</sup>. O primeiro ocorreu no dia 29 de agosto de 2019, com quatro participantes, as quais possuíam elevado grau

---

<sup>5</sup> Questionário disponível no apêndice 1 do trabalho.

<sup>6</sup> Salienta-se que uma das questões abertas era a última do questionário, destinada a perguntar quais participantes gostariam de participar dos grupos focais. Aquelas que se interessassem, deixavam seu contato telefônico.

<sup>7</sup> O roteiro de perguntas utilizados nos grupos focais está disponível no apêndice 3 do trabalho.

de envolvimento com os dois filmes, isto é, eram consideradas fãs. O segundo foi realizado em 3 de setembro de 2019, também com quatro participantes, porém com menor grau de familiaridade com o universo das personagens. Ambos foram realizados no Laboratório de Opinião Pública do campus de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, com tempo médio de duas horas de duração.

Para selecionar as participantes, foram identificadas as respondentes do questionário online que eram mulheres residentes de Curitiba e região metropolitana e, que aceitaram participar de grupos focais. A partir deste recorte geográfico, foi elaborado um critério de seleção, baseado no grau de familiaridade e envolvimento com os filmes. Assim, a pesquisadora selecionou perguntas-chave do formulário online e estabeleceu uma escala de pontuação para as respectivas respostas. Os pontos foram somados e as respondentes mais próximas dos extremos foram as convidadas para os grupos focais. Quanto mais pontos, eram consideradas fãs, e quanto menos pontos, eram consideradas “não fãs”. É importante salientar que nem todas as mulheres convidadas puderam comparecer aos *focus groups*.

Um grupo focal é “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”. (POWELL E SINGLE, 1996, p. 449, apud GATTI, 2005). Ainda, nesta técnica de coleta de dados, é pertinente considerar a interação que se estabelece no grupo, assim como o que os participantes pensam, como pensam e porque pensam (GATTI, 2005).

Após, houve a discussão dos resultados das perguntas objetivas do questionário online. Já a análise das respostas dissertativas se deu por duas formas. Para analisar as respostas da primeira pergunta dissertativa, foram definidas unidades temáticas, seguindo a proposição da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) para a discussão, com base em uma leitura das respostas. Já para a análise das respostas da segunda questão dissertativa, utilizou-se o software NVivo, pelo qual foram identificadas as palavras mais citadas pelas respondentes. Tais palavras compuseram as categorias de análise (BARDIN, 2011). Destaca-se que alguns termos identificados foram excluídos, devido a sua pouca relevância (por exemplo: preposições e conectivos).

Seguidamente, em referência a cada categoria de análise, foram selecionadas cerca de cinco respostas longas (mais de três linhas) e cinco respostas curtas (uma ou duas linhas) que fossem significativas para a discussão. Do mesmo

modo, trechos e reflexões do grupo focal foram inseridas na discussão, respeitando as categorias propostas.

## **2 DOS QUADRINHOS ÀS TELONAS: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS SUPER-HEROÍNAS**

O presente capítulo versará sobre a história de origem e evolução das personagens Capitã Marvel e Mulher Maravilha, abordando suas narrativas nas histórias em quadrinhos, assim como suas representações cinematográficas. Ainda, o capítulo discute as relações entre o cinema norte-americano e as construções identitárias ao redor do globo.

### **2.1 CINEMA NORTE-AMERICANO E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

A indústria cinematográfica norte-americana movimenta bilhões de dólares por ano e exerce uma significativa participação na construção da visão de mundo de sujeitos ao redor de todo o globo. Trata-se de um instrumento que, por meio das representações sociais veiculadas, participa, de forma crucial, da construção do pensamento social, dos valores culturais e das ideologias, possibilitando a negociação de sentidos e a identificação com os personagens. Essa identificação de pessoas de países distintos e idiossincráticos com elementos das produções audiovisuais norte-americanas está intrinsecamente relacionada ao fenômeno da globalização. “Nas condições da modernidade [...], os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles” (GIDDENS, 1990, p. 18 apud HALL, 2006).

O processo de globalização, situado a partir do fim século XX, provoca o deslocamento das identidades nacionais, ao passo que há a compressão das distâncias e do tempo no mundo globalizado. Portanto, as realidades tornam-se mais interconectadas, o que acarreta efeitos sobre as identidades culturais (HALL, 2006, p.67).

No entanto, apesar das interconexões, é necessário enfatizar que a globalização não implica automaticamente em democratização do acesso aos meios de comunicação e, nem mesmo resulta necessariamente na heterogeneidade e pluralização das representações sociais na mídia. De acordo com Hall (2006), a globalização vem acompanhada da homogeneização cultural, isto é, no interior do

discurso global, as diferenças culturais são reduzidas a certos padrões, destacando a cultura dominante e sucumbindo elementos centrais das culturas locais.

Para evitar uma visão simplista sobre o assunto, há que se levar em conta, porém, que, ao lado da tendência à homogeneização global, existe também um encantamento com a diferença e a mercantilização da alteridade. Desse modo, é possível observar novas articulações entre “local” e “global”, em vez de considerar uma substituição completa do primeiro pelo último. “Parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações ‘globais’ e *novas* identificações ‘locais’” (HALL, 2006).

Além disso, a globalização é desigualmente distribuída no mundo, entre regiões e entre estratos da população *dentro* das regiões. E, o fenômeno conserva alguns aspectos da dominação global ocidental, contudo, “as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compressão espaço-tempo” (HALL, 2006, p. 80-81).

É nesse contexto de globalização que filmes produzidos pela indústria cinematográfica norte-americana, como Mulher Maravilha e Capitã Marvel, que são os objetos deste trabalho, têm alcançado sucesso mundial. Os filmes de super-heróis se tornaram um fenômeno que, conforme o exposto, participam de modo importante da construção do pensamento social e do estabelecimento e rompimento de estereótipos associados ao gênero. No entanto, as duas personagens possuem uma história que antecede seu sucesso no cinema. A origem de ambas as heroínas reside nas histórias em quadrinhos, que são fundamentais para a compreensão da construção das personagens, de como foram representadas no cinema e de que forma foram sendo ressignificadas ao longo dos anos, o que será destrinchado a seguir.

### 2.1.1 Mulher Maravilha

A personagem Mulher Maravilha foi criada na década de 1940 pelo psicólogo norte-americano William Moulton Marston e pelo ilustrador Harry G. Peter. A primeira aparição da super-heroína em quadrinhos ocorreu na All Star Comics número 8, série de revistas em quadrinhos da editora All-American Publications, em dezembro de 1941. Menos de um ano depois, em julho de 1942, a Wonder Woman já

protagonizava suas próprias revistas solo. Também chamada de Princesa Diana de Themyscira, ou ainda Diana Prince (a identidade secreta que ela assume na “Terra dos Homens”), a personagem surgiu da vontade de Moulton em criar uma heroína que ultrapassasse o potencial físico e possuísse como maior poder a paz e o amor. A advogada e psicóloga Elizabeth Holloway Marston, esposa do autor, sugeriu que a personagem criada fosse uma mulher. A personagem ainda foi inspirada em Olive Byrne, que também era companheira do autor. Byrne sempre usava braceletes, os quais foram inseridos no visual da *Wonder Woman* (LEPORE, 2014).

Mais do que inspirações, há indícios de que as companheiras de Marston contribuíram com diversas sugestões à composição da personagem, embora nunca tenham sido devidamente creditadas. Além delas, não houve mulheres direta e formalmente envolvidas no processo de criação da Mulher Maravilha. Apenas em 1945, devido a um problema de saúde de Marston, e já com a personagem mais consolidada no mercado dos quadrinhos, Joye Hummel foi contratada, contribuindo na produção de roteiros até a morte do psicólogo em 1947 (CUNHA, 2016).

Desse modo, foi originada a personagem, que foi a primeira protagonista feminina do universo narrativo da DC Comics<sup>8</sup> nas histórias em quadrinhos. Formando um dos pilares da tríade de personagens que sustenta todo o sucesso da marca, a super-heroína equipara-se aos outros dois grandes ícones: *Superman* e *Batman*. Esse é um ponto que merece destaque no que se refere à análise do papel social da *Wonder Woman*, haja vista que a posição de protagonismo da super-heroína destoa do padrão recorrente que perpassa as representações femininas nas HQs. A princesa Diana nasce como um caso desviante do padrão, pois muitas das mulheres nos quadrinhos surgem - e frequentemente permanecem - como coadjuvantes em tramas protagonizadas por homens. Um exemplo disso é Capitã Marvel, outro objeto desta pesquisa, que foi concebida como um par romântico de um super-herói e, só depois de décadas, assumiu uma posição de destaque, com histórias em quadrinhos solo e grande público.

---

<sup>8</sup> DC Comics é uma editora norte-americana de histórias em quadrinhos e mídias relacionadas, subsidiária da companhia Time Warner. Anteriormente, a empresa era conhecida como National Comics, mas passou a aderir à sigla "DC" que originalmente se referia a Detective Comics, uma de suas revistas mais vendidas. Criou personagens famosos do universo dos super-heróis, como *Superman*, *Batman*, *Robin* e *Flash*. Disponível em <<https://www.omelete.com.br/dc-comics>>. Acesso em 10 nov, 2019.



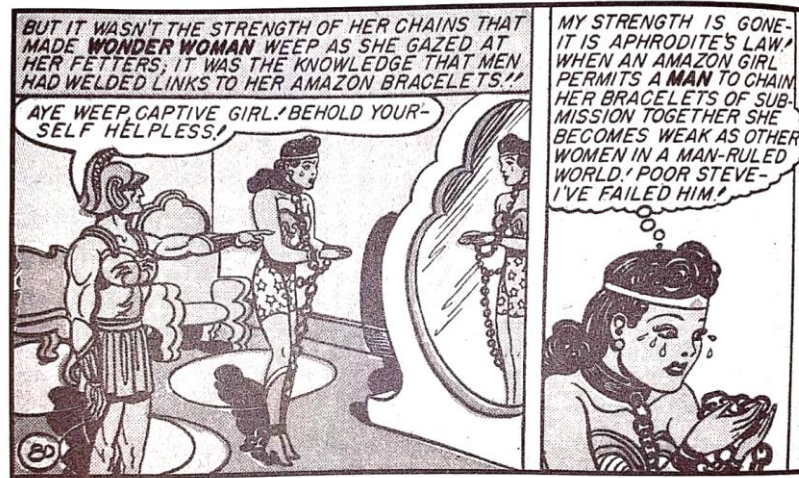
Nas narrativas em quadrinhos, Mulher Maravilha é uma princesa em Themyscira ou Ilha Paraíso, uma ilha na qual vivem somente mulheres - conhecidas como Amazonas -, livres de qualquer influência de povos externos. As amazonas, inspiradas na mitologia grega, são um clã de mulheres guerreiras, excelentes no combate corpo a corpo, cavalgada e arco e flecha, além de se recusarem a viver junto aos homens no mesmo território (LEPORE, 2014).

No universo fictício da heroína desenvolvida pelo DC Comics, inicialmente o mundo era dividido entre Ares (o deus da guerra) e Afrodite (deusa do amor). Na mitologia, os homens realizavam a venda de mulheres por preços ínfimos e, indignada perante a situação, a deusa decide criar a raça das guerreiras amazonas, além de presenteá-las com um cinturão mágico, que as tornava praticamente invencíveis (HAUCH, 2017).

Entretanto, Hércules rouba o cinturão da rainha do clã, de modo que as amazonas voltam a ser escravizadas pelos homens. Elas clamam pela ajuda da deusa Afrodite, que as devolve seus poderes e ainda concede braceletes especiais a elas. Muito mais do que acessórios, os braceletes eram um lembrete para que o grupo jamais se submetesse à dominação masculina. Nesse sentido, os objetos são uma analogia às algemas usadas quando os homens escravizavam as mulheres.

As amazonas conseguiram se libertar, derrotar os inimigos e, em seguida, mudaram-se para a distante e isolada ilha de Themysera, sem qualquer presença de homens. A metáfora dos braceletes para representar o “aprisionamento” feminino pode ser encarada como uma releitura de representações anteriormente presentes na literatura feminista em geral. “Retratar mulheres como acorrentadas e escravizadas [...] era recorrente na literatura feminista, um resultado da aliança do século XIX entre os movimentos sufragista e abolicionista” (LEPORE, 2017, p. 129).

FIGURA 1– MULHER MARAVILHA ACORRENTADA



Mas não foi a força das correntes que fez a Mulher-Maravilha chorar ao ver seus grilhões; foi saber que os homens haviam fundido argolas a seus braceletes de amazona!!

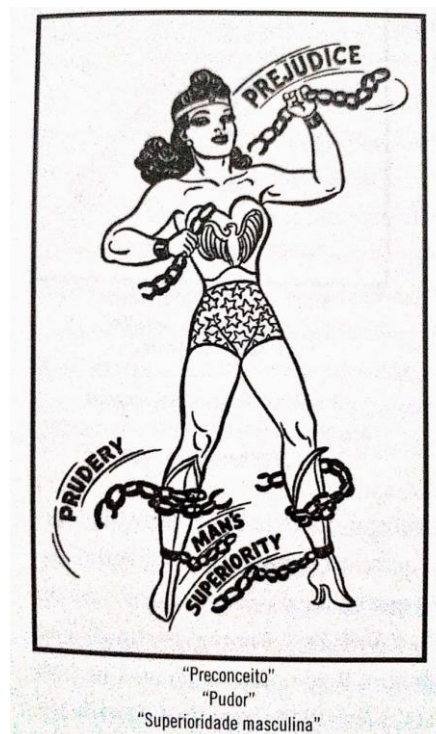
"Sim, prisioneira, chore! Contemple-se indefesa!"

"Minha força se foi! É a lei de afrodite! Quando uma amazona deixa que um *homem* acorrente seus braceletes, ela fica tão fraca quanto as mulheres do mundo dos homens! Pobre Steve — não vou salvá-lo!"

FONTE: LEPORE, 2017, p. 132.

LEGENDA: Revista "O Conde Conquistador" de *Wonder Woman* nº 2, publicada em 1942.

FIGURA 2 – MULHER MARAVILHA SE LIBERTANDO DE CORRENTES



FONTE: LEPORE, 2017, p. 114.

LEGENDA: Imagem retirada de *American Scholar* nº13, publicada em 1943.

Os quadrinhos apresentam diversas origens distintas acerca do nascimento de Diana. No entanto, a primeira delas é exposta nas revistas dos anos 1940. Nessa versão, a rainha do grupo das amazonas, Hipólita, desejava ter uma filha e, como na ilha não habitavam homens, decidiu esculpir Diana (Mulher Maravilha) usando barro. A pedido da rainha, os deuses do Olimpo deram vida àquilo que antes era somente uma escultura.

A princesa cresceu em meio às outras Amazonas, que lhe treinaram para ser uma exímia guerreira e pregar a paz e o amor. Mas, por ser originada dos deuses, a criança estava destinada a se tornar algo mais do que uma amazona comum: a Mulher Maravilha, uma super-heroína “bela como Afrodite, sábia como Atena, forte como Hércules, e rápida como Hermes” (LEPORE, 2017). Ademais, a princesa foi a primeira criança a nascer na Ilha Paraíso após três mil anos da ocupação amazona no local e, mais do que isso, foi a primeira mulher a ser concebida sem um homem. Este é um dos diversos aspectos simbólicos da personagem que estão extremamente atrelados à sua concepção enquanto representação e ícone feminista.

Conforme exposto, o criador da personagem visou incluir elevados valores morais como elementos basilares na construção da heroína, associados à defesa da igualdade, da justiça, da paz e do amor. Essa ideologia da Mulher Maravilha é representada tanto por meio de aspectos verbais, como suas falas nos quadrinhos, quanto mediante fatores não verbais, como o seu visual e suas “armas”, que são majoritariamente defensivas (HAUCH, 2017): embora utilize às vezes uma espada, Diana usa sobretudo os braceletes, que a protegem de balas, e o laço da verdade que, quando usado em volta do inimigo, magicamente obriga-o a contar a verdade.

Nessa perspectiva, Marston, criador da heroína, afirmou que compôs a personagem levando em conta traços que para ele, são inerentes às mulheres: bondade, amor e poder. O autor subverteu a imagem do senso comum atrelada a tais características, conferindo qualidade e potencialidade a aspectos que geralmente são encarados como fraquezas ou pontos negativos subjacentes ao feminino. Na vida real, Marston acreditava em uma evolução da sociedade que culminaria em um inevitável matriarcado, ressaltando a superioridade das mulheres em relação aos homens. Para ele, elas possuem o dobro da capacidade emocional e amorosa deles e iriam dominar também o âmbito dos negócios, a nação e o mundo. (LEPORE, 2017, p. 212). Em suma, segundo Marston, “a Mulher-Maravilha

é a propaganda psicológica para o novo tipo de mulher que, creio eu, deve governar o mundo" (HENDRIX, 2007).

Os argumentos de Marston quanto à superioridade feminina baseavam-se em séculos de escritos femininos e tendiam fortemente para a filosofia do movimento feminino do século XIX, cuja ênfase estava na superioridade moral da mulher - sua natureza "angelical". [...] No entanto, as feministas do século XX tendiam a desviar-se de argumentos pró-direitos que se baseassem em ideias sobre diferença, preferindo as ideias de igualdade (LEPORE, 2017, p. 213).

Isto é, o autor corrobora com fatores ligados à superioridade da mulher relacionada a características que supostamente seriam intrinsecamente femininas. As Teorias Feministas criticam a perspectiva de que a mulher é naturalmente pacífica e delicada, enquanto o homem é assertivo e forte. Trata-se de uma série de construções sociais que se perpetuam ao longo da história de diversos povos, de forma que foram delimitados papéis de gênero e condutas admitidas e desejáveis para o feminino e masculino, as quais são criadas, reproduzidas, mantidas e negociadas por meio das representações sociais e do jogo das identidades no circuito cultural. Isto é, "a realidade é constituída socialmente" (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 11) e os discursos e formas simbólicas são dotado de valores que passam a estruturar e hierarquizar saberes, práticas e ações no seio social. Acerca dos papéis de gênero, Grossi (s.d, p.6), afirma:

Papel é aqui entendido no sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação de um personagem. Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra (GROSSI, s.d., p.6).

Embora Diana seja uma super-heroína, alguém que utiliza da força física para defender as pessoas, ela geralmente busca o caminho mais pacífico possível. Elisa McCausland (2017), em artigo publicado no jornal El País, empreende uma crítica acerca desse ponto da construção da personagem, argumentando que sua personalidade está atrelada a uma ética do cuidado, fato pelo qual se corre o risco de a heroína continuar presa a certos papéis, apesar das nuances expressivas e das sofisticações nos discursos que buscam superá-los.

Apesar disso, a personagem é marcada por várias características discursivas que ressaltam o empoderamento e a independência da mulher. Ainda, em alguns momentos, o próprio criador da personagem critica a visão da existência de uma aura angelical inata ao sexo feminino. Por exemplo, em uma das HQs de *Wonder*

*Woman*, quando o personagem Steve Trevor chama Diana de “anjinha”, ela questiona: “O que é um anjo? Prefiro ser uma mulher”. (LEPORE, 2017, p. 213).

As escolhas para a constituição da Mulher Maravilha enquanto representação social feminina estão intrinsecamente associadas ao contexto histórico da época em que ela foi criada. A *Wonder Woman* nasceu em plena Segunda Guerra Mundial, em um período no qual os Estados Unidos eram palco de um nacionalismo exacerbado, com a visão de que os nazistas eram inimigos a serem eliminados. Nesse cenário, grande parte da população masculina do país estava em combate, enquanto as mulheres eram incentivadas a ingressarem no mercado de trabalho e atuarem no comércio e nas linhas de produção das fábricas. Assim, a Mulher Maravilha era um símbolo nacional feminino de força emancipação feminina, que contribuía como uma forma de estímulo e representação para que as mulheres “arregaçassem as mangas e “pegassem no pesado”. A fórmula era bastante sugestiva: a personagem era poderosa, forte, bonita, vestia as cores da bandeira estadunidense, expunha a águia careca - símbolo dos EUA - no uniforme, e até mesmo lutava contra os nazistas. Esse contexto de exaltação patriótica por meio das páginas das HQs se repetiu em muitas histórias, como Capitão América.

Em suma, no ano de 1941, a Segunda Guerra era o pano de fundo da sociedade americana, logo as lutas feministas ficaram em segundo plano. Porém, a liberdade feminina dava pequenos mas importantes passos com a percepção de que as mulheres não estavam fadadas ao domínio do privado, isto é, o cuidado dos filhos e do marido, e à realização das tarefas domésticas. E, sobretudo durante os anos 1940 e 1950, as revistas da Mulher Maravilha atuaram como uma espécie registro e resgate importante do Movimento Feminista, referente à Primeira Onda do Movimento e sua relação com as Sufragistas. O movimento sufragista teve início em 1848, quando ocorreu a primeira convenção sobre os direitos das mulheres em Nova York. Tal acontecimento foi inclusive representado na revista da *Wonder Woman* de nº 5, publicada em junho de 1943 (LEPORE, 2014).

Na narrativa de Mulher Maravilha, Diana sai de sua terra natal, a Ilha de Themyscira, para ir a “Terra dos Homens” ajudar o lado do “bem” a vencer uma grande guerra, partindo do preceito de inimiga dos nazistas e aliada dos Estados Unidos (HAUCH, 2017, p.55). Esse ponto de virada da personagem, acontece a partir do dia em que o avião de Steve Trevor, capitão e espião do exército dos EUA, cai em águas próximas à ilha. A princesa salva o homem e, depois de muitas brigas

com a mãe, decide abandonar a ilha junto com ele, para finalmente se tornar a super-heroína Mulher-Maravilha. Seus superpoderes incluem super força, resistência a eventos como explosões nucleares, alta regeneração, voo e conhecimento divino. A fim de manter sua identidade secreta e não ser reconhecida como uma pessoa dotada de superpoderes, trabalhou como enfermeira da Força Aérea americana durante a Segunda Guerra e, posteriormente, passou a ser secretária de Steve Trevor, que é o seu par romântico na trama. No entanto, vale destacar que mesmo a personagem possuindo um relacionamento amoroso com ele, ela não deixa, de forma geral, de ter o protagonismo da sua história, principalmente em comparação com o panorama geral das produções ficcionais do seu contexto histórico de origem.

É comum que nas HQs haja a criação de novos *arcos*<sup>9</sup>, *spin-offs*<sup>10</sup> e *reboots*<sup>11</sup>, com diversas mudanças em cenários, enredos e aspectos constituintes dos personagens, influenciadas, entre outros fatores, por alterações na equipe de roteiristas e desenhistas. Isso ocorreu também com a *Wonder Woman*, a julgar por seu vasto tempo de existência: as histórias da personagem já se perpetuam há mais de 75 anos. No caso dela, algumas modificações temporárias foram drásticas e fortemente imbricadas ao contexto histórico da época, as quais acarretam em alterações na essência da concepção da Mulher Maravilha enquanto símbolo da independência feminina. Com a morte de seu criador, em 1947, ela abdicou de seus super poderes em nome de Steve Trevor e passou a priorizar assuntos como moda e namoro em detrimento da luta pelos tradicionais deveres e ideais usualmente apresentados nas histórias de super-heróis.

Houve um retrocesso relativamente à representação social da mulher neste produto midiático, considerando-se que durante o pós-guerra, era esperado que as mulheres deixassem o mercado de trabalho e retornassem ao lugar subalterno ao qual estavam fadadas: exclusivamente a esfera do privado.

---

<sup>9</sup> Arco, nas histórias em quadrinhos, é um conjunto de duas ou mais edições contínuas publicadas em uma revista mensal. Têm no mínimo duas edições e não possui limite máximo. Pode ser comparado aos capítulos de um livro. Disponível em <<http://jamesons.com.br/dicionario-basico-para-leitores-de-quadrinhos-mainstream/>>. Acesso em 10 nov, 2019.

<sup>10</sup> *Spin off* é uma espécie de subproduto de uma obra, por exemplo, um filme derivado de outro. Concentra-se de forma mais detalhada em um aspecto, como um tema, personagem ou evento (FLORES, 2017).

<sup>11</sup> *Reboot* significa reiniciar uma história. Trata-se de uma versão completamente nova de uma obra, na qual a história e os personagens não estão mais relacionados à versão anterior (FLORES, 2017).

Nos anos 1950, a Mulher-Maravilha seguiu as centenas de milhares de mulheres nos Estados Unidos que haviam trabalhado durante a guerra para depois ouvir, quando a paz chegou, que não apenas seus serviços não eram necessários, mas que elas ameaçavam a estabilidade da nação por enfraquecer os homens (LEPORE, 2017, p. 331)

Em vez de botas, passou a usar sapatos de salto alto com tiras no tornozelo. O tradicional uniforme deu lugar às roupas da moda e um penteado estilizado. O avião invisível e o incrível poder de cura foram substituídos por uma mulher comum e vulnerável, preocupada em qual namorado escolher ou quais sapatos usar. A Mulher Maravilha tornou-se menos poderosa, um espelho do papel da mulher no período pós-guerra (VORTEX CULTURAL, 2015).

FIGURA 3 – DIANA E INTERESSES ROMÂNTICOS



Fonte: Kanigher (1964, p. 25).

FONTE: LEPORE, 2017, p. 114.

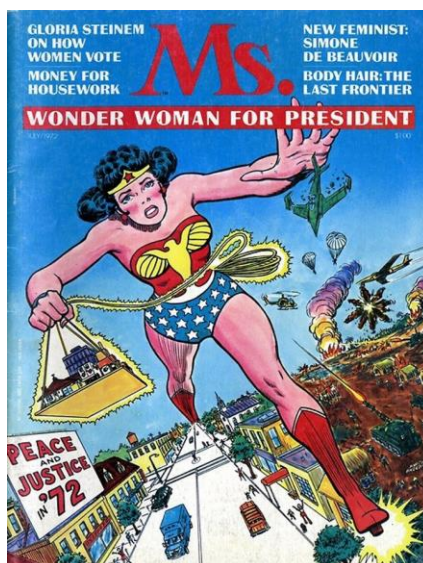
LEGENDA: Diana indecisa entre dois interesses românticos. Imagem retirada de American Scholar nº13, publicada em 1943.

Em contrapartida, a década de 1970 correspondeu a uma significativa reformulação da personagem, acompanhada do fortalecimento dos movimentos feministas. Neste período, a revista Ms. Magazine era uma das mais influentes revistas feministas nos EUA e, em 1972, fez uma emblemática publicação denominada Wonder Woman Revisited, cuja editora foi a importante jornalista



feminista Gloria Steinem. Além disso, pela primeira vez nas histórias da Mulher Maravilha, a escritora era uma mulher: Dorothy Woolfalk. A revista incluía histórias dos primórdios da Mulher Maravilha, escritas pelo já falecido William Moulton e, assim, apresentava uma retomada à personagem como era em suas origens, possuindo seus típicos superpoderes, coragem e determinação. Em uma das capas da revista, a heroína era indicada para presidente do país (SMEE, 2019).

FIGURA 4 – MULHER MARAVILHA PARA PRESIDENTE



FONTE: [https://americanhistory.si.edu/collections/search/object/nmah\\_1803345](https://americanhistory.si.edu/collections/search/object/nmah_1803345)

LEGENDA: Capa da revista Ms., com os dizeres “Mulher Maravilha para Presidente”.

Em 1975 foi lançada uma popular série de televisão sobre a Mulher Maravilha, na qual a personagem era interpretada por Lynda Carter. Além da forte presença nos quadrinhos, a Mulher Maravilha já teve suas histórias adaptadas para diferentes mídias. Na televisão, a primeira tentativa foi ainda na década de 60, uma série em formato de *sitcom*, protagonizada por Ellie Wood Walker e Linda Harrison. A inspiração para a produção veio de um seriado extremamente popular na época, dedicado ao super-herói Batman, interpretado por Adam West, com tom bastante jocoso e permeado por onomatopeias.

Mais tarde, em 1974, foi lançado um episódio piloto com a atriz Cathy Lee Crosby, mas que nunca se tornou série. Nele, a personagem é inspirada na versão em que Diana perdeu seus poderes e atua mais como uma detetive particular do que como uma heroína. Ambas as tentativas não geraram grande repercussão ou obtiveram sucesso. No entanto, em 1975, foi lançada a série da Mulher Maravilha

interpretada por Lynda Carter, que foi um verdadeiro sucesso de audiência e representou, para muitas mulheres da geração, umas das únicas e mais populares referências femininas de super-heroínas. No Brasil, a rede Globo exibiu a série de 1977 até 1981, em uma faixa de programação chamada Quarta Nobre, exibida às 22h. No ano seguinte, a produção passou a ser veiculada à Globo o horário vespertino, passando a ser exibida junto com “O Homem do Fundo do Mar” dentro do horário chamado Super-Heróis (PLANO CRÍTICO, 2017).

A DC Comics possui também uma ampla gama de personagens adaptados para desenhos animados. A Mulher-Maravilha está presente em Superamigos, que foi ao ar de 1973 a 1986 e produzido pela Hannah-Barbera Productions, baseada nos super-heróis da DC Comics. Além disso, a personagem aparece em Liga da Justiça (2001-2004), Liga da Justiça sem Limites (2004-2006), Batman: Os Bravos e Destemidos (2008-2001), Justiça Jovem (iniciada em 2010) e a atual DC Super Heroes Girls (YANIZ JR, 2017).

A partir de 1986, houve a reformulação de diversos personagens da editora DC Comics, incluindo a Mulher Maravilha. George Pérez, responsável pelo enredo, retirou a identidade secreta da personagem, e a fez agir como figura pública em tempo integral para salvar ao mundo. A década de 90 na DC Comics foi marcada pelas crises pessoais dos super-heróis: Batman foi mutilado, Superman morto e a Mulher Maravilha foi tirada de seu cargo, que passou a ser ocupado pela amazona Ártemis. Dessa maneira, Diana, voltou a ser representada de forma bastante semelhante à que era no pós-guerra: cintura fina e curvas suaves (HAUCH, 2017). Em 2000, a personagem passou por mais ressignificações, principalmente em virtude de demandas do público associadas ao desejo por representações mais reais acerca das mulheres.

#### 2.1.1.1 A Mulher Maravilha nos cinemas

A primeira aparição da heroína nos cinemas se deu em *Batman Vs Superman: Dawn of Justice* (2016). O filme foi avaliado negativamente por uma grande parcela dos críticos e fãs, com apenas 27% de nota no *Rotten Tomatoes*. No entanto, a participação de Mulher Maravilha, interpretada por Gal Gadot, foi considerada por alguns críticos um dos pontos altos da narrativa (ADORO CINEMA, 2017).

Posteriormente, a personagem aparece em seu primeiro filme solo. Apesar de ser a super-heroína mais popular do globo, bem como um verdadeiro símbolo que perpassou diferentes gerações de mulheres, a personagem teve a sua primeira adaptação para o cinema mais de 70 anos depois de seu lançamento nos quadrinhos. O filme solo, *Mulher Maravilha* (*Wonder Woman*), distribuído pela *Warner Bros. Entertainment*, foi lançado somente no ano de 2017. Dirigido por Patty Jenkins e roteirizado por Allan Heinberg e Geoff Johns, a narrativa possui avaliação de 93% no site de críticas *Rotten Tomatoes* e arrecadou uma bilheteria de 821 milhões de dólares (FILMOW, 2017). O filme possui duração de 141 minutos e a classificação indicativa é de 12 anos.

FIGURA 5 – PÔSTERES DO FILME MULHER MARAVILHA



FONTE: [https://twitter.com/GalGadot/status/756520524935602176?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ct\\_wcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E756520524935602176&ref\\_url=http%3A%2F%2Fgalgadotbrasil.com.br%2Fgal-gadot-divulga-primeiro-poster-oficial-de-mulher-maravilha%2F](https://twitter.com/GalGadot/status/756520524935602176?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ct_wcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E756520524935602176&ref_url=http%3A%2F%2Fgalgadotbrasil.com.br%2Fgal-gadot-divulga-primeiro-poster-oficial-de-mulher-maravilha%2F) e [https://cineautorama.com.br/home-2/poster-mulher-maravilha-2017-cartaz-a3-42x29cm-d\\_nq\\_np\\_623439-mlb25658207216\\_062017-f/](https://cineautorama.com.br/home-2/poster-mulher-maravilha-2017-cartaz-a3-42x29cm-d_nq_np_623439-mlb25658207216_062017-f/)

LEGENDA: À direita, as palavras: poder. Graça. Sabedoria. Maravilha. Fonte:

Ademais, o filme *Liga da Justiça* (2017) também conta com a participação da *Wonder Woman*. Essas três produções fazem parte do DC Cinematic Universe, que é um universo narrativo compartilhado o qual abarca diversos filmes criados pela marca DC. O universo inclui ainda *Homem de Aço* (2013), *Esquadrão Suicida* (2016) e *Aquaman* (2018) e *Shazam!* (2019).

A história contada no longa-metragem da heroína é bastante semelhante à origem da personagem que é apresentada nas HQs, conforme indica a sinopse oficial do filme:

Treinada desde cedo para ser uma guerreira imbatível, Diana Prince (Gal Gadot) nunca saiu da paradisíaca ilha em que é reconhecida como princesa das Amazonas. Quando o piloto Steve Trevor (Chris Pine) se acidenta e cai numa praia do local, ela descobre que uma guerra sem precedentes está se espalhando pelo mundo e decide deixar seu lar certa de que pode parar o conflito. Lutando para acabar com todas as lutas, Diana percebe o alcance de seus poderes e sua verdadeira missão na Terra (ADORO CINEMA, 2017).

O longa mostra toda a origem da personagem, que é filha da Rainha Hipólita, interpretada Connie Nielsen, e sobrinha da guerreira Antíope, vivida por Robin Wright). Desde criança, Diana era valente e tinha o desejo de ajudar a proteger o mundo dos homens, porém, sua mãe sempre tentou reprimi-la no intuito de proteger a filha de perigos externos. Mesmo assim, a princesa treinou escondida com a tia Antíope para ser uma exímia guerreira.

Quando o avião do espião Steve Trevor (Chris Pine) cai na ilha, Diana salva-o e o território das Amazonas logo é invadido pelos alemães que perseguiram Trevor. As guerreiras matam todos alemães, mas Antíope morre interceptando uma bala que acertaria Diana. Interrogado com o Laço da Verdade, Steve revela que ele é um espião aliado da Primeira Guerra Mundial. Ele roubou um caderno com informações pertencentes à cientista espanhola Isabel Maru, chamada de "Doutora Veneno", que está criando um gás venenoso e letal sob as ordens do general Erich Ludendorff. Diana não tinha dimensão do caos e destruição que assolava o mundo dos homens, e decide ir com Steve para lá. O objetivo da guerreira era acabar com a Primeira Guerra Mundial e trazer de volta a paz às pessoas, sendo que ela acredita que Ares, o Deus da Guerra, é o responsável por todo o mal que assola o mundo no período. Para Diana, matar Ares iria resolver a guerra.

Em Londres, os dois entregam o caderno de Maru aos superiores de Steve, incluindo Sir Patrick Morgan, que está negociando um armistício com a Alemanha. Diana traduz todas as anotações da cientista, que estão escritas em línguas antigas. Os escritos dizem que Maru pretende testar o gás na guerra. Os chefes de Trevor o proibem de realizar qualquer ação, mas, com financiamento secreto de Sir Patrick, ele, Diana, o ator Charlie, o espião Sameer e o se infiltram em linhas inimigas para evitar a liberação do gás.

Uma das cenas mais significativas do filme se dá quando a equipe atinge a Frente Ocidental na Bélgica. Na “Terra de Ninguém”, há vários tiros de metralhadoras inimigas, mas Diana sai sozinha no meio do caminho, bloqueando os tiros com seus braceletes e abrindo caminho para que os soldados aliados pudessem avançar e atacar. Posteriormente, a equipe festeja e Diana e Steve se beijam e fica implícito na cena que o casal teve relações sexuais.

FIGURA 6 – CENA DO FILME MULHER MARAVILHA



FONTE: <https://www.omelete.com.br/mulher-maravilha/mulher-maravilha-2-comeca-a-ser-filmado-em-junho-de-2018>

LEGENDA: Mulher Maravilha entrando na guerra.

Steve se infiltra em festa de gala será no Alto Comando para destruir o gás. Mas, Diana, acredita piamente que Ludendorff é Ares e quer matá-lo para acabar com a guerra. Steve impede a heroína para não comprometer sua missão e, em seguida, Ludendorff dispara o gás em uma aldeia, matando todos os habitantes. Diana culpa Steve por e persegue o general a uma base militar onde o gás está sendo carregado para Londres. Ela luta com o general e mata-o. Contudo, para a surpresa da super-heroína, a guerra continua acontecendo.

Então, um plot-twist é revelado na narrativa e Sir Patrick aparece e declara que ele é Ares. O vilão afirma que de forma sutil deu ideias e inspirações de maldade aos homens, porém, os humanos é que decidem e são a causa da violência. Logo, Ares tenta convencer a Mulher Maravilha de que a humanidade é corrupta de modo inato e que ela deve se juntar a ele para destruir os humanos e restaurar a paz na Terra.

Enquanto Ares e Mulher Maravilha lutam, Steve se sacrifica pilotando o avião de bombardeiro, transportando o gás para uma altitude segura, que resulta em uma grande explosão. Ares tenta aproveitar a raiva da personagem pela morte de Trevor

para convencê-la a matar a doutora Maru, mas as lembranças de Steve a inspiraram que os humanos são bons. Ela poupa a cientista e mata Ares. De volta a Londres, a população inglesa comemora o fim da guerra. Ao fim do filme, com o cenário já nos tempos atuais, Diana envia um e-mail para Bruce Wayne (o herói Batman) agradecendo uma foto dela tirada durante a Primeira Guerra e reafirma sua missão de proteger a humanidade como a super-heroína Mulher Maravilha.

Em relação aos produtos midiáticos produzidos antes dos filmes, a obra cinematográfica rompeu com uma série de estereótipos. O uniforme da heroína no filme é mais adequado ao de uma guerreira, aproximando-se um pouco mais de uma armadura do que de um espartilho, como ocorre nas HQs. As cores da bandeira estadunidense dão lugar a uma paleta de cores mais sóbrio e escura (MOTTA; TARDIN, 2017).

Contudo, segundo Tardin e Motta (2017) algumas visões sexistas ainda são mantidas no filme. Por exemplo, em um diálogo entre Diana e Steve Trevor, ele diz “Nenhum homem pode vencer essa guerra” e Diana retruca “Eu sou o homem que pode”. A princípio, trata-se de uma afirmação de empoderamento feminino, no entanto, o trecho implica dizer que uma mulher só é boa se comparada a um homem. (MOTTA; TARDIN, 2017). Apesar disso, a personagem mantém nas telonas vários traços de feminilidade, que contribuem para desmistificar a ideia de que as mulheres precisam ser masculinizadas para serem fortes, capazes e poderosas. Contrariamente, há críticas de cinema que observam a personagem Capitã Marvel enquanto uma personagem extremamente masculinizada. Esse padrão pode ser visto tanto na ficção quanto em alguns âmbitos da sociedade. Nesse sentido, em pesquisa com mulheres militares do Exército brasileiro, Tardin (2016) apontou que muitas mulheres, para serem aceitas enquanto militares, precisam se masculinizar, com o intuito de não serem vistas como um corpo frágil.

### 2.1.2 Capitã Marvel

A personagem Capitã Marvel, apesar de não ter sido tão popularizada quanto a Mulher Maravilha, já possui mais de 50 anos de história. Isso se deve, sobretudo, ao fato de que a heroína recebeu destaque nas histórias em quadrinhos apenas recentemente, enquanto a personagem da DC Comics já era, desde a sua concepção, uma protagonista com HQs especialmente dedicadas a contar a sua

história. Ao longo dos anos, a representação da Capitã Marvel sofreu alterações e assumiu identidades distintas. No entanto, tais reformulações são mais do que adaptações ao espírito de cada época, e sim transformações no próprio nome e importância da heroína no universo Marvel. Além disso, na narrativa de Capitã Marvel, a jornada da heroína é árdua, abarcando traumas que vão desde estupro até perda de memória e superpoderes, aspectos que geraram muita controvérsia e polêmica dentro do *fandom* da editora de quadrinhos (DELCOLLI, 2019).

A primeira aparição da personagem se deu como Carol Danvers em março de 1968, na edição *Marvel Super Heroes* número 13 (escrita por Roy Thomas, desenhada por Gene Colan e editada por Stan Lee). Nesse contexto, Danvers é uma humana oficial da Força Aérea dos Estados Unidos e, posteriormente, é promovida à Coronel. Em seguida, a personagem passou a trabalhar na NASA, no cargo de Chefe de Segurança de uma base militar restrita. Ademais, ao longo de sua história, Carol já atuou em outras diversas profissões, tais como jornalista, editora e autora de livros de ficção científica. Haja vista que alguns dos cargos ocupados pela super-heroína são considerados tipicamente masculinos - especialmente nas Forças Aéreas e NASA -, constata-se uma importante ruptura com os estereótipos previamente estabelecidos e mantidos pelas histórias em quadrinhos, de modo que Capitã Marvel consiste em uma construção permeada por aspectos que conotam o empoderamento feminino. Em uma aparição da heroína, o personagem Genral Bridges a introduz ao Mar-Vell, dizendo: “Esta é a senhorita Danvers! Homem ou mulher, ela é a melhor líder de segurança que uma base de mísseis poderia querer! ”.

Apesar disso, nessa mesma revista, Danvers conhece o super-herói Mar-Vell, um oficial do exército da raça alienígena Kree que se infiltrou na Terra a fim de monitorar se o planeta representava alguma ameaça ao Império Kree. Para tanto, o personagem assumiu a identidade do recém-falecido Dr. Walter Lawson. Na história, Carol é inicialmente apresentada como uma garota com a qual Mar-Vell fica admirado, comparando-a com uma nave espacial fortemente protegida. Em um trecho da HQ, destaca-se: “E, de fato, mesmo os sentidos resistentes ao choque do Capitão Mar-Vell são paralisados pela incrível visão que eles contemplam” (*Marvel Super Heroes* número 13, 1968).

FIGURA 7 – PRIMEIRA APARIÇÃO DE CAPITÃ MARVEL NOS QUADRINHOS





FONTE: <https://www.playbuzz.com/uhc1thesignalv10/the-comprehensive-history-of-captain-marvel>  
 LEGENDA: Revista Marvel Super Heroes número 13, publicada em 1968

O herói ganhou destaque e passou a protagonizar uma revista em quadrinhos própria, sob o nome de Capitão Marvel, com edições nas quais Carol Danvers continuou a aparecer de regularmente, com um papel coadjuvante e interesse romântico na trama do Capitão. Desse modo, embora a personagem apresentasse elementos transgressores para as representações midiáticas femininas, relacionados à sua profissão, ela passou a ser constantemente salva pelo super-herói, o que acarretou, portanto, na reiteração do estereótipo da donzela em perigo. Em suma, a evolução de Carol ao longo do universo narrativo da Marvel simboliza de modo emblemático “a história das mulheres nos quadrinhos de forma resumida. E ela começa exatamente no mesmo lugar em que essas histórias costumavam começar: com a mulher sendo um interesse romântico de algum personagem masculino” (CARVALHO, 2019).

Esse padrão já era recorrente nas representações femininas nas histórias em quadrinhos e estava presente já em personagens precedentes a Danvers, como Jean Grey (do grupo de mutantes conhecidos como X-Men, criados pela Marvel Comics) e Louis Lane (interesse romântico de Super Homem Homem, da DC Comics). Jean era inclusive considerada uma das integrantes mais fracas de seu grupo, sendo constantemente socorrida por seu namorado Scott. Ao passo que era disseminada a visão estereotipada das mulheres como as namoradas que precisam ser resgatadas, também ganhava forma nos quadrinhos a representação da “*femme*

*fatale*”, que pode ser observada na personagem Viúva Negra. Nesse tipo de construção, a mulher é vista como aquela que está na trama para seduzir e distrair os homens (CARVALHO, 2019).

FIGURA 8 – CAPA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS DO CAPITÃO MARVEL



FONTE: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/02/capita-marvel-conheca-trajetoria-da-heroina-nos-quadrinhos.html>

FIGURA 9 – CAPITÃ MARVEL NA HISTÓRIA EM QUADRINHO DO CAPITÃO MARVEL



FONTE: <http://captainmarvelculture.blogspot.com/2018/09/the-true-history-of-shazam-and-all.html>  
 LEGENDA: Carol Danvers como coadjuvante em revista em quadrinhos do Capitão Marvel.

Em 1970, a produção da revista solo do Capitão Marvel foi cancelada e Carol Danvers passou por um período de hiato. A personagem ressurgiu como protagonista em Miss Marvel, uma revista em quadrinhos própria, em janeiro de 1977, período no qual a conjuntura histórica era marcada pela efervescência das discussões sobre a liberdade feminina na Segunda Onda do Feminismo, bem como pela luta pelos direitos civis de forma geral, que começaram a ser destacados a partir do final dos anos 1960. Nos anos 1970, os quadrinhos criados possuíam caráter mais inclusivo, que englobou maior representatividade feminina (Miss Marvel) e negra (Capitão América e o Falcão), além da incorporação de questões ecológicas (O Incrível Hulk) e de classe (em Thor e os Inumanos). Contudo, apesar de significarem um importante avanço referente ao alcance de representações mais diversificadas e complexas, as histórias desenvolvidas pela Marvel Comics na época eram extremamente didáticas e prescritivas (CARVALHO, 2019).

Diante da emergência de tais temas na sociedade, a Marvel Comics decidiu que precisava lançar uma personagem chamada Miss Marvel. Como a personagem teria esse nome, o roteirista e editor Gerry Conway optou que ela tivesse relação com o Capitão Marvel e, por isso, lembrou de Carol Danvers. Desse modo, o quadrinista aproveitou os eventos da última aparição de Danvers nas revistas de Mar-Vell para dar origem aos poderes da heroína. A personagem é atingida pela explosão do Psico-Magnetron, que é uma bomba extremamente poderosa desenvolvida pela raça Kree, a qual permite a manipulação de matéria para criar objetos, bem como a modificação da estrutura genética de um corpo.

No momento da explosão, a fisiologia de Carol foi modificada devido à exposição aos elevados níveis de radiação e seu DNA se misturou ao DNA do Capitão Marvel, o que gerou um híbrido de DNA humano-Kree e conferiu superpoderes à personagem, conhecida a partir de então como Miss Marvel. Entre as habilidades adquiridas estão super força, voo, resistência à maioria das toxinas e venenos, excelência no combate corpo a corpo, habilidade psíquicas, absorção e manipulação de energia e explosões fotônicas.

Na primeira edição dos quadrinhos de Ms. Marvel, discussões associadas à liberdade feminina e equidade de gênero foram abordadas por meio de tópicos como igualdade salarial e mulheres no jornalismo, com críticas direcionadas ao fato de que comumente as mulheres jornalistas eram responsáveis apenas por colunas referentes a temas considerados do interesse feminino, como receitas, beleza e

dietas (CARVALHO, 2019). A personagem passa a ser retratada como uma mulher bem sucedida e preocupada com a carreira.

FIGURA 10 – CAPA DA PRIMEIRA REVISTA DA MISS MARVEL



FONTE: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/02/capita-marvel-conheca-trajetoria-da-heroina-nos-quadrinhos.html>

No entanto, a história da personagem abrange momentos de bastante polêmica e representações muito problemáticas - tanto narrativamente, por tratar-se de uma construção confusa, quanto do ponto de vista das questões de gênero, pela superficialidade na abordagem de temas densos como estupro. A revista solo de Ms. Marvel foi cancelada depois de 23 edições e a heroína foi deslocada para as revistas do grupo de super-heróis Vingadores na década de 1980.

Na revista Vingadores número 200, lançada em outubro de 1980, Miss Marvel teve o acontecimento considerado por muitos fãs e críticos como o pior momento de sua narrativa e um dos mais controversos de todo o universo Marvel. A heroína teve uma repentina e exótica gravidez, que durou somente três dias. Seu filho, Marcus, rapidamente se torna um adulto. Na história, foi o próprio Marcus Immortus (vilão na trama) quem a engravidou. Ele estava preso em uma realidade paralela chamada Limbo e, a fim de libertar-se, decidiu raptar, dopar e estuprar Miss Marvel para engravidá-la. Depois, ele fez uma lavagem cerebral (motivo pelo qual ela não se lembrava dos acontecimentos) e a enviou de volta para a Terra, onde deu à luz a ele mesmo.



Ao descobrir o plano do vilão, Carol fica furiosa. Além disso, ela se indigna com a opinião expressada pelos Vingadores a respeito do assunto, pois muitos deles ficam felizes com o nascimento do bebê e não compreendem que, segundo a personagem, ela foi “usada”. Entretanto, o mais problemático da história é o seu desfecho: Carol começa a sentir um imenso carinho por Marcus e retorna com ele para a dimensão a qual ele pertencia. Em nenhum momento os heróis amigos de Danvers questionam sua decisão. Ao contrário, eles desejam boa sorte ao problemático e pouco provável casal.

FIGURA 11 – CAPITÃ MARVEL NA REVISTA VINGADORES NÚMERO 200



FONTE: <https://www.geekinsider.com/on-the-rape-of-ms-marvel/>

Esse episódio polêmico da história da personagem foi criado por Jim Shooter, editor-chefe da revista, e roteirizado por David Micheline. A historiadora de

quadrinhos Carol Strickland, em seu artigo *The Rape of Ms. Marvel* (O Estupro da Miss Marvel) ressaltou que a história tratou assunto de maneira irresponsável e romantizada. Para a autora, a forma como o estupro foi abordado na trama passa a sensação de que as mulheres gostam de ser estupradas (STRICKLAND, s.d.).

Porém, uma reviravolta na construção da personagem se dá a partir do momento em que os quadrinhos passam a ser escritos por Chris Claremont, em parceria com o desenhista Dave Cockrum e a editora Louise “Weezy” Simonson, que era uma das poucas mulheres a trabalhar com quadrinhos na época. Os quadrinhos criados por esse grupo significaram uma mudança no posicionamento da personagem, cuja construção se tornou mais complexa e ativa. Ela deixou de ser uma personagem que *sofre* as ações para ser uma mulher que *faz* ações na sua própria história. Nessa nova fase, a heroína volta à Terra um ano depois da publicação da revista Vingadores número 200. Após, ela se lembra de tudo o que aconteceu com ela e Marcus, com a ajuda do personagem Professor Xavier (do grupo X-Men), que possui habilidades psíquicas. Então, Miss Marvel confronta os Vingadores e se revolta com a omissão deles diante dos acontecimentos na revista Vingadores Anual número 10.

Na edição Uncanny X-Men 164, a heroína rompe com o grupo Vingadores e segue para uma de suas maiores mudanças, ocasionada por experimentos da raça alienígena NINHADA, que a transformam em uma heroína com poderes ainda mais impressionantes. Ela absorve energia de um buraco branco, o que a torna capaz de gerar o poder de uma estrela. Logo, ela podia sobreviver no espaço, atravessá-lo o na velocidade da luz e mergulhar na energia cósmica. Assim, Miss Marvel adota o codinome Binária. Nesse período, os X-Men queriam que Carol se unisse a equipe deles, mas Binária decidiu seguir seu sonho de explorar o universo. “Retornar com vocês significa rejeitar o desejo do meu coração, mas realizar esse desejo significa deixar a todos e tudo que amo. A Terra era o lar de Carol Danvers... Mas eu temo que não haja aqui lugar para Binária”.

FIGURA 12 – CAROL DANVERS COMO BINÁRIA



FONTE: <https://docecherryblog.wordpress.com/2019/03/>

Em 1998, em uma batalha no espaço, Danvers perde os poderes adquiridos como Binária e volta a ter somente aquelas habilidades que já possuía enquanto Miss Marvel. Sem os poderes cósmicos, ela retorna à Terra, volta a fazer parte dos Vingadores e muda sua identidade para Warbird. Nas HQs escritas por Kurt Busiek, mesmo depois de perdoar os colegas pelo episódio com Marcus, Carol enfrenta traumas diante do estupro e perda de memória e poderes. Assim, a personagem precisa lidar com a depressão e torna-se alcoólatra e é expulsa da equipe dos Vingadores por comparecer embriagada nas missões. A mudança de identidade e o momento turbulento da personagem são representados inclusive nos seus trajes, que se tornam escuros e sóbrios, em contraste à vivacidade das roupas de Binária.

Em 2006, a super-heroína retoma a sua nomenclatura original: Miss Marvel. Na saga *Dinastia M*, a personagem Feiticeira Escarlata cria uma realidade paralela na qual seres com superpoderes são classe social dominante. Nessa conjuntura, Carol Danvers torna-se uma heroína querida pela sociedade (DELCOLLI, 2019).

FIGURA 13 – REVISTA MS. MARVEL NÚMERO 1



FONTE: <https://docecherryblog.wordpress.com/2019/03/>

A personagem assumiu várias identidades e nomes durante sua trajetória, porém foi somente no ano de 2012, quando a roteirista Kelly Sue DeConnick e o desenhista Dexter Soy assumiram as HQs, que Carol Danvers finalmente se tornou a Capitã Marvel e adquiriu uma posição de verdadeiro protagonismo e liderança no universo narrativo da marca. As modificações no uniforme são um indicativo da ressignificação da personagem. O design foi criado por Jamie McKelvie e tem elementos inspirados no passado de Carol como piloto, possuindo macacão, luvas e botas. Ao mesmo tempo, o uniforme mantém características que remonta a sua história como heroína, com as linhas e o vermelho do uniforme original, além da faixa no quadril do seu traje de Warbird/Ms Marvel. Ao contrário dos trajes anteriores, este cobre o corpo todo. Ainda, nesta fase a Capitã Marvel apresenta o cabelo curto e o rosto não é coberto por máscara (BRIDI, 2019). Em suma, a aparência da personagem se torna menos sexualizada e irreal. As proporções desumanas trocadas por um corpo mais musculoso e menos sensual, com um traje mais adequado à luta e condizente com a trajetória da Capitã.



FIGURA 14 – EVOLUÇÃO DA APARÊNCIA DA CAPITÃ MARVEL NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS



FONTE: <https://stream2-online.blogspot.com/2019/03/captain-marvel-binary-costume.html>

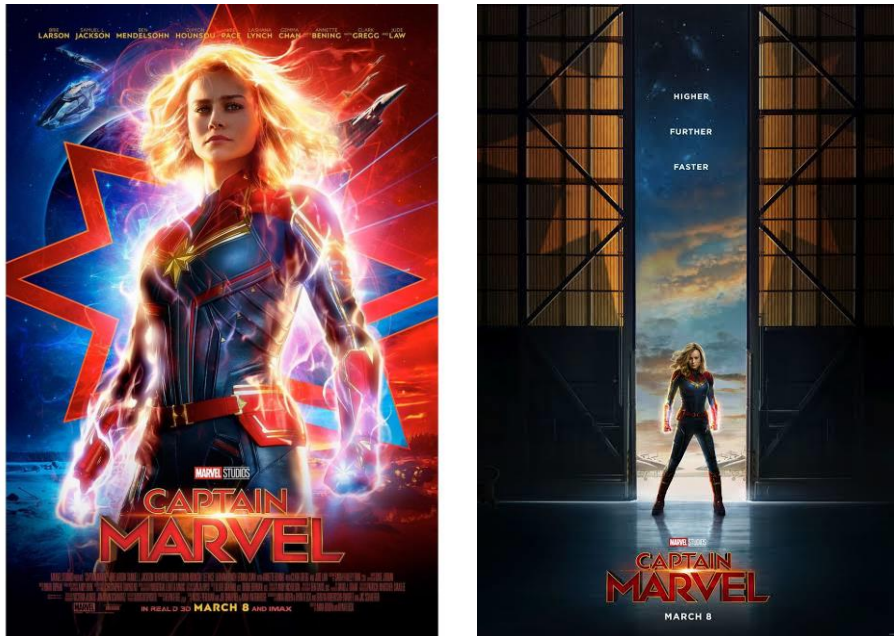
#### 2.1.2.1 A Capitã Marvel nos cinemas

A Marvel é uma marca de alcance global, com uma filmografia que vem sendo desenvolvida há mais de 10 anos e com pelo menos 20 filmes lançados até 2019 (ADORO CINEMA, 2019). No entanto, foi apenas em 2019 que o estúdio lançou a sua primeira produção com uma heroína como protagonista. A escolha pela Capitã Marvel está relacionada à sua nova fase nos quadrinhos. Oito meses depois da sua estreia nas HQS, um rascunho do roteiro já circulava nos bastidores e, em 2014, Kevin Feige, o presidente do estúdio, deu declarações públicas de que a personagem seria a provável escolha para protagonizar uma futura produção do Marvel Cinematic Universe (MCU). Segundo ele, o ideal era trazer às telas uma super-heroína totalmente nova nos cinemas, para contar toda a sua origem. Isto é, o presidente não defendia que a personagem Viúva Negra, por exemplo, protagonizar um filme na época, pois esta já era desenvolvida na franquia dos Vingadores no cinema.

O filme da Capitã Marvel (Captain Marvel), produzido pela Marvel Studios e distribuído pela Walt Disney, foi lançado em 2019. Dirigido por Anna Boden e Ryan Fleck, e roteirizado por Geneva Robertson-Dworet, a narrativa possui avaliação de 78% no site de críticas Rotten Tomatoes. O filme alcançou uma bilheteria de mais de

1 bilhão de dólares em todo o mundo (OMELETE, 2019), possui duração de 128 minutos e não é recomendado para menores de 12 anos.

FIGURA 15 – PÔSTERES DO FILME CAPITÃ MARVEL



FONTE: <https://plucktv.blogspot.com/2018/12/capita-marvel-divulgado-poster-oficial-e-data-de-lancamento-do-trailer.html> e <https://www.b9.com.br/96740/capita-marvel-ganha-o-seu-primeiro-trailer/>  
 LEGENDA: No pôster à direita, os dizeres “*Higher. Further. Faster.*”, que significam “Mais alto. Mais longe. Mais rápido”.

Abaixo é possível observar a sinopse oficial do filme:

Carol Danvers (Brie Larson) é uma ex-agente da Força Aérea norte-americana, que, sem se lembrar de sua vida na Terra, é recrutada pelos Kree para fazer parte de seu exército de elite. Inimiga declarada dos Skrull, ela acaba voltando ao seu planeta de origem para impedir uma invasão dos metaformos, e assim vai acabar descobrindo a verdade sobre si, com a ajuda do agente Nick Fury (Samuel L. Jackson) e da gata Goose. (ADORO CINEMA, 2019).

O filme tem início no ano de 1995, em um planeta chamado Hala, onde vive a raça alienígena Kree, que é extremamente avançada no quesito militar. Vers, interpretada por Brie Larson, faz parte de um esquadrão de elite chamado Força Estelar, e frequentemente tem pesadelos no qual enxerga uma mulher que afirma não conhecer. Há ainda uma espécie de entidade, a Inteligência Suprema, que engloba as consciências do povo Kree e verifica constantemente as emoções de Vers. Tal entidade também controla o planeta Hala e se expressa de diferentes formas para os integrantes da Força Estelar. Nesse cenário, Vers treina com seu

mentor, Yon-Rogg (Jude Law), com o intuito de controlar as habilidades poderosas que possui.

Durante uma missão de resgate de um aliado que estava infiltrado entre os Skrull, povo alienígena transmorfo e inimigo dos Kree, Vers acaba sendo capturada pelo comandante Skrull, Talos (o ator Ben Mendelsohn). Uma varredura é realizada em suas memórias, mas ela consegue escapar destruindo a nave Skrull, que cai no planeta Terra. Sua presença na Terra chama a atenção dos agentes Nick Fury (interpretado Samuel L. Jackson) e Phil Coulson (interpretado Clark Gregg), da S.H.I.E.L.D., que encontram Vers logo após ela ter se comunicado com Yon-Rogg e informado sua localização. Um Skrull com aparência humana começa a atacá-los, e enquanto Vers persegue um deles e consegue recuperar um cristal com as memórias que foram extraídas dela. Fury a persegue de carro, mas é atacado por outro Skrull que finge ser o agente Coulson.

FIGURA 16 – CENA DO FILME CAPITÃ MARVEL



FONTE: <https://ftw.usatoday.com/2019/03/captain-marvel-postcredit-scene>

LEGENDA: Capitã Marvel em busca de *skrulls*.

Após isso, na sede da S.H.I.E.L.D., o corpo do Skrull morto por Fury é levado para análise, e o diretor Keller (Ben Mendelsohn), que na realidade é o Talos se passando por humano, ordena que Fury trabalhe sozinho com Vers na condição de impedir outros Skrulls impostores. Fury encontra Vers e depois a leva na base da força área nacional, onde descobrem arquivos sobre uma piloto supostamente morta em 1989 enquanto fazia testes experimentais para uma mulher chamada Wendy Lawson (Annette Bening), que por meio de uma fotografia Vers reconhece como a mulher que aparece em seus pesadelos. Os dois se separam, e depois de descobrir que a piloto dada como morta era Vers, Fury encontra Keller e descobre que ele era

um Skrull. Fury o despista, e Keller ordena que vários agentes da S.H.I.E.L.D. persigam ele e Vers na base aérea.

Os dois conseguem fugem num cargo jet, levando com eles o gato de estimação de Lawson, Goose, e vão até Louisiana para encontrar a última pessoa que viu Lawson e Vers vivas antes do acidente, a ex-piloto Maria Rambeau (Lashana Lynch). Ao chegar no local, Vers descobre que seu verdadeiro nome é Carol Danvers, e que Maria era sua melhor amiga. Talos então aparece na casa de Maria, e antes que um combate ocorra, ele explica que os Skrulls são apenas alienígenas refugiados em busca de um novo lar, e que Lawson era uma renegada cientista Kree que os estava ajudando. Ele mostra o conteúdo da caixa preta do avião de Lawson, e depois de escutar a última mensagem deixada pela cientista, Carol finalmente se lembra do acidente, no qual ela descobriu que Lawson não era da Terra ao notar que seu sangue era de outra cor. Yon-Rogg aparece com a Força Estelar e mata Lawson antes que ela possa destruir o núcleo de energia cobiçado pelos Kree.

Na tentativa de fazer a vontade de Lawson, Carol dispara sua arma contra o núcleo para destruí-lo, mas uma imensa onda de energia se espalha, e ela acaba absorvendo todo o poder, gerando sua perda de memória. Enganada por seu mentor, Carol decide ajudar os Skrull, e todos viajam para a órbita terrestre, onde um cruzador estelar sem sinal mantém todos os remanescentes da raça Skrull. Fury e Carol descobrem que eles protegem o Tesseract, fonte do poder do núcleo de energia responsável pelos poderes de Carol.

Pouco depois, a Força Estelar aparece em uma nave e invade o cruzador espacial Skrull, capturando Carol, que é levada até a Inteligência Suprema, que se manifesta para ela como Lawson. Durante a conversa, a Inteligência Suprema a menospreza, afirmando que ela é fraca, e ter sido acolhida pelos Kree foi a melhor coisa que aconteceu a ela. Carol remove o implante Kree que suprimia seus poderes, liberando-os em sua totalidade. Uma batalha acontece, e enquanto Fury recupera o Tesseract com a ajuda de Goose, que na realidade é uma criatura espacial, e foge com Maria e os refugiados Skrull, Carol escapa da nave Kree e chega na Terra logo após a chegada de Yon-Rogg, que tenta abatê-la.

Quando mísseis são disparados pelos Kree contra a nave repleta de Skrulls pilotada por Maria, Carol voa velozmente à atmosfera terrestre, destruindo todos os mísseis, para surpresa de Ronan, o Acusador (Lee Pace), autoridade militar máxima

Kree, que rapidamente se retira assim que Carol ameaça destruir sua nave. De volta à superfície da Terra, Carol encontra Yon-Rogg, que a desafia para um combate, mas ela desvela um único golpe, afirmando que não precisa lhe provar nada. Carol o coloca em sua nave e o manda de volta para Hala, com o aviso para a Inteligência Suprema de que os deixem em paz.

Nos momentos finais, Carol decide viajar com os Skrulls pela galáxia para ajudá-los em sua busca por um novo lar. Ela deixa um pager com Fury para que ele possa contatá-la em casos de emergência. Este perde o olho esquerdo depois que Goose o arranha no rosto. Em seu escritório, Fury está decidido a encontrar e reunir outros heróis como Carol, e depois de ver uma foto dela ao lado de seu avião caça onde está escrito “Vingador”, ele tem a ideia para o nome do projeto: “Vingadores” (Avengers).

O filme recebeu críticas em relação a uma narrativa não linear ruim, pois a Capitã Marvel é uma personagem construída a partir de flashes de memórias apresentados longo da história. Além disso, a produção possui uma declarada agenda política, que perpassa temas diversos. Um ponto nesse sentido está presente no plot-twist em que a raça alienígena dos Skrulls, antes vistos como terroristas, são na verdade refugiados. Acima de tudo, o filme é declaradamente feminista, ressaltando uma mensagem de superação e empoderamento ao destacar todos os desafios que a protagonista passa por ser mulher.

### 3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA MÍDIA E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

#### 3.1 A CRISE DA IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Por definição, as sociedades modernas são caracterizadas pela constante, rápida e permanente ruptura (HALL, 2006. p.4). Nesse período a partir do século XX, conceitualmente definido como pós-modernidade, instaura-se a chamada “crise da identidade”, a qual consiste na fragmentação, isto é, no deslocamento ou descentramento, do indivíduo moderno, que era antes entendido como um sujeito plenamente unificado. Esse fenômeno é parte de um processo mais abrangente de deslocamento das estruturas fundamentais da sociedade moderna, que abarca o abalo dos antigos quadros de referência no mundo social. Tais quadros consistiam em ancoragens sólidas, como um sistema estável de interpretações, referências e estereótipos. Assim, em decorrência de profundas alterações institucionais e estruturais, estão entrando em colapso e sendo questionadas as tradicionais noções identitárias referentes aos conceitos de classe, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade e gênero (HALL, 2006).

Por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social moveável que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998, p. 15 apud GROSSI, s.d.).

As transformações identitárias acarretam implicações no âmbito político, de modo que, na pós-modernidade, é engendrado um processo caracterizado pela mudança de uma política da identidade de classe para uma política da diferença. Atualmente, os interesses sociais não são mais identificados apenas em termos de classe. A classe não pode ser um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora pela qual todos os interesses e identidades são reconciliados e representados. “Em termos políticos, as identidades estão em crise porque as estruturas tradicionais de pertencimento, baseadas nas relações de classe, no partido e na nação-estado, têm sido questionadas” (MERCER, 1992 p. 24 apud WOODWARD, 2000, p.36). Tal processo ocorre diante da emergência de novas

identidades, relacionadas à uma nova base política associada aos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos. Trata-se da multiplicidade identitária, que varia de acordo com a forma pela qual o sujeito é interpelado ou representado e não se dá de forma automática. A identidade torna-se politizada e pode sempre ser deslocada, ganhada ou perdida.

Stuart Hall (2006) também discorre que, além da alteração na configuração das identidades culturais de forma geral, há transformações nas identidades pessoais, caracterizando a descentração do sujeito. Desse modo, não é mais possível definir um “sentido de si” estável e fixo. Há, portanto, um duplo deslocamento do sujeito, tanto de si mesmo quanto de seu lugar no mundo social e cultural. Assim, o indivíduo pós-moderno é composto por múltiplas e móveis identidades, as quais são comumente discordantes, bem como alteradas de modo contínuo, diante das interpelações e representações realizadas ao indivíduo nos sistemas culturais. Em suma, o sujeito apropria-se de diferentes identidades em momentos distintos.

O deslocamento e efemeridade das identidades empreende certo desconcertamento e insegurança ao indivíduo, mas, sobretudo, concebe uma ampla gama de novas possibilidades de articulação e construção identitária, que podem viabilizar a diversidade cultural e social. Ainda, diante da crise de identidades, é alterada também a dinâmica do processo de identificação, que adquire caráter mais efêmero, complexo e variável. Nesse sentido, os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, de modo que o sujeito é confrontado por uma infinidade mutável de identidades possíveis com as quais ele pode identificar-se, mesmo que provisoriamente (HALL, 2006, p.13).

### 3.2 IDENTIDADE, DIFERENÇA E PODER

A noção de identidade teve diferentes enfoques e significados ao longo da história. Os Estudos Culturais, sobretudo o autor Stuart Hall, enfatizaram e discutiram amplamente tal conceito. De acordo com Woodward (2000), por muito tempo predominou uma visão essencialista da identidade, a qual invoca o caráter fixo e imutável das identidades, geralmente respaldada em aspectos biológicos, como raça e parentesco ou na valorização do passado, em que uma construção

mítica da história é considerada como verdade essencial. No entanto, a autora defende uma abordagem contingente acerca da identidade, segundo a qual o conceito é produto da intersecção de uma ampla gama de componentes, discursos políticos e culturais, e histórias particulares. Analogamente, Tomaz Tadeu da Silva (2000) assume que a identidade não é uma essência, dado ou fato natural ou cultural. Para ele, assim como discorre Hall (2006) em *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*, as identidades são móveis, instáveis, incoerentes, provisórias e não unificadas. Todas essas interpretações do conceito rompem com a ideia de que a identidade é aquilo que unifica e fixa de forma definitiva os elementos comuns a um certo grupo de indivíduos. Tais autores problematizam e complexificam o estudo das construções identitárias, definindo-as como processos heterogêneos, contraditórios, fragmentados, inconsistentes e inacabados. Ademais, a identidade é entendida como uma construção social, um processo de produção, uma relação ou um ato performativo (SILVA, 2000, p.96).

Isto posto, em vez de unificar, significar semelhança e opor-se à diferença, a identidade depende deste conceito. A conceituação de diferença refere-se àquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, comumente na forma de oposições. Além disso, conforme mencionado, a identidade não é um fato dado ou objetivo que está presente na natureza. Ao contrário, identidade e diferença estão intrinsecamente ligadas a estruturas discursivas e narrativas, isto é, elas são resultado de um processo de produção ou criação simbólica no contexto das relações culturais e sociais (SILVA, 2000). Assim, ambas são atos de criação linguística e, por consequência, estão sujeitas a determinadas propriedades que constituem a linguagem como tal. É justamente por isso que a identidade é fortemente baseada nas diferenças, haja vista que, segundo o linguista suíço Fernand Saussure, a linguagem é, em essência, um sistema de diferenças.

Ou seja, os signos são completamente arbitrários e não possuem significado absoluto isoladamente, mas sim devido a sua oposição com outros. Por exemplo, a manutenção de uma ideia de uma identidade brasileira, ao dizermos “sou brasileiro”, só adquire valor e possui sentido quando inserida em uma ampla cadeia de elementos que se opõem a tal concepção. Ou seja, dizer que se é brasileiro, significa falar que não se é inglês, indiano ou espanhol, etc. Em suma, para Woodward (2000) a identidade é relacional e a diferença é estabelecida por meio de marcações simbólicas em relação às outras identidades.



Com o intuito de destrinchar como a diferença é marcada em relação à identidade, Woodward emprega a noção de sistemas classificatórios, conceituação durkheimiana transposta e revisitada nos Estudos Culturais. Para Émile Durkheim, é por meio da organização e ordenação das coisas de acordo com sistemas classificatórios que o significado é produzido. Nesse sentido, Woodward (2000), ao retomar o termo, ressalta que a marcação da diferença - nos âmbitos simbólico e social - é realizada mediante sistemas de classificação, que possibilitam a produção de sentidos, significados e identidades. “Os sistemas classificatórios por meio dos quais o significado é produzido dependem de sistemas sociais e simbólicos. As percepções e a compreensão da mais material das necessidades são construídas por meio de sistemas simbólicos” (WOODWARD, 2000, p. 53).

De acordo com a antropóloga social Mary Douglas, “a cultura, na forma do ritual, do símbolo e da classificação, é central à produção do significado e da reprodução das relações sociais” (DU GAY, HALL et al., 1997; HALL, 1997b apud WOODWARD, 2000, p. 42). Nessa perspectiva, o sistema classificatório opera um princípio de diferença a uma população e, assim, divide-a em, pelo menos, dois grupos opostos. Essa lógica dualista, influenciada pela própria constituição da linguagem, está presente em diversas culturas e sistemas de pensamento. Nesse sentido, a teoria linguística saussureana sustenta que “as oposições binárias - a forma mais extrema de marcar a diferença - são essenciais para a produção do significado” (HALL, 1997a apud WOODWARD, 2000).

Cixous (1975 apud WOODWARD, 2000) enfatiza que, para além de uma mera distinção estrutural subjacente aos sistemas linguísticos, os binarismos imbricam-se a uma rede histórica de determinações culturais. Por exemplo, segundo o autor, as mulheres foram historicamente relacionadas a categoria da emoção ou natureza, enquanto os homens tiveram sua identidade atrelada à racionalidade. Tendo em vista as implicações da lógica binária no seio social e cultural das populações, no que tange à linguagem e, por extensão, às identidades, tratam-se de oposições que ocultam relações de poder imbricadas nas dinâmicas sociais. A respeito dessa dicotomia, Derrida (apud WOODWARD, 2000) argumenta que a relação en-tre os dois componentes de uma oposição abarcam um dese-quilíbrio de poder. Sinteticamente, todas as práticas de significação abrangem relações de poder, visto que as formas simbólicas são portadoras de ideologias (THOMPSON,

1995) e “ideologia é sentido a serviço do poder” (ROSO; STREY; GUARESCHI; BUENO, 2002, p.81).

O discurso é um tipo de enunciado ligado aos espaços sociais e às tramas de poder onde acontece sua produção, e sua validade está ligada não apenas àquilo que efetivamente propõe em relação à realidade, mas também às tramas, discursos e poderes aos quais o discurso está relacionado. (MARTINO, 2010, p. 131)

Assim, a identidade e a diferença são impostas, hierarquizadas e disputadas. São contrastes como: nós/eles, eu/outro, branco/negro, homem/mulher, natureza/cultura, corpo/mente, pai-xão/razão, etc. Para Tomas Tadeu da Silva (2000), a diferenciação e a dominação que reside em tais binarismos envolve diferentes marcações de poder: “incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”)).

As relações de dominação que perpassam e tensionam esses polos sinalizam também que a identidade envolve não somente questões simbólicas, mas também condições materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo, são gerados efeitos concretos, de modo que tal população será desvalorizada e excluída, possuindo inclusive desvantagens materiais. Em suma, “toda prática social é simbolicamente marcada” (WOODWARD, 2000, p.32).

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. E por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais (WOODWARD, 2000, p.13).

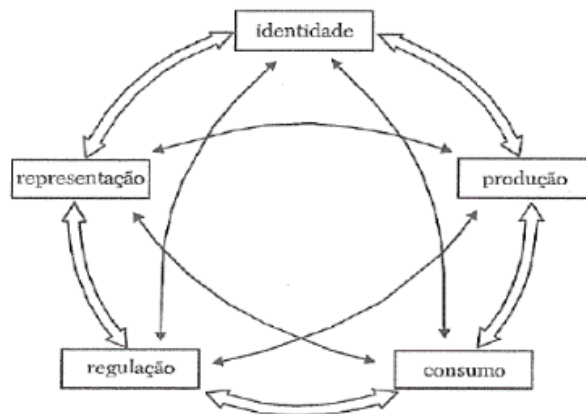
A marcação da diferença ocorre por meio de sistemas simbólicos de representação e também por formas de exclusão social.

### 3.3 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NO CIRCUITO DA CULTURA

Tendo em vista que a identidade está ligada a sistemas de representação e possui estreitas conexões com relações de poder, é fundamental destacar o conceito de representação social, dado que ele se vincula à produção, manutenção, contestação e negociação das identidades. E, para além disso, é necessário destrinchar os elementos e articulações existentes naquilo que Paul de Gay, Stuart

Hall, Linda Janes, Hugh Mackaye Keith Negus (1997) denominaram Circuito da Cultura.

FIGURA 17 – CIRCUITO DA CULTURA



FONTE: DU GAY, et. al (1997)

O esquema, por ser um circuito, não é composto por dinâmicas lineares ou sequenciais. Aliás, cada elemento ou momento está sempre fortemente relacionado a cada um dos outros, de modo que as separações servem apenas como artifício conceitual que intenta possibilitar a concentração em aspectos específicos. A ideia central defendida pelos autores é a de que, para a consecução de uma compreensão plena sobre um artefato cultural ou texto, é preciso que sejam analisados os processos de: representação, identidade, produção, consumo e regulação.

A representação social consiste em sistemas simbólicos, como textos ou imagens, como os que são veiculados em campanhas publicitárias, telenovelas ou revistas, por exemplo. Tais representações atuam na produção de significados - e identidades - associados ao tipo de pessoa que usa um produto ou consome determinado bem cultural. No contexto da produção, o artefato ou produto cultural, assim como as identidades a ele associadas, são produzidos - tanto técnica quanto culturalmente - a fim de atingir os consumidores que se *identificam* com o produto. Ainda, “um artefato cultural tem um efeito sobre a regulação da vida social, por meio das formas pelas quais ele é representado, sobre as identidades com ele associadas

e sobre a articulação de sua produção e de seu consumo” (WOODWARD, 2000, p. 15).

A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e as relações sociais no seu interior e, portanto, influencia as práticas sociais, os valores e a forma como a sociedade enxerga, significa e confere sentido à realidade (HALL, 2016). Na história da filosofia ocidental, o conceito engloba a busca por tornar o “real” presente, ou seja, apreendê-lo do modo mais fiel possível mediante sistemas de significação (SILVA, 2006, p.90).

Ainda segundo Hall (2016), representações sociais são maneiras de exprimir, traduzir, significar ou simbolizar as coisas – sejam elas reais ou fictícias, concretas ou abstratas -. Todo esse processo ocorre por via dos signos, que podem ser imagens, palavras ou sons os quais proporcionem sentido, abarcando convenções culturais e linguísticas segundo as quais esse sentido é concebido. Logo, o sentido não reside nem objeto ou no sujeito, mas é resultado do próprio ato de significar. Em resumo, representação social é à produção de sentido por meio da linguagem (HALL, 2016).

A representação social é, à vista disso, um processo cultural, o qual abarca práticas de significação e sistemas simbólicos que produzem significados, pelos quais os sujeitos dão sentido à sua experiência, ao que são e ao que podem se tornar, em outros termos: suas identidades individuais e coletivas.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2000, p.17).

Dessa maneira, ressalta-se a importância dos discursos e sistemas de representação para a construção dos lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar. Os modelos identitários são socialmente úteis porque estabelecem paradigmas, estereótipos, formas de agir e pensar que inserem o sujeito em um contexto pré-determinado simbolicamente (SILVA; RIBEIRO; JOHN, 2016). Por exemplo, a narrativa das telenovelas ou dos *blockbusters* norte-americanos contribuem para a formação de determinadas identidades de gênero. Essa visão interpretativa de que as representações constituem identidades e concebem práticas desejáveis para os grupos sociais é corroborada por diversos autores, como Hall (2016), Moscovici (1978) e Woodward (2000).

Em resumo, o que Moscovici procura enfatizar é que as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos, e que “determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das ideias compartilhadas pelos grupos e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas” (MOSCOVICI, 1978 apud ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 23).

Dessa maneira, haja vista o vínculo entre as representações e a construção ou reforço dos ideais, juízos, princípios e comportamentos, merece destaque a relação estabelecida entre as representações sociais e a comunicação, com enfoque no que diz respeito aos meios de comunicação de massa. Atualmente, a mídia exerce um papel fundamental na formação do imaginário coletivo e das identidades individuais:

Por intermédio de filmes, ficções seriadas, canções, videocliques, noticiários, editoriais, artigos, reportagens, entrevistas, depoimentos, testes, dicas, concursos e anúncios, as indústrias da cultura fornecem descrições textuais e visuais daquilo que é conveniente em matéria de personalidade, aparência, conduta moral e cívica, postura política, relacionamento afetivo e comportamento sexual – modelos e recursos simbólicos a partir dos quais os consumidores podem construir avaliação que fazem de si mesmos. (FILHO, 2005, p. 21).

Além disso, em referência às funções da representação social, para Spink (1993), há três centrais: orientação das condutas e das comunicações; proteção e legitimação de identidades e familiarização com a novidade. Neste trabalho será focalizada a legitimação e proteção de identidades, e de forma mais secundária, a orientação das condutas de mulheres que compõem o público. Nesse sentido, cada sujeito opta por modelos identitários circulantes, oferecidos pela mídia, que mais lhe proporcione prazer e identificação (LEITE, 2011, p. 28).

Dentro dessa lógica dos modelos identitários oferecidos pelos produtos midiáticos, é possível afirmar que as representações relacionadas ao objeto deste trabalho, que são super-heroínas no cinema, são muitas vezes estereotipadas. É comum às personagens femininas mais icônicas, como a Mulher Maravilha, a Viúva Negra e a Mulher Gato, terem corpos bem definidos, curvas realçadas, uniformes decotados e/ou colados ao corpo, seios volumosos e o título de *sex symbol* em meio aos fãs homens. Além disso, a representatividade é muito baixa. Poucos filmes solo com super-heroínas protagonistas feministas se destacaram, até o lançamento de Mulher Maravilha (2017) e Capitã Marvel (2019). Além desses, é possível citar somente Supergirl (1984) e Elektra (2005). No entanto, após 2017, observou-se

mais filmes de super-heróis com representatividade feminina e também negra, como Pantera Negra (2018) e Homem-Formiga e Vespa (2018).

### 3.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MÍDIA

Diante da associação entre a ideia de representação social e a criação e manutenção de princípios, pensamentos e comportamentos, destaca-se o papel da mídia na intermediação desses processos. A mídia exerce um papel fundamental na formação do indivíduo moderno e, sobretudo, na formação da opinião pública (LIPPMANN, 2008). Pode-se dizer que os discursos midiáticos e sua consequente produção e reprodução de identidades na sociedade, cumpre funções sociais básicas tradicionalmente desempenhadas pelos mitos, tais como a reprodução de imagens culturais, a generalização e a integração social (SILVA; RIBEIRO; JOHN, 2016). Desse modo, segundo Morigi (2004, p.6), as representações sociais difundidas pelos meios de comunicação passam a integrar a opinião pública e o senso comum, na forma de discurso da atualidade.

A ideia que se pretende reforçar aqui é a de que os discursos, com ênfase nas representações veiculadas nos meios de comunicação, não são meras entidades abstratas sem valor prático ou material, dado que, a linguagem é performativa. Como argumenta Moscovici, as representações sociais são verdadeiras teorias coletivas sobre o real e as ficções não são mentiras, mas representações fundamentais que o ser humano faz da realidade (LIPPMANN, 2008).

No entanto, apesar de seu papel central nas dinâmicas relacionadas às representações e identidades, a mídia não é uma entidade com alguma espécie de poder inabalável que difunde ideias para uma massa homogênea, passiva e atomizada. Contrariamente, a comunicação de massa é parte de fluxos e dinâmicas comunicacionais complexas, cambiantes e não lineares. Do mesmo modo que os meios de comunicação disseminam representações que passam a ser incorporadas à opinião pública, o senso comum fornece representações já vigentes que os meios acabam por corroborar (PELEGRINI, 2009). Nessa lógica, o senso comum é um saber valioso para a produção de sentido, cuja linguagem são as representações sociais. O senso comum é uma “teia de significados capaz de criar efetivamente a realidade social” (SPINK, 1993, p. 303).

O papel do senso comum e sua relação com a opinião pública e as representações sociais é destrinchado por Walter Lippmann (2008). Segundo o autor, “para atravessar o mundo as pessoas precisam ter mapas do mundo”

(LIPPMAN, 2008, p.31), ou seja, fazer parte de uma mesma cultura remete compartilhar mapas conceituais semelhantes e interpretar o mundo analogamente, já que a vida em sociedade exige símbolos comuns. Assim, os sujeitos apreendem o mundo indiretamente, via representações sociais, imagens feitas por ele ou transmitidas a ele (LIPPMANN, 2008). Em consonância com essa linha argumentativa, Jodelet (1989, p.1) aponta:

Sempre precisamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis porquê construímos representações.

Contudo, há que se enfatizar que, considerando a centralidade da mídia nas articulações do circuito cultural, as identidades são passíveis de contestação. Os sistemas simbólicos propiciam novas maneiras de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais, bem como às formas de exclusão, dominação e estigmatização às quais alguns grupos são submetidos (WOODWARD, 2000, p. 19). Estão entrando em colapso as identidades fixas e sendo forjadas novas identidades, muitas vezes por meio da luta e da contestação política. Nesse sentido, apesar de atuar como mantenedora relações de desigualdade e poder, a mídia detém também a possibilidade de renovação desse cenário. As representações sociais carregam o peso da história e da tradição, mas também apresentam mudanças constantes relativamente à flexibilidade da realidade contemporânea (ALEXANDRE, 2001, p. 123). Assim, a mídia pode assumir papel ativo na divulgação e dinâmica da resistência social, podendo trazer a opinião pública contra os seus próprios estereótipo institucionalizado. Dessa forma, se reafirma o conceito de opinião pública como poderoso instrumento de renovação social (PETRY, 2015).

Hall argumenta em favor do reconhecimento da identidade, mas não de uma identidade que esteja fixada na rigidez da oposição binária, tal como as dicotomias “nós/eles”. Ele sugere que, embora seja construído por meio da diferença, o significado não é fixo [...] A posição de Hall enfatiza a fluidez da identidade. Ao ver a identidade como uma ques-tão de “tornar-se”, aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum.

Dessa maneira, representações de super-heroínas extremamente poderosas podem contribuir para o rompimento de estereótipos e transformação do âmbito das identidades possíveis. Nos Estudos Culturais, para o entendimento das dinâmicas pelas quais são construídas e negociadas essas identidades e representações, a



noção de identificação tem sido um conceito central. “A ênfase na representação e o papel-chave da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais levam, assim, a uma preocupação com a identificação” (NIXON, 1997 apud WOODWARD, p. 17). Tal concepção vem sendo utilizada principalmente na Teoria do Cinema, com o objetivo de elucidar como os sujeitos se identificam, se colocam no lugar dos personagens e, mais do que isso, veem a eles mesmos em alguma imagem ou personagem apresentado.

O conceito de identificação é originário da psicanálise, fundamental para a compreensão que a criança adquire na fase edipiana acerca de sua visão de si mesmo como sujeito sexuado. Várias delas coexistem no supereu (superego) de forma diversa, conflituosa e desordenada. A identificação caracteriza o processo pelo qual há a ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou a imagens, de modo que o sujeito se identifica com outros. Isso acontece tanto em decorrência da ausência de uma consciência da diferença ou da separação, ou como resultado de supostas similaridades (WOODWARD, 2000).

Stuart Hall (2000) emprega uma abordagem desconstrutiva ao discorrer sobre a identificação, definindo-a como uma construção permanente, um processo que nunca é finalizado. Logo, Hall apresenta uma visão alojada na contingência, e não no essencialismo. Além disso, assim como qualquer prática de significação, a identificação está submetida ao jogo das diferenças. Para desenvolver e consolidar seu processo, ela envolve necessariamente o exterior que a compõe, aquilo que está fora dela, jamais anulando a diferença. Portanto, a identificação sugere uma fantasia de incorporação, marcada pela ideia ilusória da união completa entre o “eu” e o “outro”. Freud referia-se a essa fantasia como o desejo de “consumir o outro”. Essa ilusão fica evidente ao analisarmos o conceito de identificação enquanto um processo de articulação, suturação ou sobredeterminação, em vez de uma subsunção. Dessa forma, há sempre uma sobra ou uma falta, “demasiado” ou “pouco” e nunca um ajuste pleno. A identificação “está fundada na fantasia, na projeção e na idealização. Seu objeto tanto pode ser aquele que é odiado quanto aquele que é adorado” (HALL, 2000, p. 107). Ainda, é importante destacar a natureza dúbia da identificação: ao mesmo tempo que ela impulsiona o eu para fora de si mesmo, realiza também um transporte do eu ao seu próprio inconsciente.

#### 4 RECEPÇÃO DE MULHER MARAVILHA E CAPITÃ MARVEL

Como primeira etapa para realizar um estudo de recepção sobre os filmes Capitã Marvel e Mulher Maravilha, foi aplicado um questionário online. A divulgação aconteceu em grupos de fãs das personagens e dos universos Marvel e DC Comics no Facebook. Ainda, a pesquisadora utilizou seu *feed* pessoal do Facebook e Instagram para difundir a pesquisa e angariar participantes, visto que seu círculo de amigos engloba tanto fãs deste universo cinematográfico quanto pessoas que não estão fortemente vinculadas com o consumo de tais narrativas. Foram obtidas 726 respostas no período de 25 de abril a 05 de maio de 2019, totalizando 15 dias de coleta dos dados.

As participantes poderiam responder o questionário anonimamente e as perguntas eram divididas em quatro seções: dados gerais da respondente; questões sobre a personagem Mulher Maravilha; questões sobre a personagem Capitã Marvel; e um comparativo sobre as duas personagens (vide apêndice 1).

A etapa subsequente do estudo foi a seleção de participantes para os grupos focais. Dentre 726 respostas do questionário, 30 foram desconsideradas pois não são de mulheres. Assim, obteve-se 696 mulheres respondentes, das quais 205 aceitaram participar (e colocaram seu contato) da segunda fase da parte do estudo, que corresponde aos grupos focais. Destas 205 mulheres, 46 são de Curitiba e região. A partir deste recorte geográfico, a pesquisadora elaborou alguns critérios de seleção. Primeiramente, é importante enfatizar que optou-se por realizar dois grupos focais distintos: um com um grupo de fãs, e outro com mulheres não fãs. Tal escolha metodológica se deu de forma a comparar a identificação desses diferentes públicos que possuem graus distintos de familiaridade e vínculo com as personagens.

Para selecionar as participantes, a pesquisadora selecionou perguntas e respostas-chave do questionário e estabeleceu para elas uma escala de pontuação (vide apêndice 2). Os pontos foram somados e as respondentes mais próximas dos extremos foram as convidadas para o grupo focal. Quanto mais pontos, eram consideradas fãs, e quanto menos pontos, eram consideradas não fãs.

Em primeiro lugar, a seleção foi feita para as fãs e não fãs de Capitã Marvel e, em seguida, o processo foi repetido para a Mulher Maravilha. No apêndice 2 é possível ver com maior detalhamento o procedimento utilizado.

#### 4.1 PERFIL E CARACTERÍSTICAS DO PÚBLICO

Nesta seção será realizada a análise das respostas das questões objetivas do questionário online, sendo abordadas informações como dados gerais das respondentes, a fim de traçar o perfil da amostra abarcada pelo questionário online.

A maioria das participantes era da região Sul, totalizando quase 50%. Com cerca de 40%, apareceu a região Sudeste. Em seguida, houve um menor número de respondentes das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Ainda, houve uma respondente de Portugal e uma do Paraguai.

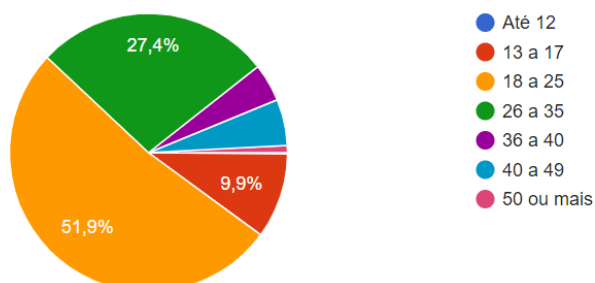
Dentre todas as 726 respostas do questionário, 695 (95,7%) foram de pessoas do gênero feminino. Ainda, uma pessoa (0,1%) de gênero não-binário e uma pessoa trans não-binária responderam ao questionário. Um total de 27 (3,7%) pessoas do gênero masculino também responderam à pesquisa. E, duas respostas foram registradas como “abafa” e “megazord”. A primeira indica uma gíria comum entre a comunidade LGBT e a segunda trata-se, provavelmente, de um boicote à temática do questionário, com o intuito de desvirtuar seu propósito. Por isso, a partir daqui, as respostas relacionadas a este respondente serão desconsideradas da discussão.

Os resultados da terceira questão, relativa à idade, apontaram que a maior parte das respondentes (51,9%) são jovens adultas, possuindo entre 18 e 25 anos. Em seguida, 27,4% têm de 26 a 35 anos; 9,9% são adolescentes de 13 a 17 anos; 5,4% possuem de 40 a 49 anos; 4,4% estão na faixa de 36 a 40 anos; e, por fim, somente 0,8% possuem 50 anos ou mais. Evidenciou-se que grande parcela das respondentes possuem um perfil mais jovem, assim como a maior parte do público que consome produtos cinematográficos com a temática de super-heroínas.

## GRÁFICO 1 – GRÁFICO DE IDADE DOS RESPONDENTES

## 3 Qual é a sua idade?

726 respostas



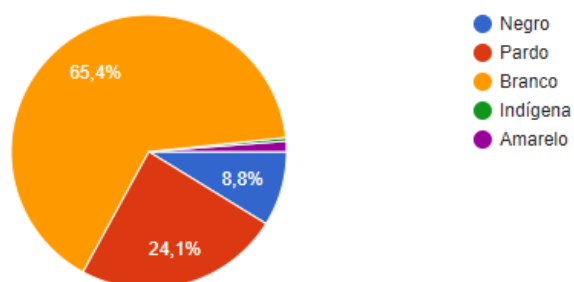
FONTE: elaborado pela autora (2019).

A respeito da cor das respondentes, a maioria (65,4%) identificou-se como branca. Em seguida, 24,1% responderam que são pardas; 8,8% identificaram-se como negras; 1,2% respondeu ser amarela; e 0,4% se identificou como indígena. A maioria branca provavelmente se deve ao fato de a maior parcela das respondentes ser da região Sul do país.

## GRÁFICO 2 – GRÁFICO DE COR DOS RESPONDENTES

## 4 Qual é a sua cor?

726 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

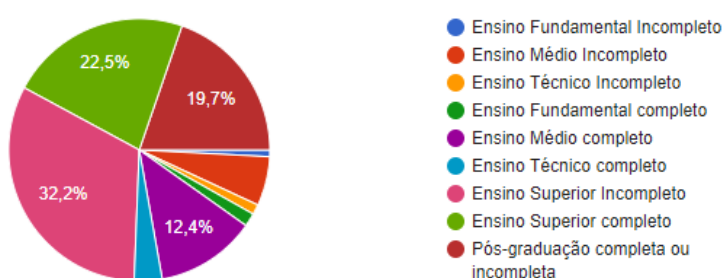
Em relação ao nível educacional, as respostas foram mais variadas em comparação às anteriores. Do universo, a maioria (32,2%) é composta de universitárias, isto é, possuem ensino superior incompleto. Esse resultado está, mais

uma vez, relacionado ao público jovem que consome narrativas *geeks* ou *nerds*<sup>12</sup> (ABBADE, 2018), sobre super-heroínas. Ainda, o resultado pode ter sido influenciado pelo fato de que a pesquisadora é universitária, e divulgou o questionário em suas redes sociais. Em seguida, 22,5% são pós-graduadas e 19,7% possui o ensino médio incompleto. As respondentes que têm o ensino médio completo totalizam 12,4%. Já 6,1% possuem ensino médio incompleto. Ensino técnico completo conta com 3,4%; ensino fundamental completo abrange 1,7%; ensino técnico incompleto abarca 1,2%; e ensino fundamental incompleto é composto somente por 0,8% das participantes.

GRÁFICO 3 – GRÁFICO DE NÍVEL EDUCACIONAL DOS RESPONDENTES

5 Qual é o seu nível educacional?

726 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

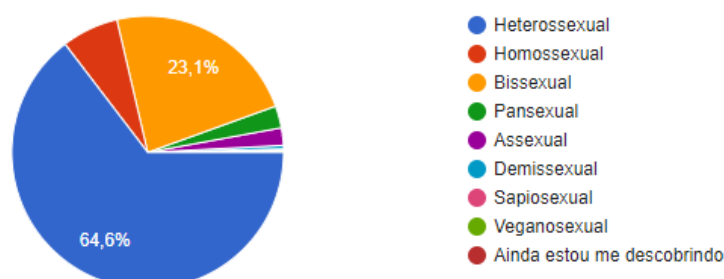
A maior parcela das respondentes (64,6%) é heterossexual. Em seguida, aparece a orientação bissexual, com 23,1%. Em terceiro lugar, apareceu a orientação homossecual (6,7%). Após, 2,6% das respondentes se identificou como pansexual; 2,1% como assexual; e 0,4% demissesexual. Por fim, as respostas sapiosexual, veganossexual e “ainda estou me descobrindo” contaram com apenas uma respondente (0,1%) cada uma. A resposta veganossexual foi desconsiderada por tratar-se provavelmente de um respondente que realizou um boicote ao questionário.

<sup>12</sup> Atualmente os *geeks* ou *nerds* podem ser descritos como uma espécie de tribo urbana. O termo é normalmente utilizado para designar pessoas que consomem tecnologia, **cultura** pop, como séries, filmes, videogames e histórias em quadrinhos.

#### GRÁFICO 4 – ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS RESPONDENTES

##### 6 Qual é a sua orientação sexual?

726 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

A maioria das respondentes (98,5%) não possui deficiência. Já 0,7% têm deficiência visual; 0,4% mental; 0,1% auditiva; 0,1% possui doença de humor mental. Uma respondente (0,1%) possui deficiência auditiva e física e nenhuma participante possui deficiência física.

#### 4.2 IMPRESSÕES SOBRE OS FILMES

Nesta seção será realizada a análise das questões referentes à segunda e à terceira seção do questionário, as quais eram compostas por questões relativas às impressões sobre os filmes Mulher Maravilha (da DC Comics) e Capitã Marvel (da Marvel Comics).

A maioria das participantes (88,8% ou 645 pessoas) assistiu ao filme Mulher Maravilha. Essas 645 respondentes responderam mais perguntas referentes ao filme. Já aquelas que não assistiram, automaticamente eram direcionadas para a terceira seção do questionário, sobre o filme Capitã Marvel.

Comparando os dois filmes, o número de mulheres que assistiu à obra Capitã Marvel foi um pouco menor (81,3%). Um dos fatores para tal resultado é que o filme foi lançado em 8 de março de 2019, enquanto o lançamento de Mulher Maravilha se deu há mais tempo, em 1 de junho de 2017.

A respeito de Mulher Maravilha, a maioria das participantes (54,6%) assistiu ao filme no cinema. Em seguida, 17,1% assistiram ao filme no cinema no dia da pré-estreia, o que geralmente é um indicativo de que são fãs da narrativa. Após, 11,5%

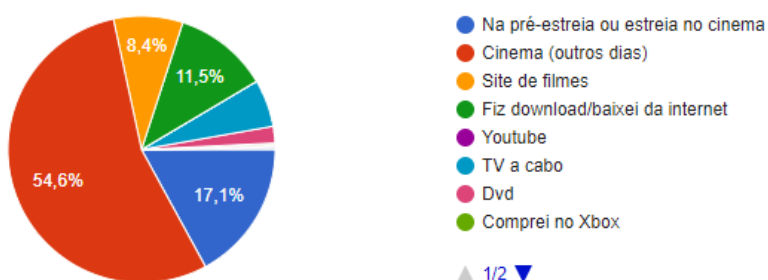
fizeram o download no filme na internet; 8,4% assistiu em algum site de filmes; 5,8% assistiu em canais fechados de televisão; e 2% no DVD. Apareceram também, com uma respondente (0,1%) cada, os resultados: XBOX, Google Play, Torrent e iTunes.

Em relação à Capitã Marvel, mais pessoas assistiram no cinema (65,8%) e na pré-estreia (24,4%), resultado o qual está relacionado também à data de lançamento mais recente deste filme durante a veiculação do questionário. Assim como ocorreu com Mulher Maravilha, muitas pessoas assistiram em sites de filmes (5,6%) ou fizeram o download do arquivo (3,4%). Além disso, 0,3% assistiu em canais de TV paga e 0,3% afirmou ter visto o filme em DVD.

GRÁFICO 5– MEIOS DE ASSISTIR AO FILME MULHER MARAVILHA

9 Se sim, como você assistiu?

645 respostas

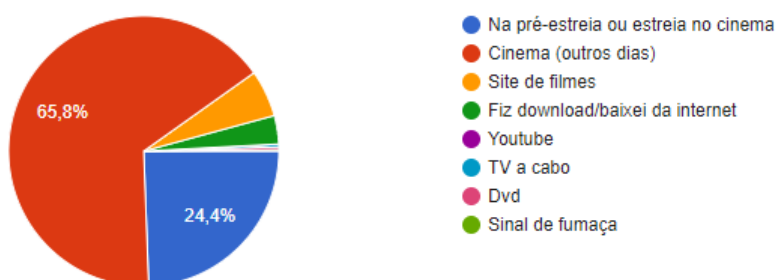


FONTE: elaborado pela autora (2019).

GRÁFICO 6 – MEIOS DE ASSISTIR AO FILME CAPITÃ MARVEL

Se sim, como você assistiu?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

#### 4.2.1 Motivações e relação com as narrativas

Acerca das razões para ter assistido ao filme, a maioria (71,9%) respondeu que é fã de super-heróis no geral. Fica evidente, assim, o engajamento dos geeks ou nerds, fãs extremamente envolvidos com o universo dos super-heróis, que buscam assistir todas as produções que são lançadas com esta temática, sobretudo as veiculações cinematográficas das marcas Marvel e DC. Em seguida, 61,7% das respondentes afirmaram que uma razão para assistir ao filme é pelo mesmo ser protagonizado por uma mulher. Nota-se, diante disso, a relevância da produção enquanto forma de conferir protagonismo e importância à figura feminina no universo cinematográfico relacionado a super-heróis. Afinal, o filme consistiu na primeira grande produção em cinema da DC Comics com uma protagonista feminina. Em terceiro lugar, com 28,8% apareceu a justificativa: “porque sou fã da personagem Mulher Maravilha”. Este resultado pode atuar como uma espécie de conexão entre as duas citadas anteriormente, pois engloba tanto o protagonismo feminino quanto o envolvimento a nível de fã com o universo de super-heróis e super-heroínas.

Ainda, 21,1% respondeu “eu adoro as produções da DC” e 17,2% acompanha os quadrinhos e queria ver como seria o filme; ambas respostas que remetem, geralmente, a fãs do tema em questão. Ademais, outras respostas foram adicionadas por algumas respondentes por meio da opção “outros” (3,4%). A maioria delas fala sobre ser fã da personagem e da marca DC.

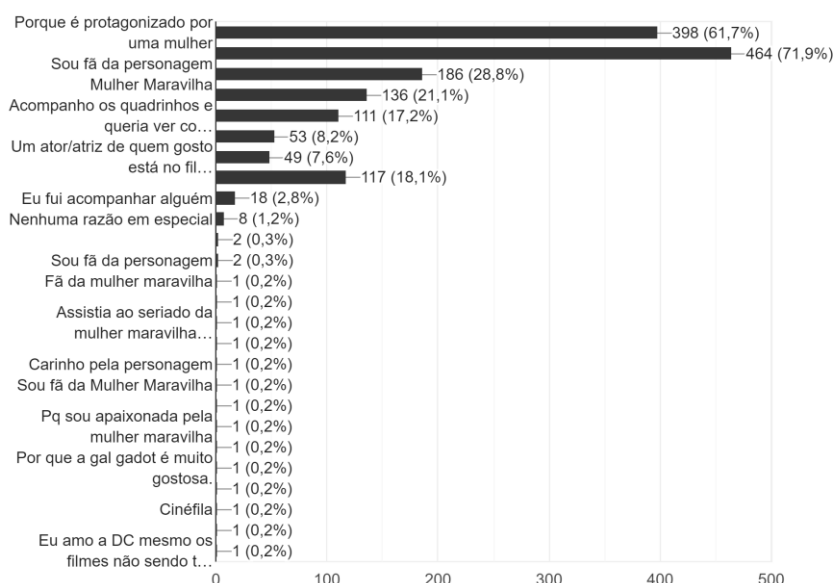
Em contrapartida, 18,1% ficou curioso(a) por causa da grande repercussão; 8,2% gosta de ver qualquer lançamento de filme; um ator/atriz de quem gosto está no filme (7,6%); eu fui acompanhar alguém (2,8%); e nenhuma razão em especial (1,2%). Tais respostas apontam para pessoas que não possuem um alto grau de envolvimento com a narrativa.



GRÁFICO 7 – RAZÕES PARA ASSISTIR AO FILME MULHER MARAVILHA

Por quais razões você assistiu ao filme Mulher Maravilha? (selecione até 3)

645 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

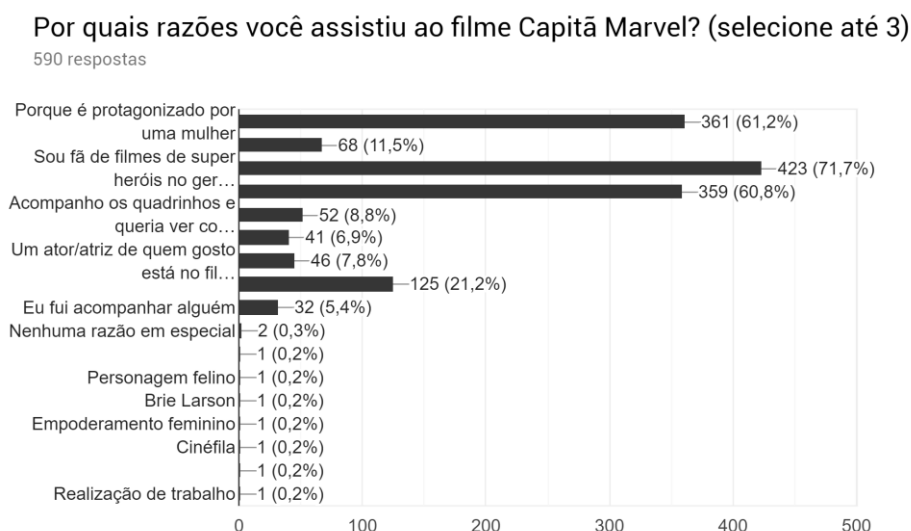
Acerca do filme *Capitã Marvel*, as duas respostas mais populares foram as mesmas de *Mulher Maravilha*. A maioria (71,7%) respondeu que é fã de super-heróis no geral. Em seguida, 61,2% das respondentes afirmaram que uma razão para assistir ao filme é pelo mesmo ser protagonizado por uma mulher. Já na terceira posição (60,8%), ficou a resposta “Eu adoro as produções da Marvel”. É interessante notar que, no caso de *Captain Marvel* a terceira resposta mais popular foi: “porque sou fã da personagem Mulher Maravilha”. Desse modo, percebe-se que, no primeiro caso, a marca (Marvel) se sobressai em relação à personagem (Capitã). Na segunda situação, a personagem (Mulher Maravilha) é mais lembrada do que a marca dos estúdios (DC).

Muito disso se deve ao fato de que a Marvel possui estúdios de enorme sucesso na indústria cinematográfica atual (MOTTA; TARDIN, 2017), ao contrário da DC Comics que, apesar de influente, não conquista bilheterias numerosas. Ademais, a personagem Capitã Marvel não é tão popular quanto Mulher Maravilha, de modo que esta última permeia o imaginário social como um símbolo de super-heroína e empoderamento feminino, ao passo que a Capitã ganhou destaque recentemente. Enquanto a Wonder Woman já estampava roupas, possuía série de TV e brinquedos, a super-heroína da Marvel foi ter a sua primeira grande aparição no

cinema apenas em 2019. Exemplo disso é que 11,5% das respondentes afirmou ser fã da personagem.

Além disso, 21,2% ficou curioso(a) por causa da grande repercussão; 8,8% acompanha os quadrinhos e queria ver como seria o filme; 7,8% um ator/atriz de quem gosto está no filme; 6,9% gosta de ver qualquer grande lançamento de filme; 5,4% foi acompanhar alguém (2,8%); e cerca de 1,7% escolheu a opção “outros”, respondendo o seguinte: personagem felino - em referência ao gato, que é o alívio cômico do filme; empoderamento feminino; Brie Larson - atriz protagonista da trama; cinéfila; e realização de trabalho).

GRÁFICO 8 – RAZÕES PARA ASSISTIR AO FILME CAPITÃ MARVEL



FONTE: elaborado pela autora (2019).

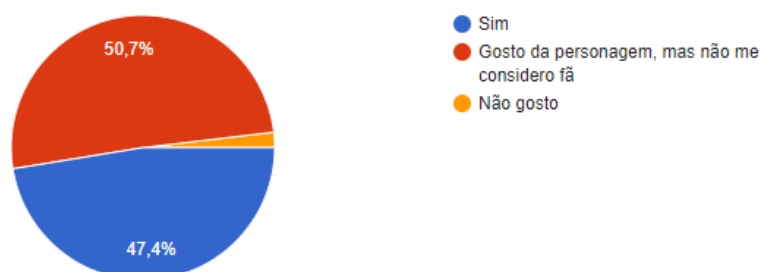
#### 4.2.2 Relação de fã com as personagens

A quantidade de fãs (50,7%) e de pessoas que gostam da Mulher Maravilha mas não se consideram fãs (47,4%) foi bastante equilibrada. Somente 1,9% das participantes afirmou não gostar da personagem.

## GRÁFICO 9 – FÃS DA MULHER MARAVILHA

## 11 Você se considera fã de Mulher Maravilha?

643 respostas



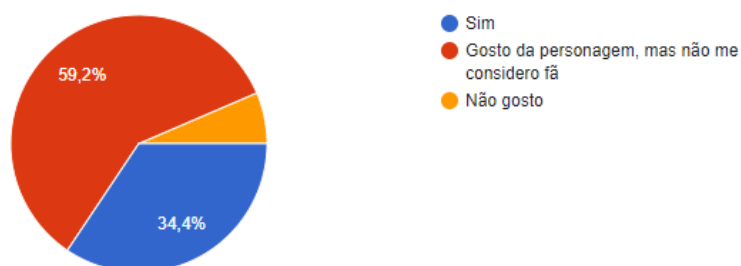
FONTE: elaborado pela autora (2019).

Conforme já afirmado, a Mulher Maravilha possui uma imagem mais consolidada no imaginário social do que a Capitã Marvel. Os dados acima confirmam tal hipótese, haja vista que 34,4% das respondentes se considera fã da super-heroína da Marvel, contra 47,4% referente à *Wonder Woman*. Além disso, o número de mulheres que não gosta da Capitã Marvel (6,4%) é mais expressivo do que o associado à Mulher Maravilha (1,9%). A maior parte das mulheres (59,2%) afirmou gostar da *Captain Marvel*, no entanto não se consideram fãs da personagem. Há, portanto, simpatia e identificação com a heroína, apesar de ela não ter alcançado tanto sucesso e consolidação diante do público.

## GRÁFICO 10 – FÃS DA CAPITÃ MARVEL

## Você se considera fã de Capitã Marvel?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

#### 4.2.3 Pertencimento e sociabilidade com grupos de fãs

Acerca da participação em grupos de fãs, a maioria das pessoas não participa de nenhum tipo. Quando ocorre, notou-se que a maior participação se dá por meio de plataformas online: 28,1% das respondentes participa de algum grupo de fã online sobre a Mulher Maravilha e apenas 8,1% participa de grupos offline. A baixa participação em grupos organizados de fãs pode ser um indicativo de que as fãs socializam o interesse com seus círculos de amigos, sem necessariamente adentrarem grupos de discussão. Analogamente, inferiu-se que a maioria das mulheres não participa de grupos offline (94,1%) ou online (81%) cuja temática é a personagem Capitã Marvel.

Em relação ao nível de participação nos grupos alusivos à Wonder Woman, a maioria (68,5%) respondeu que não participa; 19,7% apenas acompanha as informações ou curte/compartilha; 9,8% é mais engajada, comentando e interagindo; e 2% são produtoras de conteúdo, participando ativamente e criando publicações.

GRÁFICO 11 – GRAU DE PARTICIPAÇÃO NOS GRUPOS DE MULHER MARAVILHA

15 Qual é o seu grau de participação nesses grupos?

645 respostas



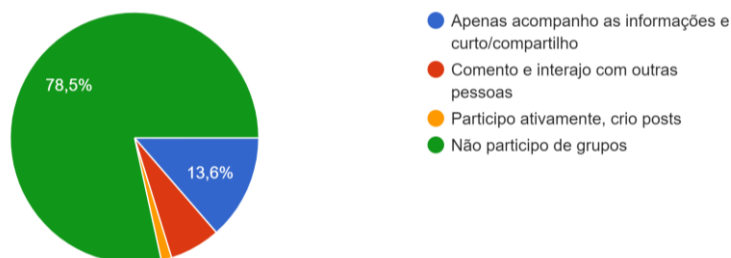
FONTE: elaborado pela autora (2019).

Para esta mesma pergunta, porém concernente à personagem da Marvel, o grau de participação é ainda menor. No total, 78,5% não participa de grupos; 13,6% apenas acompanha as informações ou curte/compartilha; 6,6% comenta e interage com outras pessoas; e 1,4% participa de forma ativa por meio da produção de conteúdo. Logo, é evidente que grande parcela das respondentes não possui relação de fã com as personagens, mas apenas possuem certa afeição e consomem produtos relacionados a elas.

## GRÁFICO 12 – GRAU DE PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE CAPITÃ MARVEL

Qual é o seu grau de participação nesses grupos?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

Ademais, 10,7% do universo já participou de eventos relacionados à Mulher Maravilha, como feiras de games, exposições de histórias em quadrinhos, por exemplo. Nesse tipo de evento, muitas vezes ocorre a prática do *cosplay*<sup>13</sup>. Dentre as respondentes, 7,3% já realizou *cosplay* da personagem Mulher Maravilha. Este tipo de ação indica um grau de envolvimento mais elevado com a narrativa, realizado geralmente por fãs das personagens, que estão inseridas e engajadas no universo geek/nerd.

Mais uma vez, o grau de engajamento com a Capitã Marvel se apresentou menor do que o relativo à Mulher Maravilha, desta vez no quesito de participação de eventos, que corresponde a somente 6,4%. O mesmo ocorre com a realização de *cosplay*, que engloba apenas 1,7% das respondentes.

## 4.2.4 Atividades e consumo relacionados às personagens

Em relação a outros tipos de atividades realizadas pelas respondentes, a maioria (49,7%) afirmou acompanhar páginas nas redes sociais (ex: YouTube, Facebook e Instagram) cujo tema é a Mulher Maravilha. Em segundo lugar (35,9%), apareceu o consumo de *fan art*<sup>14</sup>, seguido da resposta “nenhuma das alternativas”

<sup>13</sup> Cosplay é a abreviação de "costume play" um hobby no qual pessoas, geralmente fãs, usam fantasias e acessórios de moda para representar um personagem específico, de meios como histórias em quadrinhos, videogames e filmes. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-en/cosplay>>. Acesso em 10 nov, 2019.

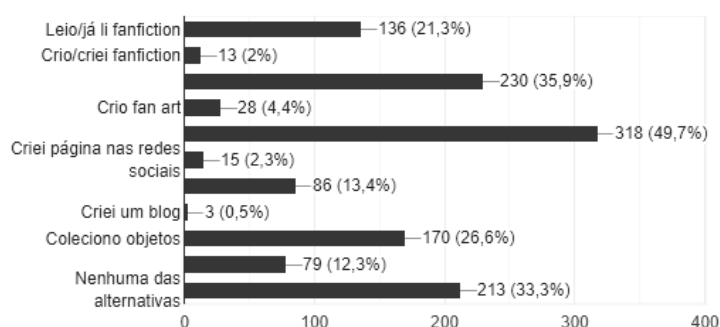
<sup>14</sup> *FanArt* é uma arte feita por fãs a fim de demonstrar sua admiração por determinada narrativa, seja de livros, filmes, séries e videogames. É uma forma de expressão geralmente sem objetivos comerciais.

(33,3%). Na sequência, as respostas mais populares foram relativas ao colecionamento de objetos (26,6%); leitura de *fanfiction* (21,3%); acesso a blogs (13,4%); participação em debates online e offline (12,3%); produção de *fanart* (4,4%); criação de página em redes sociais (2,3%); elaboração de *fanfiction* (2%) e criação de blog (0,5%). Desse modo, 66,7% das respondentes realiza ao menos uma atividade dentre as opções possíveis, relacionada às personagens. As respostas com menor porcentagem apontam para mulheres com um elevado grau de envolvimento com as narrativas, sobretudo no que tange à criação de blogs, páginas, *fanfics* e *fanarts*, que exigem um certo grau de domínio e conhecimento acerca das personagens.

GRÁFICO 13 – ATIVIDADES RELACIONADAS À MULHER MARAVILHA

18 Assinale os tipos de atividade que você faz/já fez relacionadas à personagem Mulher Maravilha

640 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

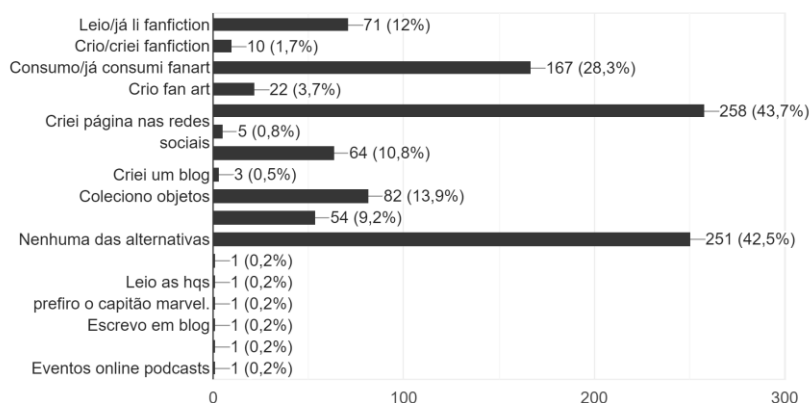
No que tange à Capitã Marvel, a maioria (43,7%) afirmou acompanhar páginas nas redes sociais (ex: YouTube, Facebook e Instagram), assim como ocorreu nos resultados relativos à outra super-heroína. No entanto, com um número bastante expressivo (42,5%) apareceu a resposta “nenhuma das alternativas”, a qual aponta que as fãs ainda não são tão engajadas em produzir ou consumir conteúdos diversos a respeito da personagem. Em terceiro lugar (35,9%), houve o consumo de *fan art*, seguido do colecionamento de objetos (13,9%); leitura de *fanfiction* (12%); acompanhamento de blogs (10,8%) e debates online/offline (9,2%). Depois, aparecerem as alternativas ligadas à produção de conteúdo: *fan art* (3,7%); *fanfiction* (1,7%); criação de página nas redes sociais (0,8%); criação de blog (0,5%). Por fim, algumas mulheres selecionaram a opção “outros” e responderam com termos

relacionados a podcasts, blogs, histórias em quadrinhos e matérias que aparecem no seu *feed* de notícias nas redes sociais.

GRÁFICO 14 – ATIVIDADES RELACIONADAS À CAPITÃ MARVEL

Assinale os tipos de atividade que você faz/já fez relacionadas à personagem Capitã Marvel

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

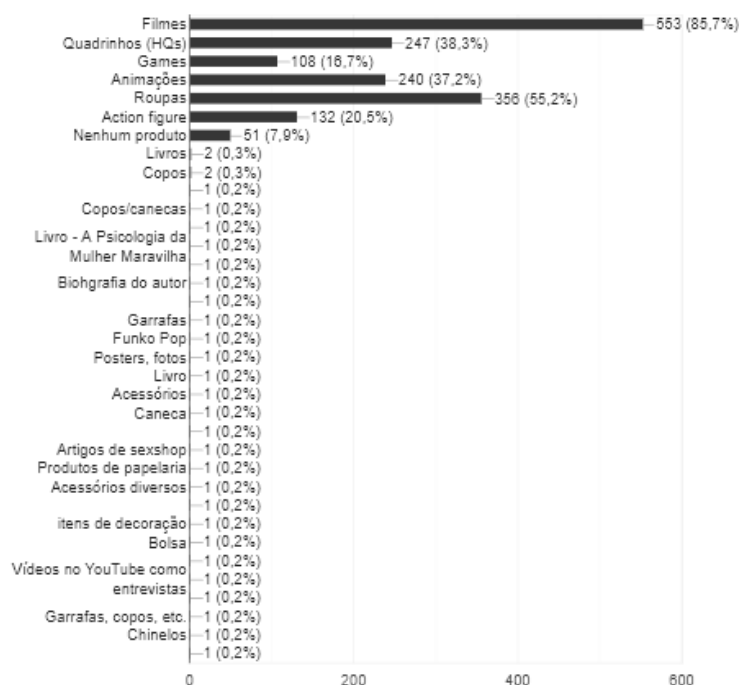
Referente aos produtos consumidos pelas mulheres que responderam ao questionário, a maioria assiste aos filmes (85,7%) que possuem a Mulher Maravilha. Além disso, são consumidas roupas com a temática da personagem (55,2%), histórias em quadrinhos (38,3%), animações (37,2%), action figures<sup>15</sup> (20,5%) e nenhum produto (7,9%). Depois, aparecem outras respostas, com somente 0,2% cada uma, tais como livros, acessórios e itens de decoração, que totalizam cerca de 6%.

<sup>15</sup> Action figura ou figura de ação é um boneco colecionável em miniatura.

## GRÁFICO 15 – PRODUTOS RELACIONADOS À MULHER MARAVILHA

Assinale quais produtos abaixo você consome relacionados à personagem Mulher Maravilha

645 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

O produto mais consumido sobre a super-heroína da Marvel também são os filmes, com 79,3% de adesão, número cerca de 6 pontos menor em relação à Mulher Maravilha. Em seguida, aparecem roupas (32,2%) e HQs (26,1%), assim como a ordem dos resultados da super-heroína da DC Comics. A opção nenhum produto foi marcada por 15,3% das pessoas, animações por 14,9%, action figures por 12% e games por 7,3%. Outras opções como acessórios e objetos de decoração foram marcadas na opção “outros” por 0,8% das mulheres.

Percebe-se que os números que concernem à Wonder Woman são, no geral, mais expressivos, fator que chama a atenção quanto às animações e HQs, as quais já são bastante consolidadas quanto a tal personagem. Nesse sentido, é possível citar a série animada Liga da Justiça<sup>16</sup> (2001, DC Comics), a qual foi exibida durante

<sup>16</sup> Liga da Justiça é uma série animada baseada nas histórias em quadrinhos da Liga da Justiça, publicadas pela DC Comics. Nos EUA, o desenho foi exibido pela primeira vez em 2001 pelo Cartoon Network. No Brasil, foi exibido pelo mesmo canal e pela SBT pela primeira vez em 2002, e permaneceu até 2013. Disponível em <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-fatos-e-curiosidades-sobre-animacao-classica-da-liga-da-justica.html#list-item-1>>. Acesso em 10 nov, 2019.

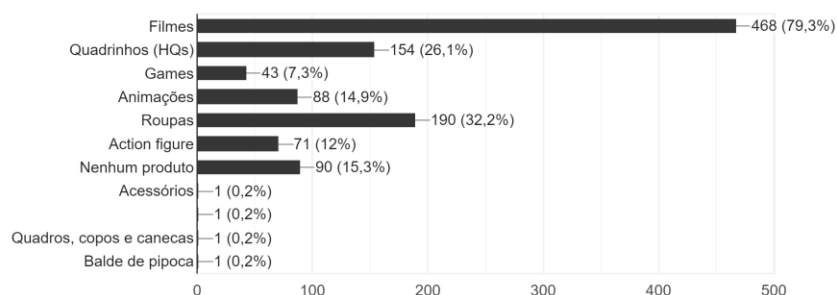


anos no Brasil pela emissora SBT. A Marvel não possui um produto equivalente na TV aberta que conte com a presença de destaque da Capitã Marvel.

GRÁFICO 16 – PRODUTOS RELACIONADOS À CAPITÃ MARVEL

Assinale quais produtos abaixo você consome relacionados à personagem Capitã Marvel

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

### 4.3 IDENTIFICAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

Nesta seção será realizada a análise referente às questões objetivas do questionário concernentes à representação das personagens e à identificação das respondentes com as mesmas.

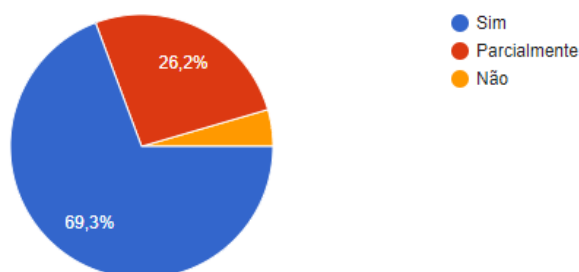
#### 4.3.1 Relação entre inspiração e representação

A primeira questão desta seção apontou que 69,3% das mulheres se sente inspirada pela personagem Mulher Maravilha, enquanto 26,2% é parcialmente inspirada e somente 4,5% não é inspirada

## GRÁFICO 17 – INSPIRAÇÃO PELA MULHER MARAVILHA

## 20 Você se sente inspirada pela personagem Mulher Maravilha?

645 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

Nota-se que a maioria das mulheres (48,2%) se sente parcialmente representada pela Mulher Maravilha. Já 45,3% se sente representada e 6,5% respondeu que a super-heroína é um padrão irreal que não as representa.

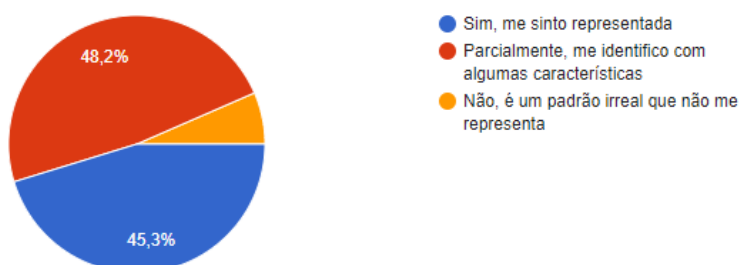
É importante evidenciar a distinção entre as perguntas 20 e 21, haja vista que uma trata de inspiração e a outra de representação. Isso significa dizer que, para 69,3%, a personagem é uma fonte de inspiração, isto é, de comportamentos e valores a serem reproduzidos ou, ao menos, adaptados. No entanto, o número de mulheres que se sente representada pela Mulher Maravilha é um pouco menor (45,3%). Na questão, representatividade ou representação relaciona-se ao sentimento de enxergar-se na personagem. Dessa maneira, para muitas mulheres a *Wonder Woman* é mais um ideal a ser alcançado do que uma representação da mulher comum em si.

Tais resultados estão provavelmente imbricados à representação da personagem enquanto um ícone moral a ser seguido, dado que a construção da *Wonder Woman* segue padrões típicos dos super-heróis, como elevados valores morais, relacionados à justiça.

## GRÁFICO 18 – REPRESENTAÇÃO PELA MULHER MARAVILHA

21 Você se sente representada pela personagem?

645 respostas



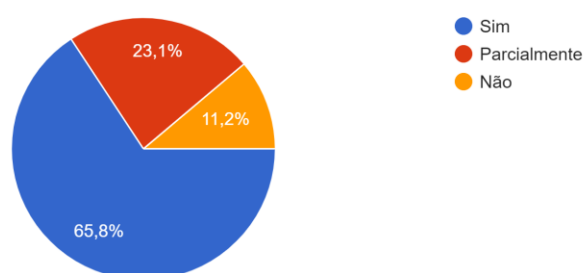
FONTE: elaborado pela autora (2019).

Acerca da inspiração ocasionada pela Capitã Marvel, a porcentagem de respostas “sim” foi levemente menor (65,8%) se comparada à Wonder Woman (69,3%). O mesmo aconteceu com a resposta “parcialmente” (23,1% contra 26,2%). Na mesma lógica, mais mulheres responderam que não se sentem inspiradas pela super-heroína da Marvel (11,2% contra 4,5%).

## GRÁFICO 19 – INSPIRAÇÃO PELA CAPITÃ MARVEL

Você se sente inspirada pela personagem?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

Nota-se que a maioria das mulheres (46,8%) se sente representada pela super-heroína Captain Marvel, número levemente maior do que o associado à Wonder Woman (45,3%). Em seguida 44,8% se sente parcialmente representada (contra 48,2% da outra personagem). No entanto, o número de mulheres que

acredita que a heroína é um padrão irreal que não as representa é levemente maior: 8,3% contra 6,5%.

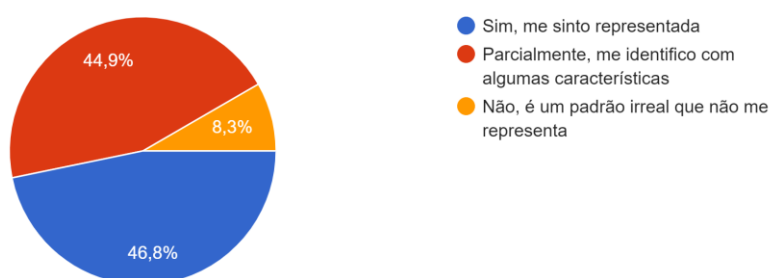
A porcentagem de respostas “sim” maior se comparada à Princesa Diana, pode estar relacionada ao tipo de representação imbricada à super-heroína dos estúdios Marvel. A partir do seu filme solo, nota-se que a Capitã é construída de maneira a ser uma personagem mais humanizada, complexa, com dúvidas, dificuldades e desafios a serem superados, sobretudo por ser mulher. Embora a temática feminista esteja bastante presente e simbolizada nos vilões da Mulher Maravilha nas histórias em quadrinhos, tal temática não é salientada no seu filme de 2017, cujo foco é a sua jornada enquanto heroína e a “luta contra o mal”.

Contrariamente, a narrativa da super-heroína da Marvel nos cinemas é abertamente relacionada a uma jornada de empoderamento feminino e liberdade<sup>17</sup>. Na obra, Carol Danvers era uma menina que tinha dificuldade em se encaixar em espaços tipicamente destinados ao feminino, e preferia atividades consideradas de garotos, como kart e pilotagem. O filme apresenta momentos em que as pessoas a desencorajam a seguir suas preferências, mas a personagem persiste.

#### GRÁFICO 20 – REPRESENTAÇÃO PELA CAPITÃ MARVEL

Você se sente representada por ela?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

<sup>17</sup> Em entrevista à TV estadunidense, a protagonista Brie Larson afirmou que: eles [a Marvel] disseram que queriam fazer o maior filme feminista de todos os tempos. Disponível em <<https://abcnews.go.com/Entertainment/captain-marvel-star-brie-larson-reveals-iconic-role/story?id=61458900>>. Acesso em 10 nov, 2019.

#### 4.3.2 Aparência física e personalidade

A aparência física foi um elemento que a maioria das mulheres não mostrou identificação com a super-heroína. A protagonista segue o padrão de beleza de corpo magro e branco. Fica evidente que, embora consigam enxergar-se na personagem a partir de suas atitudes e valores, o mesmo não se dá com relação ao corpo. Apesar de significar avanço para a representatividade feminina no cinema, por tratar-se de uma super-heroína de relevância, a Wonder Woman ainda reproduz estereótipos associados à raça e magreza.

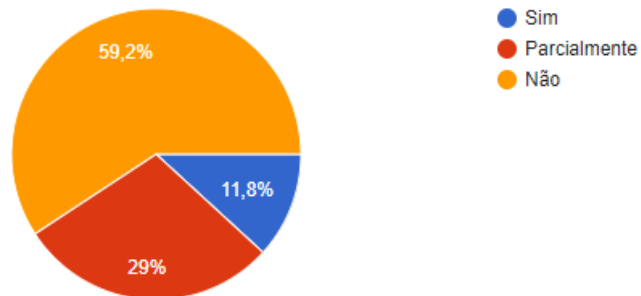
O corpo da Mulher Maravilha é um elemento importante para a análise, pois a personagem é descrita desde sua concepção nos quadrinhos como uma heroína de beleza e força sobrenaturais, como uma deusa. De modo geral, todos os super-heróis do cinema possuem aparência física que reafirma os padrões de beleza estabelecido, ou até torna-os mais irreais, aspecto evidente nos homens, que são quase sempre extremamente musculosos. É interessante refletir que geralmente a força dos heróis não é fruto de treinamentos, mas sim de superpoderes sobrenaturais.

Desse modo, possuir músculos ou um corpo escultural não seria, em tese, algo indispensável à sua construção enquanto personagens. Trata-se, portanto, da reprodução de relações de poder estabelecidas e de representações reiteradas na mídia. Um exemplo emblemático que rompe, em certa medida, com tal tipo de estereótipo é *Thor* no filme *Os Vingadores: Ultimato* (2019). O personagem, que é inspirado na mitologia nórdica, sofreu uma mudança física neste que é o último filme da franquia: ele engorda e, ainda assim, mantém-se como um super-herói.

GRÁFICO 21 – IDENTIFICAÇÃO COM APARÊNCIA FÍSICA DA MULHER MARAVILHA

## 22 Você se identifica com a aparência física dela?

645 respostas



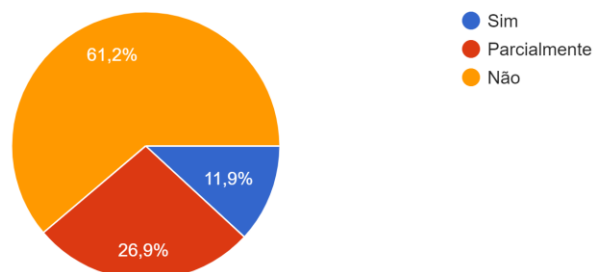
FONTE: elaborado pela autora (2019).

Foram obtidos resultados extremamente semelhantes acerca da personagem Kara Danvers (Capitã Marvel). A maioria das mulheres (61,2%) não se sente representada por sua aparência física, 26,9% se sente parcialmente representada e somente 11,9% se sente representada. A atriz também reforça um estereótipo de magreza, pele branca e cabelos loiros. Não há na protagonista elementos que acarretem significativo rompimento com os padrões de beleza estabelecidos para as mulheres no cinema.

GRÁFICO 22 – IDENTIFICAÇÃO COM APARÊNCIA FÍSICA DA CAPITÃ MARVEL

## Você se identifica com a aparência física dela?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

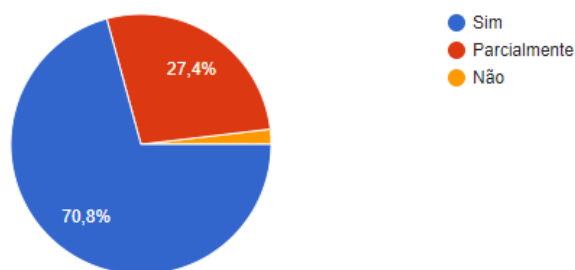
A maior parcela das respondentes (70,8%) se identifica com os valores da Mulher Maravilha; 27,4% se identifica parcialmente e somente 1,9% não se

identifica. A respeito das atitudes e personalidade de Diana, os dados são semelhantes. A maioria (56,1%) se identifica, 39,1% se identifica parcialmente e 4,8% não se identifica. Tais informações indicam, uma identificação muito maior com características atreladas à moralidade e personalidade do que com a sua aparência física.

GRÁFICO 23 – IDENTIFICAÇÃO COM VALORES DA MULHER MARAVILHA

23 Você se identifica com os valores morais da Mulher Maravilha?

643 respostas

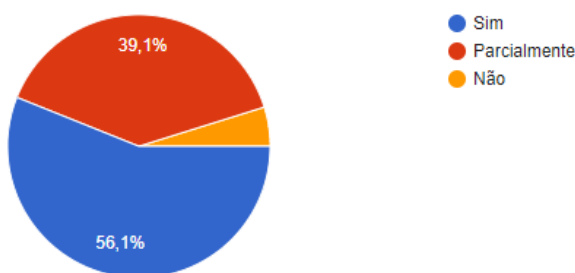


FONTE: elaborado pela autora (2019).

GRÁFICO 24 – IDENTIFICAÇÃO COM PERSONALIDADE DA MULHER MARAVILHA

24 Você se identifica com a personalidade e atitudes da personagem?

644 respostas



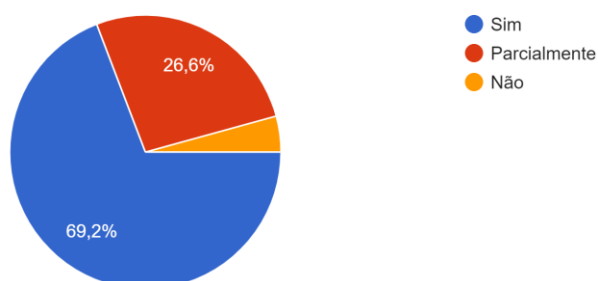
FONTE: elaborado pela autora (2019).

Na mesma lógica, a maioria das mulheres (69,2%) se identifica com os valores morais da Capitã Marvel; 26,6% se identifica parcialmente e só 4,2% não se identifica. Já relativamente às atitudes e personalidade, a maioria (60,3%) se identifica, 31% se identifica parcialmente e 8,6% não se identifica.

### GRÁFICO 25 – IDENTIFICAÇÃO COM VALORES DA CAPITÃ MARVEL

Você se identifica com os valores morais da Capitã Marvel?

590 respostas

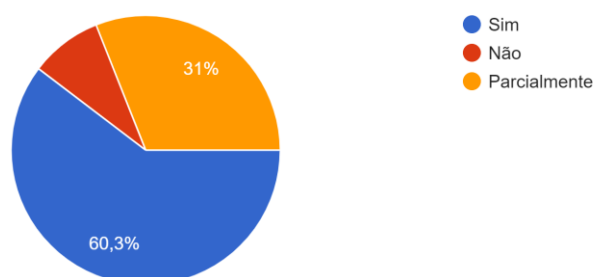


FONTE: elaborado pela autora (2019).

### GRÁFICO 26 – IDENTIFICAÇÃO COM PERSONALIDADE DA CAPITÃ MARVEL

Você se identifica com a personalidade e atitudes da personagem?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

Dentre as características que as respondentes mais se identificam com a Mulher Maravilha, as dez mais populares foram: feminismo (72,1%), determinação (71%), independência (68,8%), empoderamento (67%), inteligência (60,9%), persistência (59,2%), compaixão (58,6%), bondade (56,7%), coragem (55%) e moralidade e princípios (48,4%). Das opções presentes, excetuando a ferramenta “outros”, as menos votadas foram: nenhuma característica (1,1%), beleza (12,9%) e habilidade (22,8%).

O item mais votado (feminismo) é bastante emblemático, tendo em vista que a Mulher Maravilha é reconhecida, não apenas por fãs, mas pela sociedade em geral, como um símbolo de feminismo, empoderamento e independência feminina.



Nesse sentido, ressalta-se que sua origem se deu com o intuito de representar ideais e até acontecimentos reais associados ao movimento feminista, conforme observa-se em algumas histórias em quadrinhos da personagem. Este ponto central na constituição da super-heroína é, portanto, mantido em sua versão nos cinemas e, mais do que isso, reconhecido pelo público feminino.

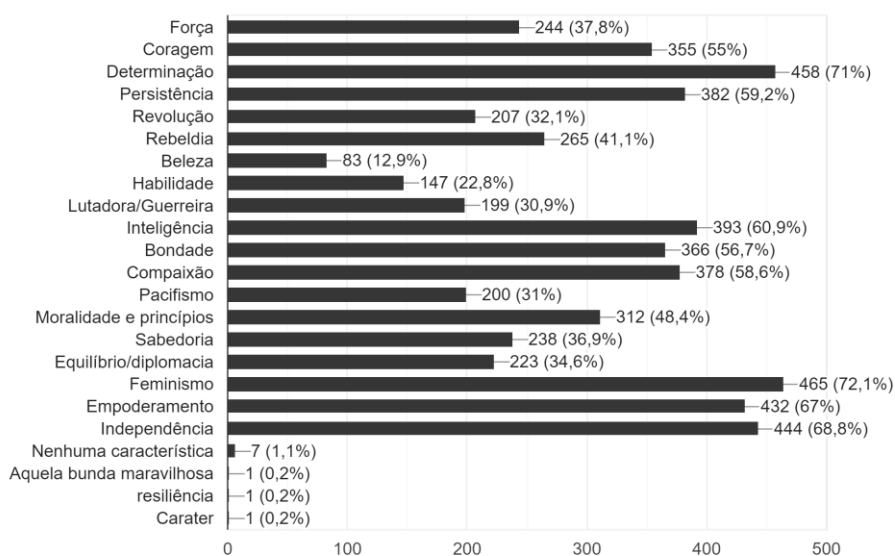
Percebe-se, ainda, diante deste resultado, a importância fundamental da existência de mulheres em papéis de protagonismo no gênero de super-heróis para a luta feminista por representatividade. Levando em conta que, na questão 20, as respondentes se sentem inspiradas pela Wonder Woman, a personagem pode servir como uma forma de incentivar as mulheres que compõem o público a serem feministas, determinadas, persistentes e assim por diante.

Além disso, foram destacados elementos relacionados à coragem e determinação, bem como bondade/compaixão e elevação moral, que consistem em características típicas da personalidade de super-heróis. Assim, mais do que meramente possuir força ou super-poderes, esse tipo de personagem apresenta formas de agir com as quais cidadãos comuns podem se identificar.

#### GRÁFICO 27 – CARACTERÍSTICAS DA MULHER MARAVILHA

25 Assinale com quais destas características da personagem você se identifica (assinale quantas opções quiser).

645 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

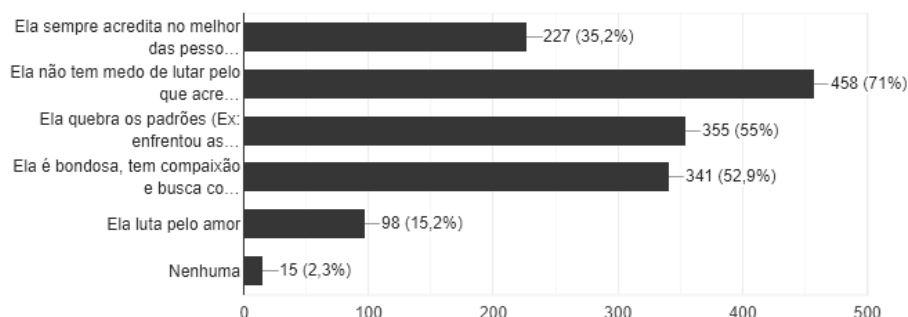
A questão 26 visou resumir a forma pela qual as mulheres se identificam com a super-heroína. A maioria das mulheres (71%) optou pela sentença “Ela não tem medo de lutar pelo que acredita”. Em seguida, com 55%, houve a resposta “Ela quebra os padrões (Ex: enfrentou as tradições em prol das suas próprias vontades)”. Já com 52,9%: “Ela é bondosa, tem compaixão e busca compreender o próximo”, “Ela sempre acredita no melhor das pessoas” (35,2%) e, com 15,2%, houve a frase “Ela luta pelo amor”. Apenas 2,3% não se identificou com nenhuma das alternativas.

Desse modo, a maior parte das respondentes identifica-se com a coragem e persistência na luta pelos seus ideais, com o rompimento de estereótipos, e com a empatia. A questão do amor ficou em uma posição tímida, por mais que esse seja um conceito abordado com certa ênfase durante o filme. Nota-se que, o que prevalece é a visão da heroína enquanto ícone feminista.

GRÁFICO 28 – IDENTIFICAÇÃO COM ATITUDES DA MULHER MARAVILHA

26 Eu me identifico com a Mulher Maravilha porque... (assinale até 3)

645 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

Dentre as características que as respondentes mais se identificam com a personagem *Captain Marvel* estão: determinação (66,3%); feminismo (65,8%); empoderamento (63,7%); independência (60,5%); coragem (56,4%); persistência (54,9%); inteligência (53,2%); desafiadora (45,2%); direta (44,4%); e rebelde (42,7%). Algumas mulheres marcaram a opção “outros” e citaram o sarcasmo e ironia. Das opções apresentadas, os itens menos votados foram: nenhuma das alternativas (2,7%), beleza (9,7%) e pacifismo (16,3%).

Assim como na personagem anterior, o item feminismo foi bastante expressivo e simbólico, haja vista a natureza abertamente ativista da obra *Capitã*

Marvel. Nota-se que, as respondentes se identificam com o feminismo e determinação presentes na personagem de forma bastante expressiva. Embora seja uma heroína que está há menos tempo no imaginário social, a personagem alcançou sucesso de forma rápida, atingindo recordes de bilheteria. O filme atraiu e agradou diversas mulheres, possuindo como premissa básica o rompimento de padrões e comportamentos estabelecidos para o feminino, concernentes à profissão e à personalidade. As rupturas de comportamento da personagem são um importante fator para gerar identificação com o público, dado que os seus comportamentos sarcásticos, objetivos/diretos, rebeldes e desafiadores foram marcadas por uma grande quantidade de participantes do questionário.

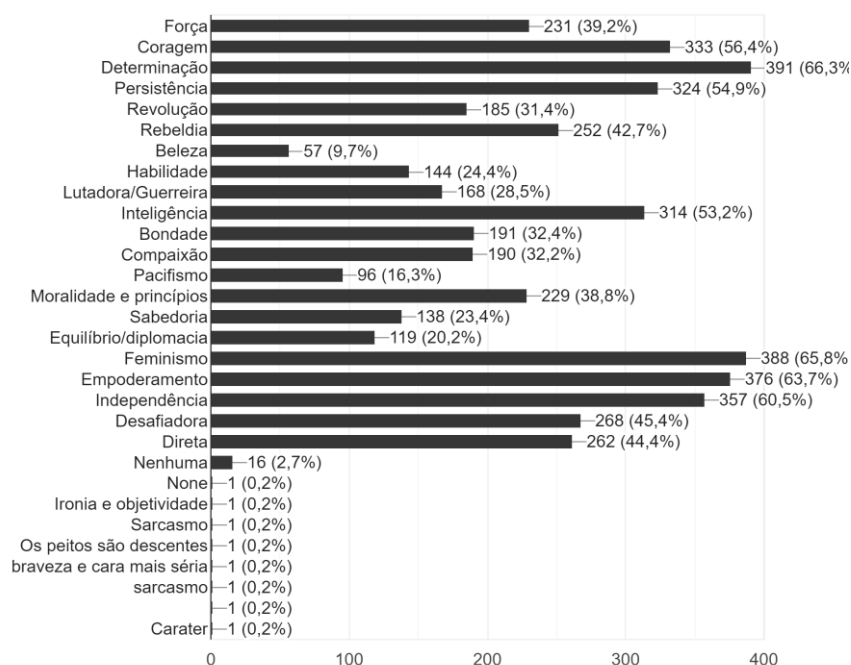
Enquanto a Mulher Maravilha, embora determinada e independente, está mais relacionada a valores como justiça e compaixão, da construção clássica de um herói, Carol Danvers se destaca mais pelo seu papel transgressor e questionador dos paradigmas estabelecidos de gênero. Nessa perspectiva, a personagem aborda situações mais cotidianas, imbricadas às dificuldades enfrentadas no dia a dia das mulheres devido ao seu gênero. Os flashbacks da época em que a heroína ainda não possuía poderes contribuem muito para isso, ao retratar a luta de Kara para ser aceita em ambientes tipicamente masculinos.

A Mulher Maravilha, ao contrário, já nasceu como uma deusa e, mais do que isso, em uma ilha sem qualquer presença masculina. A princesa sempre se destacou como guerreira entre as outras amazonas e chega à Terra com uma superioridade em relação aos homens, devido aos seus poderes. Já a Capitã, inicia como uma mulher que passa por dificuldades, e passa por uma jornada de descobrimento e emancipação, tornando-se uma super-heroína.

### GRÁFICO 29 – CARACTERÍSTICAS DA CAPITÃ MARVEL

Assinale com quais destas características da personagem você se identifica (assinale quantas opções quiser).

590 respostas

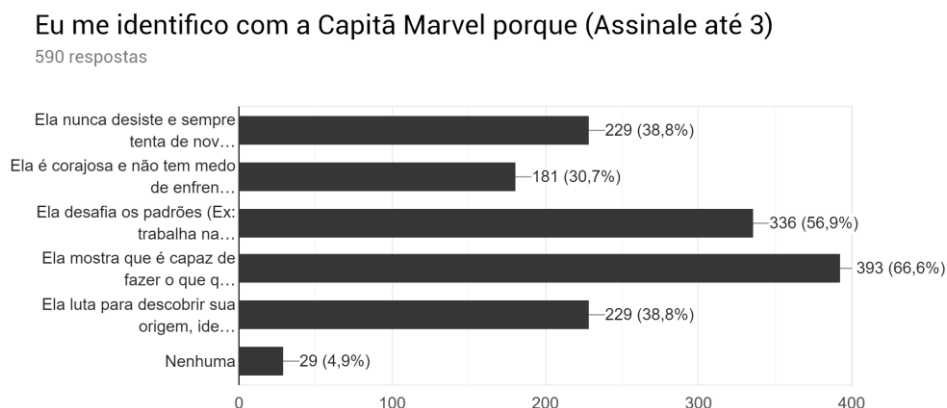


FONTE: elaborado pela autora (2019).

Esta questão visou resumir a forma pela qual as mulheres se identificam com a Capitã Marvel. A maioria das mulheres (66,6%) optou pela sentença “Ela mostra que é capaz de fazer o que quiser”. Em seguida, com 59,9%, houve a resposta “Ela desafia os padrões (Ex: trabalha na Força Aérea, ambiente majoritariamente masculino)”. Já com 38,8% apareceram duas opções: “Ela luta para descobrir sua origem, identidade e seu verdadeiro "eu" e “Ela nunca desiste e sempre tenta de novo”. Com 30,7% houve a sentença: “Ela é corajosa e não tem medo de enfrentar grandes desafios”. Apenas 4,9% não se identificou com nenhuma frase.

Desse modo, a maior parte das respondentes identifica-se com a liberdade da personagem em ser quem ela realmente é e fazer aquilo que deseja, mesmo que isso signifique desafiar papéis tradicionais de gênero.

## GRÁFICO 30 - IDENTIFICAÇÃO COM ATITUDES DA CAPITÃ MARVEL



FONTE: elaborado pela autora (2019).

A questão 27, que concerne à Mulher Maravilha, também visou resumir a forma pela qual as mulheres se identificam com a super-heroína, contudo, mediante frases proferidas pela própria protagonista durante o filme. Os resultados ficaram bem divididos e todas as respostas estão, de certo modo, relacionadas com várias das características descritas na pergunta 25.

## GRÁFICO 31 – IDENTIFICAÇÃO COM FRASES DA MULHER MARAVILHA

## 27 Qual das frases mais representa você?

643 respostas



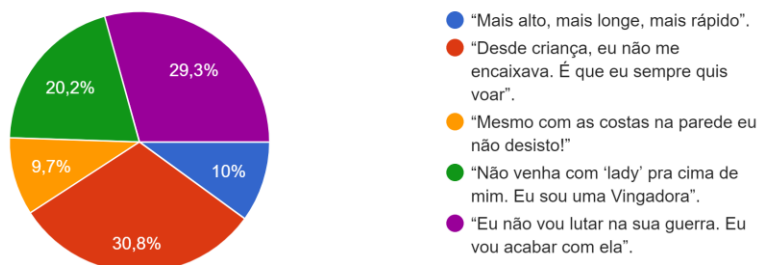
FONTE: elaborado pela autora (2019).

A mesma questão, porém relativa à Capitã Marvel, não obteve respostas com porcentagens tão próximas. Algumas alternativas se destacaram, a saber: "Desde criança, eu não me encaixava. É que eu sempre quis voar", com 30,8% e "Eu não vou lutar na sua guerra. Eu vou acabar com ela", com 29,3%.

### GRÁFICO 32 – IDENTIFICAÇÃO COM FRASES DA CAPITÃ MARVEL

Qual das frases mais representa você?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

#### 4.3.3 Desempenho das atrizes e identificação com o público

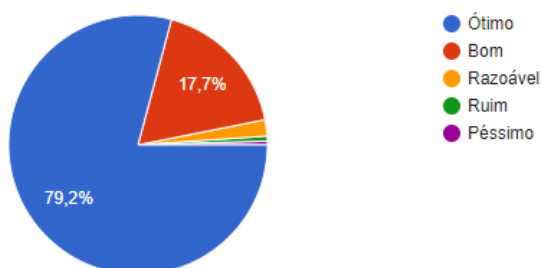
A maioria (79,2%) das respondentes considera que a atriz Gal Gadot teve um ótimo desempenho ao interpretar a personagem Mulher Maravilha. Em seguida, 17,7% considera que o desempenho foi bom. Somente 2% das mulheres respondeu "razoável", 0,6% "ruim" e 0,5% "péssimo".

A pergunta seguinte fazia uma relação entre o desempenho da atriz e a empatia/identificação com a personagem. A maioria, 77,8%, afirmou que o impacto foi positivo; 20,3% afirmou ser indiferente e 1,9% disse que o impacto foi negativo.

### GRÁFICO 33 – DESEMPENHO DA ATRIZ DE MULHER MARAVILHA

28 O que você achou do desempenho da atriz Gal Gadot no papel de Mulher Maravilha?

643 respostas

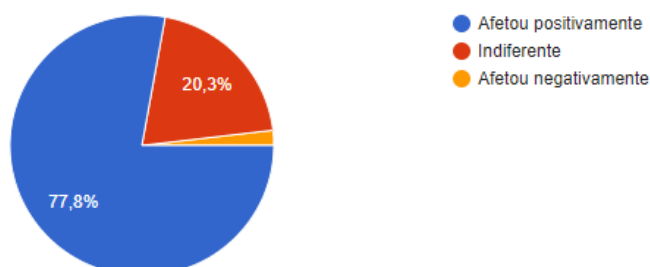


FONTE: elaborado pela autora (2019).

GRÁFICO 34 – IDENTIFICAÇÃO COM A ATRIZ DE MULHER MARAVILHA

29 O desempenho da atriz afetou a sua identificação/empatia com a personagem?

645 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

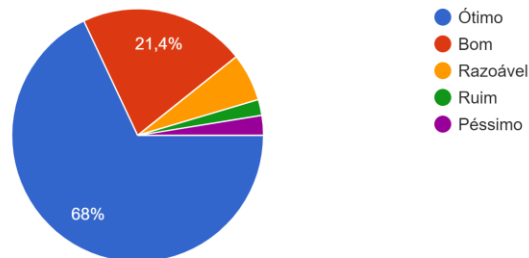
No que concerne à Capitã Marvel, a maioria (68%) das respondentes considera que a atriz Brie Larson teve um ótimo desempenho. O número é cerca de 10 pontos percentuais menor do que o relativo à Mulher Maravilha. Em seguida, 21,4% considerou o desempenho bom. Ainda, 6,1% considera razoável, 2% ruim e 2,5% péssimo.

Na pergunta que associa o desempenho da atriz e a empatia/identificação com a personagem, a maioria, 69,3% afirmou que o impacto foi positivo; 23,4% afirmou ser indiferente e 7,3% disse que o impacto foi negativo. Nota-se que houve menor aprovação em relação ao desempenho da atriz Brie Larson em comparação à Gal Gadot. Assim, para algumas mulheres, o desempenho da atriz pode ter dificultado a empatia com a personagem. No entanto, é importante salientar que, ainda assim, a maioria das mulheres sentiu empatia pela personagem e considerou seu desempenho ótimo.

### GRÁFICO 35 – DESEMPENHO DA ATRIZ DE CAPITÃ MARVEL

O que você achou do desempenho da atriz Brie Larson no papel de Capitã Marvel?

590 respostas

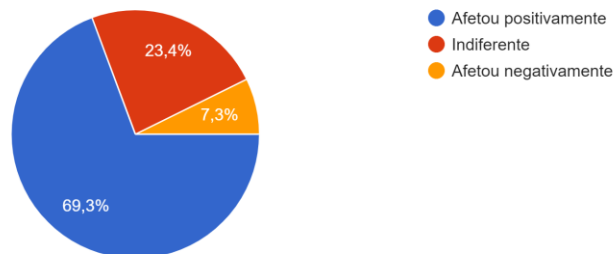


FONTE: elaborado pela autora (2019).

### GRÁFICO 36 - IDENTIFICAÇÃO COM A ATRIZ DE CAPITÃ MARVEL

O desempenho da atriz afetou a sua identificação/empatia com a personagem?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

## 4.4 PERCEPÇÃO COMPARATIVA ENTRE AS PERSONAGENS

A última seção do questionário consistiu em perguntas que estabeleciam um comparativo entre a identificação com as duas personagens.

Sobre a preferência por alguma personagem, os resultados ficaram bastante divididos, com diferenças de menos de 1% entre várias opções. A maioria das respondentes, 33,9%, gosta igualmente das duas. Em seguida, 33,2% prefere a Mulher Maravilha e 32,2% tem preferência pela Capitã Marvel. Por fim, somente 0,7% das respondentes afirmou que não gosta de nenhuma personagem.

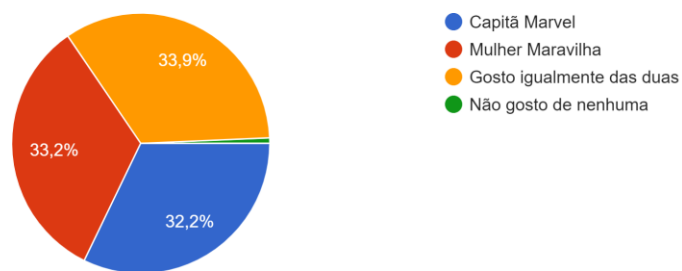


O restante das perguntas objetivas questionava a respeito de outros filmes e séries de super-heróis assistidos pelas respondentes. Foram citadas diversas produções, tanto com homens quanto com mulheres protagonistas, sobretudo das marcas Marvel e DC.

GRÁFICO 37 – PERSONAGEM PREFERIDA

Qual super-heroína você prefere?

590 respostas



FONTE: elaborado pela autora (2019).

## 5 MODOS DE PREFERÊNCIA E IDENTIFICAÇÃO

O questionário online aplicado, além das perguntas objetivas que foram detalhadas anteriormente, constituiu-se por duas questões dissertativas, a saber: “Qual super-heroína você prefere? Por que?” e “Qual a importância de mulheres serem protagonistas histórias como essas?”.

Neste capítulo, será realizada a análise das respostas sobre a questão aberta relativa à preferência por determinada personagem, relacionando-as com as discussões empreendidas nos grupos focais. Para analisar as respostas de tal pergunta, foram definidas unidades temáticas para a discussão, com base em uma leitura das respostas seguindo a proposição da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que estabelece a possibilidade de não estabelecer categorias a priori e sim permitir que estas seja desencadeadas pela exploração do material, justamente o processo aqui realizado. Pela frequência das temáticas estas foram estabelecidas como as categorias norteadoras da análise realizada a seguir.

### 5.1 MODOS DE IDENTIFICAÇÃO COM AS PERSONAGENS

Na pergunta relativa ao porquê da preferência por determinada personagem, foram percebidos temas e padrões recorrentes nas respostas. O primeiro deles está ligado aos fatores que geram identificação com as personagens. Um desses fatores são as características pessoais das mulheres, quando são iguais ou semelhantes às das super-heroínas e/ou atrizes, como profissão, estilo de se vestir, e gosto pessoal.

Gosto das duas personagens, mas Mulher Maravilha não pirou a minha cabeça como a Capitã e depois de muito pensar, conclui que é por questões pessoais. A Diana é mais feminina que a Carol. Eu tive uma fase na adolescência onde me vestia propositalmente mais masculina. [...] Já a Carol [...] se veste de jeans, camiseta do NIN (uma das minhas bandas favoritas) e parte pra guerra da mesma forma [que Diana]. [...] eu já quis ser piloto da aeronáutica [assim como a Carol/Capitã Marvel]. [...] a Brie [atriz de Capitã Marvel] esteve em São Paulo pra um evento e acabou visitando algumas exposições de arte. [...] Eu estudo curadoria e história da arte, saber temos esse gosto em comum foi bem especial pra mim (Participante nº389 Tati Duarte).

No exemplo abaixo, o fator crucial para a identificação e preferência por uma personagem ocorre devido à ascendência da respondente do mesmo país que a atriz de Mulher Maravilha.

[...] o fato de terem colocado uma atriz do Oriente Médio pra fazer trouxe

uma identificação maior pra mim, que sou descendente [...] Já a Capitã Marvel, não tem toda essa identificação, mas ainda é um ótimo exemplo de bom personagem feminino, e acho que foi até melhor trabalhada no filme solo do que a Mulher Maravilha. Talvez se a Mulher Maravilha não fosse a Gal Gadot, mas qualquer atriz morena americana padrão Hollywood, eu preferisse a Capitã Marvel (Participante nº246 Fernanda).

No grupo focal com participantes fãs, percebeu-se o mesmo. Participantes citaram a preferência pela Capitã Marvel devido à identificação, por terem passado por situações retratadas no filme, como a de ser desvalorizada por gostos que são tipicamente masculinos (futebol, carros, etc.). As cenas de flashback da personagem enfrentando dificuldades por ser mulher exemplificam isso

Outra forma de identificação que aparece entre as participantes da pesquisa é a familiaridade com a personagem. Assim, a alusão à infância foi extremamente recorrente entre as respostas, de modo que o tempo de envolvimento com a narrativa da personagem fazem parte do processo de identificação. Além disso, muitas respondentes sugerem que ter tido contato com outras mídias sobre a personagem, como histórias em quadrinhos e desenhos animados, é relevante para identificar-se com a mesma.

Creio que é coisa de infância. As duas heroínas são mulheres inspiradoras e empoderadas, mas a mulher maravilha sempre esteve presente nos desenhos de minha infância e sempre chamava atenção por ser uma das poucas heroínas mulher na liga da justiça. Só conheci a capitã Marvel recentemente, com o filme (Participante 4, anônima).

Essa questão ocorre muito com a preferência pela Mulher Maravilha, que é uma personagem mais antiga e popular, conforme os exemplos: “Minha questão com a Mulher Maravilha vem muito da minha mãe e dos desenhos que assistia enquanto criança. Então tenho um apego emocional pela personagem muito maior”. Há respondentes que inclusive citaram a importância da Mulher Maravilha enquanto símbolo de empoderamento feminino conhecido há muitos anos: “A Mulher Maravilha é um símbolo importante, é reconhecida mais facilmente e já teve várias interpretações diferentes: desde ser sexualizada até hoje ser símbolo de empoderamento. Mas nunca muda o fato de ela ser uma super heroína e mulher”.

Foi a primeira super heroína de quem ouvir falar, cresci inspirada por ela, admirando a princesa das Amazonas. Já capitã Marvel eu conheci faz menos de 5 anos, a Marvel nunca soube explorar bem suas heroínas nas histórias em quadrinhos (Participante 685, anônima).

Mais uma forma de identificação que foi citada nas respostas está relacionada à preferência pela marca Marvel ou DC, que são as criadoras das personagens Capitã Marvel e Mulher Maravilha, respectivamente. Tais marcas

possuem grupos de consumidores bastante aficionados, os quais acompanham os produtos em diferentes mídias (HQs, séries, filmes, etc.) e que muitas vezes estabelecem rixas e comparações entre as duas corporações. Algumas respostas são bastante curtas, apenas declarando “prefiro o universo e os filmes da marca X”.

## 5.2 INSPIRAÇÃO E REPRESENTAÇÃO PELA PERSONALIDADE DAS PERSONAGENS

Alguns aspectos de personalidade das heroínas foram emblemáticos nas respostas sobre o porquê da preferência por determinada personagem. A humanidade e imperfeição de Capitã Marvel, a despeito de ela ter super poderes, contribuem para a identificação. A partir disso, as mulheres têm empatia com a personagem e se veem representadas na tela. Segundo uma respondente, Carol Danvers é “gente como a gente”. Ela completa: “me identifico mais com ela. Enquanto a Mulher Maravilha é literalmente uma deusa, um padrão inalcançável e ainda uma espécie de representação feminina hiperssexualizada”. Do mesmo modo, outra respondente afirma:

Acredito que ela [Capitã Marvel] seja mais humana, ela comete erros, ela é impulsiva, ela é falha, mas ao mesmo tempo ela está sempre buscando ir além e ser mais do que ela ou qualquer um acreditava que ela poderia ser, e ela está sempre provando errado aqueles que duvidam dela (Participante 278, anônima).

Enquanto Capitã Marvel é metade humana, que enfrentou o machismo em situações cotidianas, como o mercado de trabalho, a Mulher Maravilha é uma deusa de beleza e habilidades sobrenaturais, a qual viveu grande parte de sua vida em uma ilha povoada apenas por mulheres. A falta de realismo da personagem gera menor identificação.

Porque ela [Capitã Marvel] mais realista e menos princesa! Ela é mais forte e empoderada! Ela é meio humana ela tem sentimentos como nós mulheres e ela viveu na pele o mesmo machismo que nós diariamente sofremos! Mulher maravilha não tem isso ela sempre viveu a vida no bem e bom sempre linda demais, os problemas dela sempre foram fora da realidade em níveis de deuses e ela não consegue entender os sentimentos humanos no geral por ser guerreira demais.

A Mulher Maravilha é uma deusa e ela nunca teve dúvidas de que era incrível e muito capaz, porque no seu mundo todas as mulheres eram incríveis e seu lugar sempre foi o de uma guerreira empoderada. A Capitã Marvel, ainda que tenha incríveis poderes, é uma mulher que sempre batalhou pelo seu espaço em ambientes dominados por homens e muitos duvidaram de sua capacidade, muitas vezes justificando que as emoções a atrapalhavam. Ainda que ela sempre tenha desafiado isso, o

empoderamento dela é construído ao longo da sua vida, não é algo que nasceu com ela (Participante 99 Alice Monteiro).

No entanto, há mulheres que preferem a Mulher Maravilha, justamente devido à sua característica divina, bondosa, corajosa e um tanto inalcançável. Desse modo, a heroína atua mais como uma inspiração de valores a serem seguidos do que como uma identificação. No grupo focal realizado com fãs foi possível perceber isso, conforme abaixo.

O que eu não me identifico é uma das coisas que eu acho mais bonita no filme [...], que é a inocência dela, de acreditar que as pessoas são boas, que pode ser melhor se ela pegar e falar mesmo. Ela tem essa crença. [...] Isso é uma coisa que eu sinto falta, porque eu sou totalmente desacreditada. [...] Eu consigo ver o que está errado em tudo, mas às vezes eu não tenho coragem de falar. [...] Não me identifico com isso, mas eu acho bonito, eu admiro. Acho que é uma coisa legal de mostrar, principalmente para as crianças, [...] elas podem estar acreditando que pode ficar tudo bem (Entrevistada Mariana Bianchini).

Outro traço importante para a compreensão dos processos de identificação, associado às personalidades das personagens, mostrou-se ser a feminilidade. A Mulher Maravilha é uma super-heroína que possui comportamentos considerados tipicamente mais femininos, por exemplo, as respondentes destacam que ela é mais sensível, doce, seu uniforme mostra mais o corpo e ela tem como valor intrínseco e bastante característico o amor. Essas particularidades são percebidas como positivas por algumas mulheres, que julgam ser importante a representação de uma mulher que é poderosa, mas ainda assim carrega traços de feminilidade e valoriza o amor e a bondade. Segundo uma respondente, a Wonder Woman “é heroica sem ser masculina. Mantém a humanidade a despeito de ser uma deusa!”. De forma semelhante, outra respondente defende: “O amor infelizmente tem sido esquecido nos nossos dias, Diana mostra que podemos ser fortes e poderosas mas não precisamos ser frias, que ser amorosa e carinhosa não é ser vulnerável, que poder e bondade podem andar lado a lado”.

[...]admiro a persistência de sempre lutar pelo que é certo, e também o fato de ser forte, corajosa, e ao mesmo tempo possuir uma doçura e pureza de coração. Ela luta contra o mal e não se deixa contaminar por ele, [...] mas não deixa de se encantar com as coisas simples. Gosto dessa complexidade dela, que acaba com os vilões mas ainda se encanta com um sorvete ou um bebê (no caso do filme) (Participante 543 Amanda).

Essa visão apareceu também na discussão do grupo focal com não fãs. Houve participantes que não gostam de super-heróis e se identificaram apenas com a Mulher Maravilha, devido à sua feminilidade.

Não tem problema [...] pegar alguns aspectos da feminilidade e colocar numa super-heroína. [...] Todo filme que eu vou ver de super-herói, se ela vai ser “foda”, ela vai ser masculina. [...] Não acho que é uma representação perfeita, mas acho que as mulheres tendem a ser masculinizadas para serem respeitadas nos filmes (Entrevistada Mariana Michels Fontoura).

Contudo, outras mulheres entendem que a construção da Mulher Maravilha é, justamente por isso, um estereótipo de feminilidade, acompanhada de objetificação e sexualização. Analogamente, muitas mulheres identificam-se mais com a Capitã Marvel, por ela romper tais padrões, sendo uma mulher mais objetiva, usar um traje mais fechado, e ser “durona”, conforme a resposta: “a Diana tem uma postura, apesar de ser independente e lutadora, mais de princesa, mulher muito feminina enquanto que a Capitã Marvel tem uma postura mais turrona, marrenta de guerreira”. Também houve menções negativas ao valor do amor e bondade para a heroína: “Nas HQs ela quebra muito estereótipo de uma heroína [...], tipo ela aparece com cabelo curto, e não tem ponto fraco com relação ao amor (o que é mostrado numa boa parte das heroínas)”.

Acho que me atrapalha um pouco a motivação da mulher maravilha ser 'o amor'. Não que não seja uma motivação boa, mas é uma coisa esperada das mulheres, que nós sejamos gentis com todos e não nos importamos tanto com nós mesmas. Não sei, por mais empoderada que ela seja, ainda está dentro de um estereótipo de feminilidade (Participante 577, anônima).

No grupo focal de não fãs, essa visão foi também bastante apresentada, mais do que no de fãs. Ressaltou-se a sexualização da Mulher Maravilha, por meio de movimentações de câmera lentas, com foco em seu quadril. Em Capitã Marvel, ela sentiu uma mudança na representação feminina, pois o foco não era a forma que ela se vestia e sim a sua vida.

Além do amor como valor intrínseco para suas ações como super-heroína, o filme da Mulher Maravilha apresentar uma relação romântica com um homem. De forma semelhante ao que já foi exposto, o romance, em termos de uma representação feminina não estereotipada, divide as opiniões do público. Algumas mulheres o encaram como positivo, sendo algo secundário na trama. Já outras defendem que abordá-lo significou recair em um padrão recorrente, de dependência feminina em relação a um homem: “não assisti ao filme da Mulher Maravilha, mas percebi que parte da história dela envolve um homem, seu par romântico. Gosto da Capitã Marvel lutar por si e ser protagonista única da sua história”.

Porque a Mulher Maravilha é uma amazona que descobre a sua força ao se apaixonar por um homem. E isso não faz o menor sentido. Já a Capitã Marvel é ela por ela mesma. E isso é maravilhoso. Porque na vida real,

somos nós por nós e nenhum sacrifício nosso deve ser em nome de homem, apenas de nós mesmas (Participante 131, anônima).

Uma visão favorável ao romance na trama da personagem foi exposta no grupo focal de fãs:

Eu gosto muito do romance e como ele é tratado nesse filme. É super secundário e super natural eles gostando um do outro. Não é aquela coisa [...] que ela está fazendo isso por ele. Não, ela está fazendo isso pelas convicções dela, pelo que ela já sabia há muito tempo. [...] Ela seria incrível com ele ali ou sem (Participante Mariana Fabris).

Apesar disso, muitas mulheres (33,9%, conforme obtido via questionário online) gostam igualmente de ambas as personagens e não possuem uma preferida.

Porque ela faz mais meu estilo. A Capitã é bem a menina que eu fui na infância, mas não vejo motivos para ter rixa entre as duas. As duas me inspiram de formas diferentes. A Capitã por me representar e me mostrar que eu posso continuar sendo quem eu sou e a MM por desconstruir uma imagem vilanesca que eu tinha das mulheres femininas. Com a MM eu percebi que existem vários tipos de força e uma mulher não precisa deixar o estereótipo feminino pra ser forte e revolucionária. Inclusive foi por conta dela que minha aversão a tudo relacionado a maternidade se desconstruiu. As duas me ajudaram muito a lidar com a disforia que eu tinha em relação a tudo que era feminino. Mesmo sendo uma pessoa trans mais masculina eu hoje não tenho medo de ser confundido com uma mulher como tinha antes (Participante 304, anônima).

Dessa maneira, percebe-se a noção de que ambas são representações importantes para o protagonismo feminino, cada uma à sua maneira, a Mulher Maravilha com um modelo de representação mais clássico, e a Capitã Marvel mais transgressor. Houve ainda críticas à rivalidade feminina e a necessidade de ter que se escolher uma heroína preferida: “Ambas são facetas interessantes do que significa ser mulher e se complementam lindamente como ícones femininos. Acho, inclusive, desnecessário reforçar a ideia de que uma delas deve ser preferida”; “São mulheres fortes e guerreiras, nada de rivalidade feminina. Ambas são incríveis”; “Pelo fato de saber mais sobre a Capitã Marvel e acompanhar mais os filmes da Marvel eu prefira ela. Mas eu também gosto muito da Mulher Maravilha e acho um tanto quanto errado criar uma rivalidade entre as duas”.

Ambas são importantes dentro de seus respectivos universos, trazem uma mensagem muito necessária para o meio nerd de valorizar o papel feminino, elas não estão lá para dar suporte ao herói, para usar roupa justa e sexy [...]. Assim como as mulheres que fazem parte desse grupo! Não somos nerds para virar a namoradinha perfeita de alguém ou pra usar cosplay em evento e ser assediada [...] Quem sabe um dia, depois de tanto brigarmos e mostrarmos que mulheres merecem ter seu espaço respeitado [...] eles finalmente entendam! :) (Participante 447, Bruve de Brum).

Em suma, essa percepção ressalta também a importância de ambas as

personagens como representações sociais que guiam as condutas desejadas pelos indivíduos, e como forma de rompimento de estereótipos relacionados às mulheres reais no meio *nerd*.

### 5.3 PERCEPÇÃO DA IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO FEMININO

Além da pergunta anteriormente analisada, o questionário online contou com uma questão dissertativa sobre a importância de histórias como Capitã Marvel e Mulher Maravilha serem protagonizadas por mulheres.

Para esta análise, foi utilizado o software NVivo, pelo qual foram identificadas as palavras mais citadas pelas respondentes. Tais palavras compuseram as categorias de análise seguindo a proposição da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Porém, salienta-se que alguns termos identificados foram excluídos, devido a sua baixa relevância (por exemplo: preposições e conectivos).

As seguintes palavras-chave tiveram o maior número de menções: mulheres 412 menções; representatividade 152 menções; ser: 144 menções; mostrar 116 menções; homens 108 menções; podem 84 menções; filmes 77 menções; importante 76 menções; fortes 73 menções. Abaixo, é possível observar uma nuvem de palavras, que demonstra de forma visual quais foram as palavras mais utilizadas pelas respondentes.

FIGURA 18 – NUVEM DE PALAVRAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO FEMININO



FONTE: elaborado pela autora (2019).  
LEGENDA: Imagem elaborada com o software NVivo.



A análise foi feita e organizada com base nas cinco palavras mais recorrentes, selecionando-se as respostas mais longas e mais curtas referentes a cada termo, a fim de conter tanto percepções mais elaboradas, geralmente de fãs, quanto mais objetivas, normalmente de quem não é fã.

### 5.3.1 Palavra-chave: mulheres

A palavra-chave que mais apareceu foi “mulher/mulheres”, que demonstra a importância do gênero como categoria primordial de análise. O foco destas respostas foi a importância dos filmes como meio de proporcionar visibilidade às mulheres, bem como inspirar o público feminino (sobretudo as jovens). O protagonismo é visto como extremamente importante pela maioria das respondentes. A resposta abaixo, por exemplo, destaca que Capitã Marvel e Mulher Maravilha mostram para meninas que não existe uma forma certa de ser mulher, mas que elas podem assumir diferentes papéis.

No cinema, é imensurável. Eu considero esses filmes um passo a mais no caminho por representatividade. Para ficar perfeito mesmo, só se tivéssemos menos *mulheres* “padrões” nas telas e mais *mulheres* “reais”. [...] Quando mostramos *mulheres* em posições “diferentes” das que costumávamos mostrar, a mensagem que passamos é que aquilo é possível. É real. Que não há apenas um caminho para uma *mulher* seguir, que os caminhos e as oportunidades são infinitas! Ou seja, independente dos problemas, é inegável o papel da mulher maravilha e da capitã marvel para jovens garotas (Participante 16).

Algumas respostas focalizam as relações de poder, de modo que o protagonismo no cinema atua como forma de questionamento ao *status quo* e manutenção dos direitos conquistados. Em suma, o gênero é visto como uma questão política. Ainda, há constantes tensionamentos entre ficção/representação social e “vida real”, com o estabelecimento de paralelos entre as heroínas do cinema e personalidades políticas que são vistas como heroínas, a exemplo da jornalista e política brasileira Manuela Dávila.

É indispensável. Parece uma comparação sem fundamento, mas compartilho das mesmas sensações nessas duas situações: 1) política 2) cinema. Tive uma discussão sobre a representatividade passada pela Manuela Dávila no meio político. Ouvi um homem dizer “acho ela arrogante. Fica erguendo o tom de voz”, e eu tive que explicar que, caso ela não faça isso, talvez outra *mulher* não consiga e muito provavelmente os homens presentes não a deixarão falar. [...] Ser *mulher* é lutar todos os dias pra ter

sua voz ouvida. [...] Quando vejo heroínas como Diana Prince, Carol Danvers, Manuela Davila e Marielle Franco, meu coração se enche de esperança. Nós continuamos lutando para ouvir nossa voz ecoar e criar espaço em todos os meios. Espaço para que mais *mulheres* possam falar ao nosso lado. *Mulheres* superpoderosas são muito importantes num mundo acostumado demais a ver homens poderosos (Participante 42).

Abaixo, mais um exemplo no qual o paralelo entre vida real e ficção é estabelecido. A respondente aponta que as meninas vão poder ser protagonistas de filmes e, mais do que isso, de suas próprias vidas.

É igualdade. Se os homens podem ser super heróis, porque as mulheres não podem ter papéis similares a eles? Assistir Mulher Maravilha me fez sentir que eu era capaz de tudo e é esse sentimento que os homens tem sido alimentados por séculos. [...] Eu amo filmes de heróis e sempre me imaginei quando criança como a heroína que metia a porrada nos vilões, não no par romântico do herói bonito. Esse imaginário é tão importante. Se vendo esses filmes naturalmente desenvolvidos para um público masculino eu me imaginava ali, imagine as crianças crescendo vendo filmes protagonizados por mulheres? Imagine o que teremos de meninas criando histórias onde elas são mais que personagens secundárias e pares românticas e donas de suas narrativas? Tanto no imaginário como na vida. [...] (Participante 452 Barbara Herdy)

O exemplo abaixo também evidencia a relação entre as representações na mídia e o cotidiano do público. Para tanto, a respondente utiliza o termo “inspiração” e a fala é bem resumida na frase: “a arte sempre ajuda nas revoluções”. Além disso, menciona-se a importância da representatividade de outros grupos minoritários, como os negros.

Tirando pela minha própria história vejo elas como uma fonte de inspiração. Os heróis não só servem para nos entreter nas telas e sim para realmente nos inspirar a sermos pessoas melhores. E é muito mais fácil e forte ter alguém como nós como fonte de inspiração. Pantera Negra foi um filme que me ajudou demais a deixar de odiar o fato de ser negro, pois descobri que não odiava a mim e sim o racismo ao meu redor. Assim como mulher maravilha e capitã marvel tanto nos quadrinhos quanto nas delas me ajudaram demais a parar de odiar tudo o que era dito feminino perto de mim. Nossa sociedade nos ensina a ver as mulheres como fracas e muitas vezes a ficar umas contra as outras, esses filmes nos mostra que mulheres são capazes, que podem ser amigas e se ajudar. A arte sempre ajuda nas revoluções e eu realmente espero que cada vez mais as mulheres deem as mãos e se sintam bem em serem elas mesmas (Participante 304, anônima).

As respostas mais curtas abrangeram temas semelhantes aos já abordados, ressaltando a importância do protagonismo para dar voz às mulheres, inspirar as pessoas, e romper com padrões de gênero estabelecidos. É possível notar o estabelecimento de embates do tipo feminino x masculino, que evidenciam as relações de poder que residem em tais binarismos (SILVA, 2000).

Algumas respostas obtidas nesse sentido podem ser vistas a seguir: “É preciso quebrar o padrão que as mulheres são colocadas como ‘enfeites’ nos filmes”; “Serve para dar voz à mulher”; “Para inspirar mulheres”; “Mostrar para as mulheres que elas podem tanto quanto os homens”.

### 5.3.2 Palavra-chave: representatividade

A segunda palavra-chave mais comum foi “representatividade”, aliás, muitas participantes responderam à pergunta sobre a importância das super-heroínas apenas com a palavra representatividade. Isso é emblemático, de modo que este e “representação social” são conceitos norteadores para esta pesquisa. Representatividade é um conceito da Teoria Política (BOBBIO, 1993), que está associado à ideia de ocupar espaços e representar grupos sendo, portanto, entendida aqui como sinônimo de presença, de visibilidade (sobretudo numérica) nas narrativas, enquanto representação, seguindo a perspectiva da Hall (2006) é aqui entendida como o modo como os sujeitos são narrados nos dispositivos midiáticos.

Para as respondentes, as personagens atuam como inspirações para o público, e o protagonismo reforça a ideia de que as mulheres têm a capacidade para fazer o que quiserem. Ou seja, houve respostas com ênfase nas relações de poder e nos estereótipos cristalizados entre maioria e minoria, no caso, homem e mulher. Aspectos como força e coragem são geralmente atribuídas a super-heróis e a homens na sociedade, mas os filmes analisados invertem essa lógica: “Representatividade. Cansada de ver sempre ELES salvando o mundo”.

É muito importante! Para que as meninas/mulheres tenham uma inspiração positiva, vejam e sintam que elas são capazes de ser e fazer o que elas quiserem. *Representatividade* é essencial! Muda a maneira de se ver no mundo, dos papéis que podemos exercer. Mulheres não foram feitas para serem salvas, por exemplo. Eu cresci querendo ser o Batman, porque não via nenhuma mulher protagonista com grandes produções ou merchandising. Quando fizeram o filme da MM, fui 2x no cinema e chorei feito criança (Participante 140, Paula Rodrigues).

*Representatividade.* Quando eu era criança e queria uma camiseta do Superman, meu pai não deixava porque isso era coisa de menino, isso me deixava muito triste, mas hoje eu me sinto muito melhor porque eu vejo nelas que meu pai estava errado (Participante 152, Olívia Guimarães).

Para as respondentes, os filmes também funcionam para popularizar o feminismo, ultrapassando o mero entretenimento.

Mulheres fortes e independentes como protagonistas são de extrema importância para a sociedade atual pois além de trazerem inspiração para outras mulheres, são uma enorme fonte de *representatividade* e de propagação do feminismo. É importante que mulheres sejam representadas dessa forma ao invés da forma misógina e sexualizada ainda presente em muitas obras cinematográficas atuais. De maneira geral, a representatividade feminina positiva presente em filmes como Capitã Marvel e Mulher Maravilha não só entretém como tem a função de mostrar para o público que mulheres são capazes de qualquer coisa, o que já é um grande passo para a igualdade de gênero não apenas no mundo cinematográfico mas também na sociedade em geral (Participante 321, anônima).

Por muito anos as mulheres não foram bem representadas tanto nos quadrinhos, como nos games, cinema, literatura. Filmes com mulheres protagonista vieram pra mudar isso. Deveriam ser filme feito por mulheres e para mulheres, já que durante tanto anos foram filmes feitos por homens e para homens. Quanto mais tiverem heroínas com histórias diferentes e com filmes que se importem com a diversidade e representatividade, mais estimula as mulheres a consumirem cultura pop e nerd, a inspirar a seguir profissões majoritariamente masculinas, sobre feminismo e empoderamento (Participante 464, anônima).

Também foi citada a importância da representatividade para o cotidiano das mulheres reais no meio *nerd*, para evidenciar que as mulheres são um público e podem consumir esses produtos.

Na década passada, histórias de super heróis sempre foram algo destinado ao público masculino. Em especificamente Star Wars a maioria dos protagonistas são homens, então eu por exemplo brincava de ser um cavaleiro (em masculino mesmo) Jedi. Me enche os olhos de orgulho ver que em 2015, com a nova trilogia veio uma protagonista feminina tão intrigante quanto os anteriores. A cultura Geek não tem sexo, e por muito tempo ficamos nas sombras por "gostar de algo de menino". Eu trabalho com venda de produtos Geek e quando comecei, as meninas mal olhavam o que eu tinha, hoje já é um cenário totalmente diferente, onde a menina diz "Olha mãe, um quadro da mulher maravilha, eu quero". Então, essa *representatividade* é importante demais (Participante 336 Barbara Gomes).

A crítica à aparência física, principalmente à magreza das personagens, destacou-se tanto na discussão do grupo focal de não fãs, quanto nas respostas ao *survey*. Uma respondente do questionário online ressaltou que espera maior representatividade de tipos de corpo entre as super-heroínas: "espero maior representatividade [...], pois apesar de ter mulheres fortes aparecendo no cinema, ainda não consigo me ver (fisicamente) nelas". Contrariamente, no grupo de fãs as percepções foram da importância de representar heroínas magras, visto que, sobretudo nos quadrinhos, seus corpos têm seios grandes e proporções irreais.

### 5.3.3 Palavra-chave: ser

O terceiro termo mais mencionado nas respostas foi “ser”. Muitas respondentes usaram tal palavra relacionada ao fato de que as mulheres devem ser representadas de forma a terem a liberdade de ser quem quiserem. Ou seja, as respostas associam-se aos rompimentos de estereótipos promovidos pelos dois filmes estudados. Desse modo, as mulheres são retratadas como fortes, empoderadas e independentes. Essa informação é reforçada por outro dado, relativo à lista de palavras mais mencionadas nas respostas desta questão. Nela aparecem termos como: “podem”, “fortes” e “capazes”, extremamente relacionados à ideia do empoderamento feminino e igualdade de gênero nas representações midiáticas: “Mostram para as garotas que elas podem *ser* o que elas quiserem”; “É importante pra mostrar que a mulher não precisa *ser* delicada, que ela pode ser forte, ser o que quiser até uma super heroína”; “Traz uma grande representatividade e identificação para as meninas mais jovens, mostrando desde sempre que uma mulher pode *ser* protagonista de sua própria história.”

Foram identificadas, ainda, diversas respostas em alusão ao estereótipo das personagens femininas que sempre precisar ser salvas ou resgatadas de alguma situação pelos personagens homens. Segundo as respondentes, Capitã Marvel e Mulher Maravilha são filmes que ressignificam isso, e permitem a desconstrução de paradigmas no imaginário de homens e mulheres: “Mostrar que não são apenas homens que podem ser poderosos, mulheres também, sem serem necessariamente par romântico de alguém”.

Em um meio predominante masculino, no qual antes era comum tratarem a mulher como “aquela a *ser salva*”, ver mulheres exercendo papéis de destaques, fugindo do estereótipo machista empregado na sociedade, dá representatividade para mulheres e principalmente jovens. [...] E para os meninos, um contato com produções assim poderia ajudá-los a desconstruir preceitos machistas que, ainda, são naturalizados: “mulher é a mais fraca” (Participante 136, anônima).

Em histórias de heróis as mulheres, geralmente, eram secundárias, sendo a mocinha a *ser salva*, o par romântico no máximo uma sidekick, mas sempre usadas para o fortalecimento da história do herói. O aumento do protagonismo feminino nas histórias inspiram as meninas que virão de que não servimos apenas como alavanca para os homens, e que sim, temos nossa própria história, podemos ser nossa própria heroína e de quem estiver ao nosso lado (Participante 525 Deborah Mudin).

Todas essas formas inovadoras de ser mulher, no contexto das representações cinematográficas ajudam a construir o espectro de identidades

possíveis para as mulheres reais. Tal âmbito das representações enquanto influenciadoras das identidades já foi contemplado na discussão de questões do questionário anteriormente apresentadas, no entanto, algumas respondentes a destacaram com muita ênfase especificamente nesta questão, referente à importância do protagonismo feminino nos filmes estudados.

As representações tem influencia na forma como construímos nossa própria identidade no mundo. Claro que não dependemos somente disto, mas é importante atentar para as formas disponíveis de "ser", que nos são apresentadas tanto por instituições (como família, escola, religião...) quanto por mídias diversas (novelas, jogos, animações, filmes...) [...] Estas representações trazem novas inspirações e oportunidades de identificação para pessoas que não se viam representadas antes [...] (Participante 191 Mariana Fabris)

A partir disso, nota-se a relevância do processo de identificação com as personagens, o qual é explicitado nas citações a seguir, ao evidenciar relatos de mulheres as quais julgam que sua personalidade foi “moldada” por representações como as estudadas.

Mulheres precisam estar em todos os lugares mostrando sua força, mostrando que não precisamos ser salvas! Que sim temos o poder de levantar do chão quantas vezes forem necessárias e chutar a bunda do destino para onde queremos ir! Eu aprendi a ser forte com todas as minhas heroínas, cada uma me mostrou uma força e hoje eu vejo que elas me ajudaram a moldar quem eu sou (Participante 447 Bruve de Brum)

#### 5.3.4 Palavra-chave: mostrar

“Mostrar” foi o quarto termo mais mencionado nas respostas à questão “qual a importância de mulheres serem protagonistas histórias como essas?”. Por meio da análise das respostas, percebe-se que a palavra significa divulgar, tornar popular/rotineiro, tornar conhecido, naturalizar a multiplicidade de identidades femininas e, sobretudo, a ocupação de diferentes espaços pela mulher. Essa visão corrobora a tese do cinema como “um dos mais importantes espaços de produções discursivas sobre a mulher” (ADELMAN, 2005), no sentido foucaultiano, da produção de formas de pensar, de corporalidades e subjetividades. A importância dos filmes na construção do imaginário social, na produção de identidades possíveis e na transformação de paradigmas associados a certos grupos é explicitada na citação abaixo.

Identificação, o cinema é uma forma de *mostrar* diferentes realidades, possíveis ou não, nós espectadores entramos nas histórias, envolvemos pessoalmente e é isso o poder que um filme trás o reconhecimento de

diferentes realidades e vivência. Um filme transforma vidas, muda perspectivas e tudo isso sem nem precisar ser real.

[...] a mídia, claramente, tem uma influência grande em como a sociedade se comporta, e *mostrar* a força feminina, ainda mais porque são filmes que também atraem um público mais jovem, é de extrema importância para naturalizar a força feminina (Participante 313, anônima).

Há ainda respostas que tratam da ocupação feminina de espaços tradicionalmente considerados masculinos (geralmente o âmbito público associado aos homens, e a esfera do privado/do “lar” às mulheres), como forma de subversão dos atuais papéis de gênero. Algumas respostas inclusive apontam a estratégia como solução para cessar o machismo e o patriarcado: “Mostrar para as mulheres que elas podem ocupar espaços masculinos, que elas são fortes e podem ser o que quiserem”; “mostrar o poder feminino, mostrar que somos capazes de fazer qualquer coisa e que nosso lugar é onde quisermos e não só dentro de casa”; “acabar com o machismo e mostrar que somos fortes e capazes”.

Ainda sobre a ocupação de espaços tradicionalmente masculinos, parece ter uma relevância significativa a representação da mulher como super-heroína. Esse tipo de protagonismo demonstra a capacidade da mulher de proteger-se e não depender de um homem para garantir a sua própria segurança. Ainda, declara que, mais do que isso, uma mulher pode proteger os outros à sua volta. Essa ideia está relacionada à estereotípica associação entre masculino e força ou capacidade de lutar: “Mostrar que mulheres são capazes tanto quanto os homens de salvar o mundo e ajudar outras pessoas”; “Mostrar que mulheres também podem ser SUPER, e que não precisamos de homens para nos salvar, por que sabemos nós cuidar”; “Mostrar que não somos só feitas para papeis de donas de casa ou submissas aos nossos heróis, podemos sim ser heroínas”.

Outro aspecto de destaque nas respostas com o uso do termo “mostrar” refere-se ao protagonismo feminino em sua essência, como modo de garantir voz à mulher, em contraste com sua habitual invisibilização no cinema. Sob esta ótica, destaca-se um aspecto fundamental da teoria feminista do cinema, a qual enfatiza que o filme é “uma estrutura dominada pelo olhar masculino” (KAPLAN, 1995 apud ADELMAN, 2005, p.223). Segundo Teresa de Lauretis (1984, p.4 apud ADELMAN, 2005, p. 224) a narrativa do cinema é a expressão mais complexa e de maior circulação da representação da mulher como espetáculo, no qual o feminino é um objeto, um corpo a ser observado, para despertar o desejo sexual masculino. Ou

seja, os filmes produzem olhares sobre o mundo e, para Mulvey (1975 apud ADELMAN, 2005), o homem é, tradicionalmente, portador ativo do olhar. Ao mesmo tempo, a mulher é objeto de desejo, configuração conceituada como “*the male gaze*” (o olhar masculino), a qual fundamenta o prazer visual no cinema. Segundo as respondentes, Capitã Marvel e Mulher Maravilha subvertem esse olhar: “Simplesmente pelo fato de mostrar que nós não somos invisíveis como muitos homens acham e querem que sejamos. Não somos um objeto mas um sujeito”.

### 5.3.5 Palavra-chave: homens

“Homens” foi o quinto termo mais mencionado. Há respostas que enfatizam a importância de evidenciar, para meninos e meninas, que ambos podem ocupar os mesmos espaços e ser igualmente respeitados, rompendo com visões machistas. Uma participante do grupo focal de fãs destaca:

É importante principalmente para essa geração que está crescendo agora com esses lançamentos [...] É lindo que também os meninos estão vendo essas coisas. As crianças, tanto menina quanto menino, não têm tanto a construção da sociedade na cabeça. Aí os meninos vão crescendo e vendo a Capitã Marvel lutando ao lado do Homem de Ferro como uma boa coisa. [...] O meu irmão mais novo foi tentar comprar a camiseta da Capitã Marvel e não tinha a opção masculina [...] Parei para refletir sobre aquilo. [...] Que legal que ele quer tanto uma camiseta da Capitã Marvel quanto ele quer, tipo, do Homem Aranha. É legal ver isso equalizando mesmo (Entrevistada Mariana Fabris).

Destacou-se também a identificação, e os anseios e dificuldades dos super-heróis, que geralmente são muito direcionados para os homens. Com as protagonistas femininas, há a ampliação de possibilidades para a mulher identificar-se: “Essencial, os homens sempre foram representados e assistir um filme com uma mulher protagonista é completamente diferente. Elas viram espelhos com suas atitudes e impasses”. No grupo focal de fãs, este tema foi reforçado:

Filmes de heróis foram criados para você se identificar com aquilo ali. São pessoas como nós, mas extraordinárias. No meio de uma sociedade ruim, existem pessoas extraordinárias. Ver mulheres assim é incrível, ver que não é uma coisa só de homens. [...] Eu não tinha isso. [...] Agora posso ver um filme, encontrar roupas de heroínas... Quando eu era mais nova só via bonecos de heróis para vender. [...] Eu acho que é muito importante você se identificar e dizer “eu posso ser”. [...] Identificação é tudo (Entrevistada Graziella Benedito).

Além disso, uma minoria citou que o fato de a protagonista ser mulher não faz necessariamente diferença para a identificação ou apreciação do filme: “Gosto da



construção [...] dos personagens, indiferente se são homens ou mulheres. Não me sinto mais ou menos representada por uma mulher protagonizar um filme de super herói”; “Nao vejo relação! Acho todos os heróis essenciais ao universo da imaginação. No entanto, acho muito legal ter mulheres fortes nestas produções, pq - afinal - somos iguais aos homens em força e coragem!”.

De forma análoga, no grupo focal de não fãs surgiu o desejo de que haja representações nas quais ser mulher não seja o aspecto mais relevante da personagem. Nesse sentido, conforme resposta do questionário online:

Acho um pouco estranho essa pergunta. É como perguntar se é importante seres humanos protagonizarem histórias assim. Obviamente, em nossa sociedade, existe essa diferença nociva entre gêneros, o que dá espaço para essa pergunta como está escrita. Mas não deixa de ser estranho como mulheres sempre são "protagonistas femininas" e homens nunca são "protagonistas masculinos", apenas "protagonistas" (Participante 171, anônima).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como se estabelecem os processos de identificação entre o público feminino e as representações cinematográficas das personagens Capitã Marvel e Mulher Maravilha. Desse modo, pela perspectiva teórica das representações sociais (pelo viés dos Estudos Culturais), discutiu-se os conceitos de representatividade, representação e identificação, e seus modos de atravessamento na vida social, especialmente acerca do público feminino sobre si mesmo, sua autoestima e personalidade. Para isso, o primeiro capítulo evidenciou a origem, construção, narrativa e evolução das duas personagens. O segundo capítulo salientou o conceito de identidade e sua associação com as representações sociais, com ênfase àquelas veiculadas na mídia. A partir disso, foi possível nortear o contato com o público, feito primeiramente via questionário online e posteriormente por meio de grupos focais.

Tanto as respostas do questionário quanto as discussões dos grupos focais apontaram que a identificação, assim como a representatividade, são características importante para o público feminino gostar e envolver-se com as personagens, ou até mesmo escolher sua preferida. Percebeu-se diferentes formas de estabelecimento da identificação, seja pelos desafios enfrentados enquanto ser mulher, por semelhança de personalidade ou pela profissão. Ainda, o maior tempo de conhecimento e grau de aprofundamento em determinada personagem foi um fator importante para a identificação. Nesse sentido, ser fã da marca Marvel ou da concorrente DC mostrou-se um elemento importante para que a mulher encontrasse mais pontos de identificação com a personagem criada pela marca de sua preferência.

Outra percepção relativa à identificação é a visão da Mulher Maravilha como uma personagem mais popular e como um símbolo de empoderamento feminino mais consolidado no senso comum, enquanto a Capitã Marvel tem uma popularização mais recente e é mais inovadora. Desse modo, muitas mulheres encaram a representação de Mulher Maravilha como uma deusa inalcançável, que transmite inspiração. Já a Capitã Marvel é vista como uma personagem mais humana, propiciando uma identificação mais próxima. No entanto, essas percepções não são unívocas, e não impedem que várias mulheres se identifiquem com a

Mulher Maravilha e vejam a Capitã Marvel como uma representação inalcançável, por exemplo.

As mulheres percebem também que há muitas personagens femininas estereotipadas no universo de super-heróis, sendo representadas de forma hipersexualizada ou secundária, como “donzelas em perigo”, *sidekicks* (ajudantes) ou interesses românticos dos super-heróis. No entanto, a maioria das respondentes nota que há personagens bem construídas, as quais fogem do lugar comum da representação feminina e rompem com estereótipos, a exemplo de Capitã Marvel e Mulher Maravilha. Mais do que gostar de tais personagens, as mulheres reconhecem que elas são marcos emblemáticos e relevantes, no que se refere a protagonizarem filmes solo e de grande bilheteria do gênero super-heróis. Inclusive reforçando o reconhecimento do valor da representatividade, a maioria das mulheres gosta igualmente das duas heroínas, identificando-se com aspectos particulares de cada uma e rejeitando a rivalidade feminina.

Contudo, a maioria das respondentes não se sente representada com a aparência física das personagens, e evidenciam a percepção sobre a necessidade de romper o estereótipo de padrão de beleza das super-heroínas e representar corpos mais variados, que não sejam somente brancos e magros. Porém, há fãs que já notam avanço nessa representação, por exemplo, ao retratar-se justamente mulheres bastante magras, em oposição ao estereótipo de proporções irreais de corpo, com seios grandes e curvas destacadas, recorrente no gênero de super-heróis.

Além disso, há percepções que, embora reconheçam a importância dos filmes para a representatividade das mulheres, problematizam a maneira como a feminilidade é retratada. Há críticas antagônicas: de um lado, mulheres apontam o excesso de características da Mulher Maravilha associadas à feminilidade de modo estereotipado; de outro, mulheres criticam a masculinização usada para legitimar Capitã Marvel enquanto uma “mulher forte”.

Relativamente à relação entre as narrativas e o cotidiano, a percepção das mulheres é que, embora o objeto sejam super-heroínas, a representação das personagens e a realidade estão intimamente relacionadas. Ou seja, a representação não é vista como algo isolado da vida social, mas como uma forma de ver a si mesma na tela, romper estereótipos, mudar paradigmas e inspirar atitudes, principalmente em relação ao machismo. Dessa forma, para elas, a ficção

contribui com a desconstrução de estereótipos e comportamentos muito presentes na vida real, no campo das identidades e condutas esperadas e admitidas para as minorias, no caso as mulheres. Nessa lógica, a maioria das participantes se sente inspirada pelas personagens, se identificam com seus valores, citando como pontos de identificação com as heroínas especialmente aspectos imbricados ao poder, feminismo, determinação, independência e liberdade de ser quem quiser.

Nessa perspectiva de relação dos filmes com as identidades, as mulheres frisam a relevância de tais representações para as crianças e adolescentes, tanto meninos quanto meninas, para a construção de um mundo mais igualitário em relação ao gênero.

Em referência à relevância do presente trabalho, foi possível problematizar a circulação e as formas de atravessamento da identificação e da representatividade na vida social, com relação ao público feminino e sua visão sobre si enquanto mulheres. Assim, explicita-se a relevância das narrativas ficcionais para a realidade, principalmente associadas à visibilização e à manutenção ou ruptura de estereótipos acerca de grupos sociais minoritários. Como sugestão para pesquisas futuras, haja vista que o presente trabalho gerou uma grande quantidade de dados, possibilita-se que certos elementos sejam aprofundados e desdobrados em artigos científicos.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, João. **38% do público nerd brasileiro é composto por mulheres, aponta pesquisa**. Jovem Nerd, 2018. Disponível em <<https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/62-do-publico-nerd-mulher/>>. Acesso em 7 out. 2019.
- ADELMAN, Miriam. **Vozes, olhares e o gênero do cinema**. In: FUNCK, Susana Bornéo e WIDHOLZER, N. R. Gênero em discursos da mídia. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres/Edunisc, 2005, pp.223-244.
- ADORO Cinema. **Mulher-Maravilha**. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-173720/>> . Acesso em: 10 mai. 2019.
- ADORO Cinema. **Batman Vs Superman - A Origem Da Justiça**. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-219262/criticas-adorocinema/>> . Acesso em: 10 mai. 2019.
- ALEXANDRE, Marcos. **O papel da mídia na difusão de representações sociais**. Comum, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 111-125, jul./dez. 2001.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação**. Em Aberto. Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar., 1994.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BELLINI, Pricila. **Por que precisamos de mais super heroínas?** SUPER INTERESSANTE, 2015. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/por-que-precisamos-de-mais-super-heroínas>>. Acesso em 10 de jun. 2018.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- BOBBIO, Norberto. Política. In BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco (Editores). **Dicionário de Política**. 5ªEdição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.
- BONIN, J. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, p. 121-127, 2008.
- BRIDI, Natalia. **Capitã Marvel: a origem, o passado polêmico e o renascimento da heroína**. OMELETE, 2019. Disponível em <<https://www.omelete.com.br/marvel-comics/capita-marvel-a-origem-o-passado-polemico-e-o-renascimento-da-heroína>>. Acesso em 05 jun. 2019
- CARVALHO, Debora. **A INSANA, MACHISTA HISTÓRIA E OS TRIUNFOS FEMINISTAS DA CAPITÃ MARVEL**. Garotas Geeks, 2019. Disponível em <<http://www.garotasgeeks.com/a-insana-machista-historia-e-os-triunfos-feministas-da-capita-marvel/>>. Acesso em 24 ago. 2019.

CUNHA, Jaqueline dos Santos. **A Representação feminina em mulher pantera e Mulher Maravilha**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2016.

DC Comics. **Omelete, s.d.** Disponível em <<https://www.omelete.com.br/dc-comics>>. Acesso em 10 nov. 2019.

DELCOLI, Caio. **Capitã Marvel: conheça a trajetória da heroína nos quadrinhos**. REVISTA GALILEU, 2019. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/02/capita-marvel-conheca-trajetoria-da-heroína-nos-quadrinhos.html>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ENGLER, Natalia. **Larson vibra, Marvel vende, mas qual é o real feminismo de "Capitã Marvel"?**. UOL TAB, 2019. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/03/08/larson-e-marvel-empolgam-mas-de-qual-feminismo-capita-marvel-fala-mesmo.htm>>. Acesso em: 20 de nov. 2018.

FARRELL, Amy Erdman. **A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular**. São Paulo: Editora Barracuda, 2004.

FLORES, Ruth. **Spin-off, Reboot, Prequel... entenda a diferença dos termos**. TRÊS MEIA CINCO FILMES, 2017. Disponível em: <<http://www.blog.365filmes.com.br/2017/05/spin-off-reboot-sequel-prequel-remake-entenda-a-diferença.html>>. Acesso em: 20 de nov. 2018.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e sexualidade**. Disponível em <[http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935\\_identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935_identidade_genero_revisado.pdf)>. Acesso em 22 mai. 2019.

HAUCH, Eduarda. **Mulher Maravilha: Uma Jornada Por Suas Re(a)presentações**. Tese de conclusão de curso. 95 f. Trabalho de Graduação (Bacharelado em ...) - Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182676/Mulher%20Maravilha%20Uma%20jornada%20por%20suas%20re%28a%29presenta%C3%A7%C3%B5es.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 13 de jul. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016.

HENDRIX, Grady. **Out for justice**. THE NEW YORK SUN, 2007. Disponível em: . Acesso em: 7 fev. 2017.

JODELET, Denise. **Representações Sociais: um domínio em expansão**. In D. Jodelet (Ed.) Les représentations sociales . Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves- Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993

JOVCHELOVITCH, S. **In Defense of Representations**. Journal for the Theory of Social Behaviour. 26 (2), 121-135, 1996.

KAPETANEAS, John; MCCARTHY, Kelly. **'Captain Marvel' star Brie Larson reveals why she said yes to the iconic role**. ABC NEWS, 2019. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Entertainment/captain-marvel-star-brie-larson-reveals-iconic-role/story?id=61458900>> . Acesso em: 10 de jun. 2018.

LEPORE, Jill. **A história secreta da mulher maravilha**. Tradução Érico Assis. BestSeller, 2014.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J.. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MCCAUSLAND, Elisa. **Por que Mulher Maravilha é a primeira super-heroína que busca a igualdade entre homens e mulheres**, 2017. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/cultura/1498464875\\_409948.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/cultura/1498464875_409948.html)>. Acesso em 22 set. 2019.

MULHER-Maravilha: Símbolo Feminino do Séc. XX? – Parte 3. **Vortex Cultural**, 2015. Disponível em <<http://www.vortexcultural.com.br/quadrinhos-e-hqs/mulher-maravilha-simbolo-feminino-sec-xx-parte-3/>>. Acesso em 10 jul. 2019.

MORIGI, Valdir Jose. **Teoria Social e Comunicação: Representações Sociais, Produção de Sentidos e Construção dos Imaginários Midiáticos**. Brasília: E-Compós, v.1, 2004

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: vozes, 2010.

MOTTA, Wallans Ferreira. TARDIN, Elaine Borges. Mulher maravilha: ícone feminista ou reafirmação de estereótipos? **Revista Transformar**, Itaperuna RJ, edição 11, p. 96-107, 2017.

PESSOA, Flávio. **Com quantas super heroínas se faz o cinema?**. SUPER INTERESSANTE, 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/com-quantas-heroínas-se-faz-o-cinema/>>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

SMEE, Guilherme. **Como A Mulher-Maravilha se Tornou Um Símbolo do Movimento Feminista?**. SPLASH PAGES, 2019. Disponível em:

<<https://splashpages.wordpress.com/2019/02/21/como-a-mulher-maravilha-se-tornou-um-simbolo-do-movimento-feminista/>>. Acesso em: 2 set. 2019.

SPINK, Mari J. **O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial**. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In T. T. Silva (Org), Identidade e diferença. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

SILVA, A; RIBEIRO, R; JOHN, V. **Mulheres latinas e arquétipos melodramáticos**: primeiras teorizações para uma crítica da ficção seriada. In: Encontro de Pesquisa em Comunicação, 7., 2016, Curitiba. Anais... Curitiba: Enpecom, 2016.

STRICKLAND, Carol. **The Rape of Ms. Marvel**. Disponível em: <<http://carolastrickland.com/comics/msmarvel/index.html>>. Acesso em 17 ago. 2019. TODOS os filmes do Universo Cinematográfico Marvel em ordem cronológica até Vingadores: Ultimato. **Adoro Cinema**, 2019. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-143707/>>. Acesso em 18 set. 2019.

WOODWARD, Katheryne. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In T. T. Silva (Org.), Identidade e diferença. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73-102.

WINTER, Yasmin; BARRETOS, Dayane do Carmo. **Mulheres Super-Heroínas**: Uma Análise da Representação Feminina a Partir do Episódio “Noite das Garotas” em The Flash. In: XXIV Congresso de Ciencias da Comunicacao da Regiao Sudeste, 2019, Anais...

YANIZ JR, Robert. **Before Gal Gadot: 5 On-Screen Appearances of Wonder Woman**. SHOWBIZ CHEAT SHEET, 2017. Disponível em: <<https://www.cheatsheet.com/entertainment/before-gal-gadot-5-onscreen-appearances-of-wonder-woman.html>> . Acesso em: 20 de nov. 2018.



## APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO ONLINE

1. Cidade e estado
2. Qual é o seu gênero?
3. Qual é a sua idade?
4. Qual é a sua cor?
5. Qual é o seu nível educacional?
6. Qual é a sua orientação sexual?
7. Possui alguma necessidade especial?
8. Você assistiu ao filme Mulher Maravilha?
9. Se sim, como você assistiu?
10. Por quais razões você assistiu ao filme Mulher Maravilha? (selecione até 3)
11. Você se considera fã de Mulher Maravilha?
12. O que você achou do filme?
13. Você participa de grupos de fãs OFFLINE de Mulher Maravilha? Exemplo: grupo de discussão, encontros, etc.
14. Você participa de grupos de fãs ONLINE de Mulher Maravilha? Exemplo: fórum, grupo no Facebook, etc.
15. Qual é o seu grau de participação nesses grupos?
16. Você participa/já participou de eventos relacionados a Mulher Maravilha?
17. Você faz/já fez cosplay da personagem Mulher Maravilha?
18. Assinale os tipos de atividade que você faz/já fez relacionadas à personagem Mulher Maravilha
19. Assinale quais produtos abaixo você consome relacionados à personagem Mulher Maravilha
20. Você se sente inspirada pela personagem Mulher Maravilha?
21. Você se sente representada pela personagem?
22. Você se identifica com a aparência física dela?
23. Você se identifica com os valores morais da Mulher Maravilha?
24. Você se identifica com a personalidade e atitudes da personagem?
25. Assinale com quais destas características da personagem você se identifica (assinale quantas opções quiser).

26. Eu me identifico com a Mulher Maravilha porque... (assinale até 3)
27. Qual das frases mais representa você?
28. O que você achou do desempenho da atriz Gal Gadot no papel de Mulher Maravilha?
29. O desempenho da atriz afetou a sua identificação/empatia com a personagem?
30. Você assistiu ao filme Capitã Marvel?
31. Se sim, como você assistiu?
32. Por quais razões você assistiu ao filme Capitã Marvel? (selecione até 3)
33. Você se considera fã de Capitã Marvel?
34. Você participa de grupos de fãs OFFLINE de Capitã Marvel? Exemplo: grupo de discussão, encontros, etc.
35. Você participa de grupos de fãs ONLINE de Capitã Marvel? Exemplo: fórum, grupo no Facebook, etc.
36. Qual é o seu grau de participação nesses grupos?
37. Você participa/já participou de eventos relacionados a Capitã Marvel?
38. Você faz/já fez cosplay da personagem Capitã Marvel?
39. Assinale os tipos de atividade que você faz/já fez relacionadas à personagem Capitã Marvel
40. Assinale quais produtos abaixo você consome relacionados à personagem Capitã Marvel
41. Você se sente inspirada pela personagem?
42. Você se sente representada por ela?
43. Você se identifica com a aparência física dela?
44. Você se identifica com os valores morais da Capitã Marvel?
45. Você se identifica com a personalidade e atitudes da personagem?
46. Assinale com quais destas características da personagem você se identifica (assinale quantas opções quiser).
47. Eu me identifico com a Capitã Marvel porque (Assinale até 3)
48. Qual das frases mais representa você?
49. O desempenho da atriz afetou a sua identificação/empatia com a personagem?
50. Qual super-heroína você prefere?

51. Por que?
52. Que papel as histórias da Mulher Maravilha e Capitã Marvel desempenham hoje? (Escolha até três opções que mais se aproximem da sua opinião).
53. Você assiste/já assistiu outras séries e filmes de super heróis protagonizados por mulheres?
54. E outros filmes de super heróis no geral?
55. Qual a importância de mulheres serem protagonistas histórias como essas?
56. Obrigada pelas respostas! Você tem interesse em participar da segunda etapa da pesquisa (entrevista/grupo de discussão)? Se sim, deixe seu NOME, CELULAR e EMAIL abaixo.

## **APÊNDICE 2 – SISTEMA DE PONTUAÇÃO PARA SELEÇÃO DE PARTICIPANTES AOS GRUPOS FOCAIS**

Primeiramente, foi usada a questão “Por quais razões você assistiu ao filme Capitã Marvel? (selecione até 3)”. Para esta pergunta, foi adotada a seguinte forma de pontuação para cada opção de resposta: Sou fã da Capitã Marvel 3 pontos; Acompanho os quadrinhos e queria ver como seria o filme 3 pontos; Sou fã de filmes de super heróis no geral 1 ponto; Eu adoro as produções da Marvel 2 pontos; Gosto de ver qualquer grande lançamento de filme (-3 pontos); Nenhuma razão em especial (-3 pontos). Para o restante das opções, a pontuação era nula pois as respostas não ajudavam a identificar se tratava-se de uma fã ou não. Essa determinação de opções nulas foi adotada também para todas as outras perguntas da seleção.

Em seguida, foi avaliada a pergunta “Você se considera fã de Capitã Marvel?”. A resposta Sim contava 1 ponto; Gosto da personagem, mas não me considero fã: 1 ponto; e Não gosto (-3 pontos).

Já as questões “Você participa de grupos de fãs de Capitã Marvel?” (tanto a pergunta referente a grupos online quanto a grupos offline) grupos online foi avaliada no formato: Sim significa 2 pontos e Não com 1 ponto.

Sobre “Qual é o seu grau de participação nesses grupos?”, as respostas foram: Não participo 1 ponto; Apenas acompanho as informações e curto/compartilho 1 ponto; Comento e interajo com outras pessoas 1 ponto; Participo ativamente, crio posts 2 pontos.

Em relação às perguntas: “Você participa/já participou de eventos relacionados a Capitã Marvel?” e “Você faz/já fez cosplay da personagem Capitã Marvel?”, foi adotado o critério: Sim 2 pontos e Não 1 ponto.

A respeito da questão “Assinale os tipos de atividade que você faz/já fez relacionadas à personagem Capitã Marvel”, o sistema de pontuação atribuído foi: Crio/criei fanfiction 3 pontos; Crio fan art 3 pontos; Criei página nas redes sociais 3 pontos; Criei um blog 3 pontos; Leio/já li fanfiction 2 pontos; Acompanho blogs 2 pontos; Participo de debates online ou offline 2 pontos; Consumo/já consumi fanart 1 ponto; Acompanho páginas nas redes sociais (Youtube, Instagram, Facebook, Twitter, etc) 1 ponto; Coleciono objetos 1 ponto; Nenhuma das alternativas (-3 pontos).

Para a questão “Assinale quais produtos abaixo você consome relacionados à personagem Capitã Marvel”, a hierarquia escolhida foi: Quadrinhos (HQs) 2 pontos; Games 2 pontos; Animações 2 pontos; Action figure 2 pontos; Filmes 1 ponto; Roupas 1 ponto; Nenhum produto (-3 pontos).

Em “Você se sente representada por ela [a personagem]?”, utilizou-se: Sim 1 ponto; Parcialmente 1 ponto; Não (-3 pontos).

Em seguida, para a pergunta “Você assiste/já assistiu outras séries e filmes de super heróis protagonizados por mulheres?”, optou-se por: Os Vingadores 2 pontos; Supergirl 1 ponto; Agentes da SHIELD 1 ponto; Jessica Jones 1 ponto; Agente Carter 1 ponto; Nenhum (-3 pontos). Foi determinado que “Os Vingadores” teria a maior pontuação por tratar-se de uma franquia de filmes extremamente conhecida entre os fãs de personagens da Marvel, como é o caso da Capitã.

Por fim, para a questão “E outras séries e filmes de super heróis no geral?”, optou-se pela pontuação de 1 ponto para cada filme dos estúdios Marvel que fosse assistido pelo respondente.

Para a seleção das fãs e não fãs da personagem Mulher Maravilha, foi aplicado o mesmo sistema de pontuações, com pequenas diferenças nas questões a seguir: “Você assiste/já assistiu outras séries e filmes de super heróis protagonizados por mulheres?” Para a resposta Supergirl 2 pontos; Agentes da SHIELD 1 ponto; Jessica Jones 1 ponto; Agente Carter 1 ponto; Os Vingadores 1 ponto; Nenhum (-3 pontos). A série Supergirl foi a escolhida para ter a maior pontuação pois trata-se de uma produção da DC Comics, amplamente conhecida entre os fãs da personagem Mulher Maravilha, que também foi criada por esta editora. Relativamente à pergunta “E outras séries e filmes de super heróis no geral?” foi contabilizado 1 ponto para cada filme da DC Comics assistido pela respondente.

### **APÊNDICE 3 – ROTEIRO PARA GRUPOS FOCAIS**

1. Vocês gostam das personagens Capitã Marvel e Mulher Maravilha? Por quê?
2. Vocês gostam de super-heróis no geral? Por quê?
3. Como vocês conheceram e começaram a se interessar pelas personagens?
4. Qual das duas super-heroínas vocês preferem e por quê?
5. O que vocês acharam dos filmes Mulher Maravilha e Capitã Marvel?
6. Qual filme vocês preferem e por quê?
  - 6.1 Se necessário, evidenciar depois a pergunta: Você acha que o filme representou bem a essência da personagem? Como?
7. Vocês se identificam com as personagens? Por quê?
  - 7.1 Existe alguma coisa que você não se identifica? Por quê?
  - 7.2 Vocês se identificam fisicamente com as personagens?
8. Na sua opinião, qual o papel que histórias como Mulher Maravilha e Capitã Marvel têm na sociedade hoje?
9. Vocês se sentem inspiradas por alguma das duas personagens? Por quê?
10. E vocês se sentem representadas por alguma das duas personagens? Por quê?
11. Tem outras super-heroínas que vocês se identificam? Por quê?